



ONDE ESTÁ  
DEUS?

ANTÓNIO GUIMARÃES X DIANA PINTO



# ONDE ESTÁ DEUS?

ANTÓNIO GUIMARÃES X DIANA PINTO



**1ª Edição:** Novembro de 2023

**Revisão** - Diana Pinto

**Diagramação e Paginação** - Grace Publisher

**Projeto Gráfico** - Space 47

**Capa:** Nilton Graça

**Conselho Editorial**

Samuel Maurício

Zeca Fiawana

**ISBN:** 9789403712420

**Grace Publisher**

Rua 15 de Agosto Malanje Angola

Email: [gracepu47@gmail.com](mailto:gracepu47@gmail.com)

Tell: +244 947 472 230 / +244 924 355 349

[www.gracepublisher.wordpress.com](http://www.gracepublisher.wordpress.com)

©António Guimarães x Diana Pinto ©Grace Publisher

Todos os direitos reservados, proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita da editora e dos autores.

# ÍNDICE

Prefácio .....	07
Prólogo .....	09
Capítulo 01 .....	12
Capítulo 02 .....	17
Capítulo 03 .....	19
Capítulo 04 .....	22
Capítulo 05 .....	26
Capítulo 06 .....	29
Capítulo 07 .....	33
Capítulo 08 .....	37
Capítulo 09 .....	40
Capítulo 10 .....	44
Capítulo 11 .....	47
Capítulo 12 .....	52
Capítulo 13 .....	57
Capítulo 14 .....	60
Capítulo 15 .....	64
Capítulo 16 .....	67
Capítulo 17 .....	71
Capítulo 18 .....	75
Capítulo 19 .....	77
Capítulo 20 .....	82
Capítulo 21 .....	84

Capítulo 22	86
Capítulo 23	89
Capítulo 24	94
Capítulo 25	98
Capítulo 26	104
Capítulo 27	107
Capítulo 28	112
Capítulo 29	116
Capítulo 30	119
Capítulo 31	122
Capítulo 32	124
Capítulo 33	127
Capítulo 34	131
Capítulo 35	134
Capítulo 36	136
Capítulo 37	140
Capítulo 38	143
Capítulo 39	147
Capítulo 40	150
Capítulo 41	152
Capítulo 42	156

*Gostaria de agradecer aos meus pais, que, mesmo com os seus problemas de saúde, sempre estiveram comigo.*

*À minha querida irmã, Atalia, pelo apoio e companheirismo todos estes anos.*

*Aos meus colegas escritores e do meu trabalho, que gritaram de emoção ao meu lado quando consegui ter o meu filho nas mãos.*

*E a todos os leitores que irão emocionar-se com cada página lida.*

*Obrigada a todos!*

# Prefácio

É com um enorme prazer que fui convidada pela Nathaniela a escrever o prefácio desta sua grande obra. Não sou apenas sua irmã, sou sua amiga e apoiante.

Quando ela me disse que tinha começado a escrever o livro da vida dela, o livro que ela queria ler, e que eu tinha sido o seu incentivo, fiquei feliz, porque nem tive a intenção de a fazer escrever algo sobre este tema. Tive o privilégio ainda de ser a primeira pessoa a ler esta obra e por ter-me dado a honra de ser a leitora beta da mesma.

O nome dela será, com certeza, sempre lembrado como escritora devido a esta marca que fará com que todos os leitores absorvam o talento desta jovem.

Apesar de todos os desafios, Nathaniela soube contorná-los e colocar estas palavras em frente ao público.

Nathaniela foi negada por profissionais, foi excluída no meio do seu percurso como escritora aspirante, mas “*Onde Está Deus?*” é a prova de que, mesmo com os obstáculos, pode-se vencer no meio literário e trazer algo bom para o público.

E agora, caros leitores, gostaria de vos apresentar esta obra. “*Onde Está Deus?*” é exactamente o que o título indica. Na história temos sempre esta questão a pairar por cima das nossas cabeças, as nossas mentes fluem no enredo e tentamos descobrir onde ele está, no meio de tantas adversidades que ocorrem em cada capítulo lido. Esta é uma história de seitas, uma história que nos revela a crueldade humana.

Esta é uma história que nos faz não querer parar de ler. A cada capítulo haverá sempre mais e mais vontade.

Com esta obra, Nathaniela mostra-nos mensagens claras sobre o poder de Deus, sobre o poder de alguém superior que se encontra acima de nós e que nos guia, mesmo que pareça que não nos ouve, nem vê.

Com uma mistura entre realidade e ficção, a autora coloca-nos vidrados nas páginas.

Isto é um thriller de acção protagonizado por Amara que nos vai levar a aventuras repletas de traição, conspiração, segredos, enigmas, linguagens pouco conhecidas e assassinos, onde vidas puras são perdidas.

*- Atalia*



# Prólogo

— Senhor dos Turbulentos, reunimo-nos para ti esta noite! — Era ouvido dentro de um armazém abandonado no meio de uma floresta imensa.

Uma jovem morena encontrava-se deitada de costas no chão, no centro de uma roda feita por homens vestidos de túnicas brancas. Ela sorria, rendida, com um ar alucinado.

Símbolos encontravam-se gravados nas paredes do armazém e um círculo pintado a vermelho no chão, lugar onde se encontrava deitada a rapariga adolescente. Apenas cinco velas, bem posicionadas sobre o círculo, iluminavam o local.

Lá fora, vento corria por entre as árvores, fazendo um grito em forma de assobio. Estavam perdidos dentro de um armazém no meio de uma floresta de nada... ou de tudo. Tudo quanto era folhas, verde e corujas. Seria o local perfeito para uma carnificina.

Não, não era uma carnificina, era a actuação de uma seita. Estavam precisamente doze pessoas dentro do espaço de madeira fechado. A décima terceira encontrava-se a chegar. Os passos foram ouvidos. As botas batiam com força nas folhas mortas, fazendo leves estalidos.

Os onze homens olharam para a porta, ao ouvirem-na ranger. Um homem de meia-idade chegava ao local vestido com a mesma túnica branca. Fez apenas um aceno afirmativo com a cabeça, fechando a porta em seguida e colocando-se próximo à mesma, afastando-se do círculo.

Estava tudo pronto.

— Senhor das almas perdidas, recebe esta alma pura e livra-nos deste mal que nos corrompe. — O mesmo homem falou. Parecia ser o chefe desta organização.

No segundo seguinte, ouviram-se gemidos. Não eram da jovem que se encontrava no chão, era de algo, ou de alguém, um ser que não se via, mas em que se acreditava. Todos os homens fizeram o sinal da cruz invertida. O que estava perto da porta levantou um pentagrama. Uma luz vermelha irradiou até ele vinda de uma das janelas do armazém. A chama das velas começou a perder a força. O homem que falou tirou de dentro da sua túnica uma faca afiada. Aproximou-se da jovem, abrindo-lhe a camisola ao meio, seguida pela sutiã. A rapariga continuava deslumbrada, completamente cega, enquanto sentia as suas calças a serem-lhe retiradas, juntamente com a roupa interior. Viu-se desnuda no meio de doze homens. Mas não se importou. Continuou como se estivesse em estado de transe. Os dez homens colocaram-se de joelhos, já o que lhe tinha tirado a roupa, afastou-se, voltando ao seu lugar inicial. Os restantes aproximaram-se, com as bocas sedentas. Possuíram a jovem, enquanto o homem que se encontrava em pé, próximo ao círculo, iniciava umas rezas impossíveis de serem repetidas por um leigo. O homem que estava um pouco mais afastado, levantou ainda mais o pentagrama. Não demorou muito tempo até que o ritual estivesse concluído. As velas apagaram – sinal de que estaria terminado. Os homens afastaram-se da jovem, que agora mantinha-se de olhos fechados, a sentir o prazer dentro de si mesma. As velas acenderam-se novamente. O homem próximo do círculo aproximou-se dela. Com a mesma faca, encostou-a entre os seios da jovem e foi descendo até ao seu centro. Depois colocou a faca abaixo do seio direito da jovem seguindo uma linha recta até ao seio esquerdo. Tinha terminado de fazer o sinal da cruz. Levantou a faca, deu balanço e espetou o objecto cinco vezes na rapariga. Assim

que a alma saiu do corpo, as velas voltaram a piscar.

Fim do ritual.

Voltariam assim que mais uma alma pura estivesse pronta para dar-se ao Senhor dos Turbulentos.

# Capítulo 01

Existem momentos que nos deixam sem respiração, momentos que não sabemos se vamos poder continuar, momentos que nos vão marcar para sempre... são nesses momentos que os sentimentos doem e doem muito. O que fazemos com tanta dor? Se nos dói, se necessitamos de chorar, se falamos mal para alguém, o que fazemos? Onde está essa borracha que apaga, ou evita todo o sofrimento? Em certos momentos, provavelmente vamos procurar algo para não sentirmos, algo que nos evite aproximar desse sofrimento, mas não existe. Não há borracha mágica que apague todo o sofrimento de uma pessoa, de uma família, ou de uma sociedade. O que podemos fazer quando esses sentimentos doem tanto e não podemos controlá-los? Respiramos.

Às vezes acreditamos que a respiração é algo que está ali e que não precisamos de prestar atenção para que ela faça o seu trabalho, percebemos apenas que o poder dela é grande, grande o bastante para se fazer sentir, mesmo que ninguém a veja. Para contornarmos momentos complicados, basta pensarmos nela. Temos de ter consciência da nossa respiração, conseguir diminuir, ou equilibrar qualquer

momento de ansiedade, pânico, só ter consciência na respiração... E a magia acontece.

O mesmo ocorre com Deus. Não o vemos, mas ele está lá e, quando precisamos dele, ele aparece. Nos momentos apertados da nossa vida, ele está lá. Está sempre lá, como um anjo da guarda que nos zela.

— Obrigado a todas e a todos! Vemo-nos na próxima semana. — O pastor baixou a cabeça em sinal de agradecimento e afastou-se. Os fiéis começaram a dispersar para fora da Igreja.

Amara, com a Bíblia encostada ao peito, caminhou para o exterior a sorrir. Olhou para o céu, ao chegar à rua, fazendo a cascata de cabelos morenos lisos tombarem para trás. Estava a começar a ficar um sol estridente. Uma jovem aproximou-se dela.

— Amara, aquilo foi bom! — Sussurrou ao ouvido da amiga, esticando-se um pouco. A morena de olhos escuros voltou o olhar para a frente, feliz.

— Eu disse-te, Olga. O profeta é maravilhoso. Ele dá sempre a esta hora aos jovens.

— É bem diferente do que aquelas que presenciava durante o fim da tarde.

As duas raparigas, com as suas Bíblias encostadas ao peito, caminharam a passo calmo até ao carro da linda morena. Pelo caminho, Amara cumprimentava vários jovens. Olga sorria, achando-se toda importante por estar próxima da amiga. Amara era bastante famosa na cidade. Filha do prefeito, tinha bastantes atenções, não só masculinas, como femininas. Os rapazes gostavam de a cortejar e as raparigas gostavam de ser suas amigas. Por sorte, Olga conheceu Amara antes da fama a atingir e conseguiu o posto de melhor amiga.

Amara era linda. Olhos cor de chocolate negro e um cabelo brilhante, todas as jovens queriam apenas saber os segredos da sua beleza.

Entraram no automóvel, a sorrir. A morena linda, ao volante, conduziu até sua casa, enquanto ouviam na rádio uma música pop conhecida internacionalmente. Por onde passavam, algumas pessoas acenavam a Amara. Já conheciam o seu veículo. Um descapotável parecido com as das jovens riquinhas, de cor creme. Havia imensa inveja a pairar pela cabeça de Amara, além da admiração, porém ela prevenia-se usando a religião. De acordo com ela, se estivesse próxima de Deus, não seria atacada por pecados capitais.

Estacionou em frente à sua casa. Alguns vizinhos jovens ouviam música rap, encostados às paredes de outras habitações. Música cristã surgia mais alta vinda de uma casa ao lado da dos pais de Amara. Uma jovem saiu de dentro da mesma e reparou nas duas amigas a saírem do carro.

— Olha quem é ela! Amara, querida! — Vanessa sussurrou. Olga revirou os olhos, de costas para a rapariga, com uma mecha do cabelo encaracolado em frente ao olho direito. Amara sorriu, parecia que nem se importava com o ar irónico da jovem.

— Não te vi na Igreja hoje, o que aconteceu, Vanessa? — Amara perguntou, a mostrar-se preocupada, enquanto trancava o carro e aproximava-se.

— Tive de estudar, vou à da tarde com os meus pais.

Vanessa era outra jovem da mesma idade de Olga e Amara, com poucas posses, mas era mais avincada na sua religião. Morena e com cabelos encaracolados, era ascendente de família cigana. Tinha uma beleza única, sendo das poucas ciganas na cidade. Os pais viajaram para aquele local, devido às dificuldades financeiras. Com a sua proximidade com a Igreja, conseguiram ficar com uma boa casa.

— Vamos ter uma visita de estudo para a semana. Não precisamos de fazer os trabalhos agora, vamos ter a prática já na próxima quarta-feira. — Relembrou Olga, levemente aborrecida.

— Claro, querida, mas eu preciso de estudar para conseguir con-

cluir o meu curso. — Vanessa disse, enquanto atirava a cascata de cabelos para trás das costas, numa forma de causar inveja à colega Olga, que tinha a sua juba relativamente mais curta.

As três jovens, de vinte anos, eram colegas no mesmo curso de Arqueologia. Na próxima quarta-feira teriam uma visita de estudo até um sítio arqueológico, para um exercício prático. Domingo seria um dia de descanso, onde se iria à Igreja, de manhã para jovens, ao fim da tarde para adultos e famílias, e se dormia. Mas Vanessa decidiu estudar naquele dia. Não era uma aluna bastante estudiosa, mas, tendo ela poucos recursos financeiros, não teria as mesmas regalias que algumas das suas colegas, entre elas Amara, por quem nutria alguma inveja. As duas disputavam atenções, mas Amara tinha a vantagem monetária.

Um dos rapazes que ouvia música ao lado assobiou para Vanessa. Esta virou a sua atenção para ele e sorriu, aproximando-se. Amara e Olga seguiram as suas vidas, entrando em casa.

— Aposto que ela já não é assim tão pura. — Sussurrou Olga, ao entrar.

— Não sejas assim. — Desvalorizou. — A Vanessa só não gosta de grupos.

— Ela nunca gostou de grupos, ela é sozinha, porque ninguém a aguenta.

— Ah, não é bem assim, ela é procurada.

— Ah, claro, Amara. É procurada por ser bonita, são coisas bem diferentes do que ser procurada como amiga.

As duas seguiram até ao quarto de Amara, de onde vinham barulhos. Ao entrarem, viram três raparigas sentadas no chão a verem um filme de terror. O som vinha da televisão. Dividiam juntas dois pacotes de pipocas. Ao verem Olga e Amara, sorriram.

— Vieram na parte melhor. Olhem-me este plot twist. — A que tinha o cabelo mais curto, que estava mais próxima à entrada da por-

ta, falou.

A que estava sentada no meio levantou-se para ajeitar os calções.

— Abanquem-se por aí.

Olga pousou a Bíblia na mesa e aproximou-se, Amara só ficou apenas a olhar para o filme.

— Vocês não aprendem nada, pois não? — Perguntou desiludida. As quatro olharam para ela, sem entenderem. — Porquê filmes de terror? Isso é tudo um grande pecado. Deus não iria gostar.

— Deus não está aqui. — Respondeu a jovem que ainda não tinha falado.

— Deus está aqui, Elma! — Amara falou, sem notar-se chateada. Ela controlava-se bastante para não explodir. Pensava sempre em Deus, no que ele pensaria se ela gritasse e explodisse. Não iria gostar.

Olga sentou-se ao lado de Elma. Elma era de temperamento forte, mesmo sendo Amara a líder do grupo. Telma, a de cabelo mais curto, era a que mais seguia a líder com a sua força de vontade bem vincada. Irene era a mais pacífica entre elas.

Amara percebeu que, desta vez, não teria como levar as amigas para longe daquele pecado e saiu do seu quarto, levando o seu livro de estudo. Iria fazer o mesmo que Vanessa.



## Capítulo 02

Ele engoliu em seco, enquanto acariciava a Bíblia, de capa preta e letras em tons de sol. Tinha terminado o culto do dia. Por algum motivo, os jovens daquela cidade gostavam de ouvir a palavra do Senhor, antes de irem às suas vidas pecadoras. Olhou para uma das janelas enormes da Igreja e viu o sol a clarear o local do lado de fora e também do lado de dentro. Carros estacionados bem torrados estavam expostos ao novo dia, que se esperava árduo para aquele homem religioso. O fim da noite seria desafiante. Já estaria à espera da sua ovelha, tão bem encaixada nele, que iria para qualquer lugar que lhe fosse indicado. Abriu a Bíblia na página onde um marcador negro se mantinha, bem direito. Leu-a:

*“Sirvam aos seus senhores de boa vontade, porque sabem que o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticarem.”*

Riu-se. O culto finalizou-se com aquela frase, tão bem acrescentada para terminar. Puxou uma cadeira, na sala dos pastores, e sentou-se, a respirar fundo. Tirou um lenço vermelho de dentro do bolso esquerdo e limpou a testa, que suava. À sua frente, a porta rangeu,

causando-lhe um leve susto.

— Está tudo pronto? — Inquiriu um homem vestido da mesma forma que o profeta, que entrava, sério.

— Está. Ela virá ter comigo hoje à noite aqui. — Respondeu.

Tinha pensado que tinha chegado a sua vez, que os seus fantasmas tinham surgido, ganhando vida e abrindo a porta.

— Iremos ter um grande evento hoje. Espero que estejas preparado. Esta cidade terá muitas almas puras e tu serás o mestre de cerimónias.

Tremeu. Seria muita responsabilidade para ele. Assentiu com a cabeça.

— Estaremos lá fora. — Falou, saindo da sala, em seguida.

O profeta levantou-se a custo. Fez o sinal da cruz invertida. Juntando a Bíblia ao peito, sussurrou: “*Senhor guiai-me até à sua paz, diga-me que estou pronto para esta nobre tarefa*”. Uma luz do sol reluziu mais forte para dentro da sala. O homem sorriu levemente, aliviado. O Senhor ordena e os fiéis cumprem.

## Capítulo 03

As quatro amigas saíram do quarto de Amara. Tinham terminado de ver o filme. A líder do grupo encontrava-se sentada numa cadeira curvada sobre a mesa da sala, a ler o livro escolar.

— Oh, Amara! Foi um final incrível! Deverias ter visto. — Elma referiu, a sorrir.

— Preferi estudar. — Levantou a cabeça, também sorridente.

As amigas puxaram cadeiras e sentaram-se em volta da mesa.

— Olha, pelo menos a Elma anda naquele curso de como vencer na vida que tu sugeriste. — Irene comentou.

— Termina hoje. — A rapariga referiu. — Vou ter à sala de educação moral e religiosa. Hoje vamos ver um filme super animado.

— Bem diferente do que viram hoje, imagino. — Amara disse, a sorrir.

As amigas riram-se. Olga ausentou-se por alguns segundos da sala, enquanto as raparigas falavam de Vanessa. A colega quando era mencionada nunca seria por boas razões. Todas a detestavam, mas Amara sempre tinha alguma palavra doce para falar. Ao regressar,

Olga trazia um panfleto.

— Fui convidada para uma palestra de autoajuda quando fui a entrar na Igreja hoje. — Sentou-se na cadeira. — Esqueci-me completamente de dizer quando saí. Aquilo foi tão bom! — Exclamou, animada. Amara sorriu, satisfeita. Mais uma convertida.

Primeiro foi Telma, a sua fiel seguidora, não só fisicamente, como virtualmente, nas redes sociais. Sempre deixava um gosto nas publicações da sua líder e absorvia todas as dicas de beleza que lhe eram ditas. Era cega pela atenção da colega. Totalmente uma admiradora. Apenas naquele Domingo é que a jovem decidiu não a seguir, pois iria à missa da tarde com os pais. Telma já era religiosa, mas, com a amizade de Amara, a rapariga pôde ficar mais ligada à Igreja. Amara não tinha problema nenhum com Telma. A colega estremeceu quando a bonita futura arqueóloga se dirigiu a ela pela primeira vez. Telma via-se uma grande sortuda.

Irene foi de seguida. Bastante calma no seu dia-a-dia, a amizade com Amara surgiu leve como o vento. Tinham coisas em comum, por exemplo o gosto por músicas cristãs, os brilhos nos objectos e nas roupas, ou ainda por canetas. A amizade entre elas começou como uma amizade entre dois meninos: enquanto eles trocavam cromos para cadernetas, elas trocavam canetas e roupas brilhantes.

Já entre Olga e Elma, as coisas eram um pouco mais complicadas. A melhor amiga não era assim tão religiosa e, mesmo já a conhecendo bem, era um desafio levá-la até uma Igreja. Aquele Domingo foi uma vitória para Amara. Deus iria ficar contente por ela.

E Elma... bem, ela tem ido à formação sobre como vencer na vida, já era um passo importante. Era vista com uma Bíblia nas mãos, mas não queria ceder e dizer que já tinha acreditado em Deus. Ela era mais renitente, é certo, mas só esses pequenos passos faziam Amara feliz.

— Deus ficará feliz em ver-nos assim, próximas e juntas, a pregar

a palavra dele. — Irene comentou a sorrir, abraçando Amara, que estava sentada ao seu lado direito.

# Capítulo 04

A tarde passou-se, ensolarada. A noite chegou, um pouco mais amena. Era já pôr do sol quando Elma saiu de casa de Amara, onde tinha passado o dia inteiro. Com a Bíblia escondida na sua mala, tirou-a quando caminhou até à escola. Amara não poderia ficar a saber que ela acreditava em Deus e seguia os ensinamentos Dele. Admirava a sua pressão, o seu vínculo religioso, mas sabia que ela sorriria de forma vitoriosa, tal como o fez com Olga naquela tarde. Estaria quase próxima de cometer um pecado capital.

Viu colegas suas na entrada da sala de educação moral e religiosa. Cumprimentou-as a todas. Elas tinham ficado próximas, após aquelas nove aulas de formação. Haviam-se tornado numa família. Eram todas vistas como irmãs. A porta da sala abriu-se. O profeta estava com uma batina branca. Saudou-as a sorrir. As meninas, doze naquela formação, entraram na sala e sentaram-se nas cadeiras. O homem, de costas, sorria de forma maliciosa. O ritual iria ocorrer naquela noite, mas primeiro, iniciar-se-ia o culto. Virou-se para a jovens, depois de colocar o filme que iriam ver.

— Boa noite a todas! Esta noite será a noite em que vocês estarão em pleno para abraçarem o Senhor. Estarão aptas para o seguir e pregar os seus ensinamentos. Nesta aula, saberão como chegar ao fim, ao vosso limite da felicidade, como irão conseguir chegar ao último degrau para o sucesso. Depois de verem este filme, gostaria que se dirigissem comigo até à Igreja, onde iniciaremos um ritual pleno, onde estarão a ser guiadas pelo nosso Senhor até ao momento do fim dos vossos dias.

As meninas sorriram, enquanto afirmavam com a cabeça. Pobres ovelhas. Já estavam cegas. Nem precisariam de filme. Mas era necessário, eram as regras para a plenitude do ritual.

O profeta desligou as luzes, ficando a sala apenas iluminada pelas imagens do filme. Apertou no play. E uma hora e trinta minutos passaram, com sons e imagens psicadélicos, que levaram as jovens a ficarem com os olhos colados ao ecrã. Os sons têm capacidade de levar a efeitos cognitivos e mentais e todo o ritual estava a ser concretizado. As ovelhas estavam a ficar cegas, com a mistura de imagens e de sons. Era já noite quando o filme terminou, mas não podiam saber dentro da sala. O profeta desligou a televisão. Tudo ficou às escuras e em silêncio por breves segundos. A luz de uma vela, iluminou o local.

— Acompanhem-me. — Sussurrou o homem.

As ovelhas seguiram o pastor. Saíram da sala, todo o corredor igualmente negro, apenas a vela iluminava o caminho. Sombras surgiam em cada canto do corredor. Eram mais profetas, que seguiam o ritual de longe. Queriam que tudo estivesse perfeito para o culto. As doze jovens seguiram, alucinadas, em linha recta. O homem atravessou a escola pelas traseiras e caminhou pela estrada até à Igreja, logo ao lado. Ao chegar à entrada principal, estacou. À sua frente estavam mais colegas, com velas no chão, bem encaixadas em cima de um círculo pintado a vermelho. Ele apagou a vela que o tinha conduzido a ele e às raparigas até ali, assoprando-a. Fez uma vénia aos colegas e

virou-se para trás. As jovens, cegas, olhavam directamente para o seu pastor. Ele sorriu para todas elas.

— Dispam-se até às vossas peles. — Pediu, com voz calma e suave.

Elas assim o fizeram. Enquanto isso, bancos eram colocados bem posicionados em cima de círculos em frente ao círculo maior que estava com velas a iluminarem-no. Pela mão, o profeta levava três jovens desnudas até cada um dos quatro bancos. Tudo no maior silêncio, enquanto outras quatro mulheres surgiam igualmente desnudas para acariciarem as raparigas. O ritual estava a concretizar-se. Os homens situaram-se juntos nos seus postos em redor do círculo ao centro, enquanto as mulheres adiantavam o culto, tornando as jovens aptas para se darem ao Senhor. Elas já não tinham mente no local presente, elas só pensavam no prazer de se darem ao Senhor e no prazer que sentiam. Duas palmas pararam as mulheres. O profeta, que se situava posicionado a norte do círculo central, fez o barulho, fazendo com que a sua ordem sem falas fosse seguidamente aceite. Elas levantaram-se e colocaram todas as jovens no interior do círculo maior, sentadas de joelhos, a olharem para o tecto. Com olhares petrificados, elas ali ficaram, enquanto o profeta iniciava o ritual, começando a falar numa linguagem entendida por poucos. As velas começaram a piscar, enquanto os profetas fechavam as mãos uma na outra e repetiam as palavras do profeta, que parecia ser o líder. As jovens gemeram ao sentirem a presença maligna dentro delas, a acariciá-las. Tinham acabado de dar as suas almas a Ele.

— Senhor, recebe estas almas puras para que nos benzes com as tuas bênçãos. — Falou o profeta líder.

As jovens abriram mais os olhos, ao serem acolhidas pelo poder Dele. As velas apagaram por breves segundos, voltando a darem luz momentos depois. Tinha terminado.

Os profetas, sete posicionados entre o círculo, aproximaram-se



das raparigas tirando todos eles facas de dentro das suas batinas brancas. Juntos aproximaram-se de algumas jovens e colocaram-nas deitadas de barriga para cima. Com as suas facas, fizeram um fino corte entre os seios. Aproximaram-se com as suas bocas, bebendo o líquido vermelho. Aquelas não seriam apenas cobaias, elas também poderiam ser alimento, pelo pacto de sangue que os alimentaria até às próximas vítimas.

Já não haveria nomes. Elma? Que Elma? Amanhã não haveria mais nenhuma amiga de Amara. Elma seria uma alma pura, que se deu ao Senhor dos Turbulentos.

## Capítulo 05

Segunda-Feira chegou. Todos os estudantes acordaram por volta das seis da manhã para se prepararem para mais um dia escolar. Já os adultos acordaram para mais um dia de trabalho, para as suas horas cansativas. Alguns saíam à pressa para as suas vidas profissionais, sem olharem para o interior das suas casas. Talvez isso tivesse acontecido com os pais de Elma, porém tudo foi feito ao pormenor.

Amara acordou bem-disposta, como sempre. Preparou os seus livros para o dia e saiu de casa rapidamente, indo até ao seu carro. Vanessa foi a primeira pessoa que ela viu ao sair do conforto do lar.

— Bom dia, Amara! Mais um dia, não é?

— Olá, Vanessa! Espero que tenhas dormido bem e desejo-te um excelente dia, se Deus quiser. — Amara sorriu.

Vanessa agradeceu, indo até à paragem de autocarro, mas Amara, antes de entrar no carro, chamou-a.

— Não queres uma boleia?

Vanessa encolheu os ombros e aproximou-se, aceitando. Deus iria

ficar feliz com a atitude de Amara. Vanessa poderia ser vista como uma colega terrível, mas era um ser humano e merecia respeito por quem é bom. Amara seguia os ensinamentos Dele, sabia que a forma como tratava as outras pessoas chegaria até ela. Toda a gente colhe o que planta. Ela via o seu futuro sorridente, já que sempre tratou o outro bem.

Foi no meio de uma conversa coloquial que as duas pararam na faculdade. Vanessa, sempre com a imagem de marca: um gancho no cabelo. Já estava uma enchente de alunos à porta. Alguns com os seus livros, outros ainda a colocarem os óculos, outros ainda a bocejarem, outros a ouvirem música para poderem ter os ouvidos mais aptos para o dia, outros ainda vinham com comida numa das mãos, basicamente ainda tentavam fortalecer-se para o dia longo que se via pela frente.

As duas saíram do carro. Começaram logo a ser cumprimentadas. Vanessa talvez sentisse que haveria uma rivalidade, mas Amara não queria ir por esse lado, elas lideravam colegas e teriam de ser ótimas líderes. Para ela, o poder de liderança era algo que deveria ser visto com responsabilidade. Vanessa também via esse poder como algo importante, uma situação que tinham as duas em comum.

Passearam juntas pelos corredores, Amara com a Bíblia nas mãos, até que viram as amigas da religiosa. Vanessa, nesse momento, deu um tchau com a mão e afastou-se a sorrir. Amara aproximou-se das amigas.

— Estavas com a Vanessa? — Telma nem a cumprimentou.

— Sim, temos de nos unir em algumas questões. Ela é ótima pessoa, vocês é que ainda não a viram com olhos de ver.

— Com os olhos de Deus, queres tu dizer. — Olga rectificou. Amara sorriu em resposta.

— A Elma enviou-me uma mensagem de voz a dizer que adorou as dez aulas de formação e que viajou. — Irene comentou.

Todas ficaram surpreendidas. Amara, nesse momento, é cumpri-

mentada por um grupo de rapazes que iam a passar.

— Viajou? — Olga perguntou.

— Sim. — Irene tirou o telemóvel do bolso das calças de ganga e mexeu nele. Aumentou o volume, enquanto as raparigas se aproximavam mais para ouvirem a mensagem.

*“Olá, meninas! Adorei a formação! Esta última aula foi incrível, disse-nos coisas maravilhosas sobre como vencermos na vida. Decidi viajar com as minhas colegas para aproveitarmos as dicas aprendidas. Vejo-vos em breve! Beijos a todas!”*

— A Elma não é o tipo de pessoa que faz estas coisas. — Amara mencionou, desconfiada.

— Ela está a fazer o que tu lhe pediste: ser feliz, ou, pelo menos, a tentar a felicidade. — Olga disse, a sorrir.

Soou um toque alto. Era a campainha escolar, que indicava o início da aula. As raparigas começaram a caminhar até à sala, Amara ficou um pouco para trás, dizendo apenas que ainda iria à casa de banho. Pegou no telemóvel e marcou o número de Elma. Estava desligado. Ficou a olhar para o objecto, pensativa. A Elma não faria aquilo. Mas deixaria passar alguns dias para ter alguma confirmação do que o seu sexto sentido lhe dizia.

## Capítulo 06

Amara ficou quieta durante um dia inteiro. Os familiares de Elma confirmaram que a filha tinha realmente viajado por algum tempo. A jovem ficou levemente aliviada, mas, mesmo assim, algo continuava a inquietá-la. Seria Deus a dar-lhe sinais de que algo estava errado?

Quarta-Feira chegou e fez aquela questão desaparecer da sua mente. Tinha chegado o momento em que iriam fazer uma visita de estudo até ao sítio arqueológico para um exercício prático.

As rodas da carrinha acariciavam o asfalto das ruas, que, algumas vezes, viam um buraco. O céu mostrava um sol bonito, mas não tão quente. Ainda eram nove da manhã.

Os estudantes estavam todos animados, enquanto eram levados até ao local. Eles iriam analisar rochas e vestígios. Um momento prático, finalmente. Irene, Olga e Telma olhavam para a paisagem, concentradas. Amara estava ainda intrigada, por momentos, a olhar para o seu telemóvel. Elma estaria levemente mais animada do que elas. Ela adorava exercícios práticos. Foi inevitável lembrar a amiga. Ao som de uma música na rádio, Amara perdia-se em memórias.

Sentia saudades de Elma e nem uma semana tinha passado desde a sua ausência. Com o fim da canção, uma voz de um jovem locutor soou.

*“Morreu nesta madrugada uma jovem religiosa. O corpo foi encontrado inanimado no chão da sua casa, com uma palavra indecifrável escrita a vermelho na sua barriga desnuda...”*

A voz desapareceu, o condutor tinha alterado a estação de rádio. Não queriam ouvir desgraças logo pela manhã, nem ele e nem os estudantes que iriam trabalhar animados naquele dia. Mas o olhar de Amara brilhou com uma novidade. Bateu na amiga ao seu lado, que olhava pela janela. Despertou Olga dos seus devaneios.

— O que se passa? — Perguntou, ao virar a cabeça para Amara.

— Ouviste?

— O quê?

— O que estava na rádio?

— Não prestei atenção, desculpa.

Irene sentiu batidas no seu banco. Amara bateu de leve no banco à sua frente. Curvou-se para o meio dos dois bancos, esticando a cabeça.

— Vocês ouviram a rádio?

Irene e Telma abanaram a cabeça. Amara retomou a colocar as costas no seu banco e bufou. Seria algo da cabeça dela. Infelizmente, só ela é que teria ouvido, no meio de todo o burburinho e de conversas paralelas que ocorriam dentro do autocarro.

A sua garganta estava cheia de questões. Mas a maior era *“e se?”*. E se fosse a sua amiga? Provavelmente, estaria a pensar em coisas completamente surreais, ela só viajou, não foi assassinada. Mas algo continuava a dizer-lhe que não era bem assim, que haveria algo por detrás. Mas o que seria?

Colocou a mão no bolso direito das suas calças de ganga e tirou de dentro dele um crucifixo. Com a mão fechada, fez uma reza em

silêncio. Teria de se proteger de ideias macabras. Voltou a colocar o objecto no bolso e abanou a cabeça, tentando retomar a sua mente para o autocarro.

O sol ficava mais forte à medida que chegavam ao destino. O local era cheio de rochas. O autocarro estacionou num lugar próprio e os estudantes foram saindo rapidamente, animados. As quatro amigas saíram, enquanto olhavam para vários hectares de terra à sua frente.

— Vamos ainda andar isto tudo? — Telma questionou.

O professor riu-se, ao ouvir o comentário.

— Cada um de vocês pode parar onde quiser. A ideia é colocarem as mãos e analisarem o que aqui temos.

As amigas decidiram caminhar mais em frente, enquanto uns quantos preguiçosos se mantinham logo ali. Amara nunca iria deixar as raparigas ficarem. A preguiça era um dos pecados capitais. Pelo canto do olho, pôde reparar que Vanessa também se tinha deslocado. Bons religiosos teriam isso em conta.

As amigas decidiram parar no meio de uma grande rocha, tapada por alguns galhos de árvore, já secos pelo sol. Ali, já de luvas colocadas e com colher e pincel na mão, lá se colocaram de joelhos para o exercício prático. A ideia seria encontrar vestígios, que dariam alguma nota positiva no fim do trimestre.

Vanessa, ligeiramente mais afastada, já tinha colocado toda a sua atenção no buraco de terra à sua frente. Com uma fita métrica, já se colocava a medir o tamanho da abertura. Era funda e sentia que a terra ficava molhada, enquanto mais fundo escavava. Já com uma profundidade levemente grande, reparou num brilho no meio do escuro do buraco. Vanessa usou a pá para retirar a terra que o revestia. Reparou num anel. Pegou nele e guardou-o, sem que nenhum colega, ou o professor, o visse. Vanessa era inteligente o suficiente para saber que era impossível alguém tê-lo colocado lá para que algum aluno tivesse uma nota excelente. Seria impensável retirar toda

aquela terra, colocar o anel e voltar a tapar o buraco, como se fosse um exercício prático. Foi com alguma força que ela teve de retirar todo aquele excesso. Pelos seus largos meses de estudo, poderia ter a certeza que seria impossível alguém tê-lo colocado lá recentemente.

Ao longo das três horas de trabalho prático, a jovem, além das quatro amigas, foram se aproximando de uma gruta. Enquanto mais se aproximavam, mais viam maiores pedras. Vanessa ia atrás de terra mais molhada, indo o mais a norte possível, separando-se dos colegas e do professor. As quatro amigas, apenas por curiosidade, entravam mais perto da escuridão, longe do sol radiante que se fazia sentir. Secretamente, as amigas de Amara escondiam-se apenas do calor, mas a líder tinha outro pensamento por trás de si. Algo a chamava para aquele lugar. Só não sabia exactamente quem, ou o quê. Provavelmente, seria Deus.

A sombra chegou até às cinco estudantes. As pedras, que ao longe pareciam grandes, de perto deu para confirmar a sua proporção. Ficaram dez vezes maiores do que eram ao longe. O vento batia forte sobre as pedras e retornava forte na direcção delas.

— Chegámos. — Comentou Amara, a sentir uma força sobrenatural a atingi-la. Estava parada a olhar directamente para as rochas.

Por algum motivo, a voz dela saiu como um eco, que acordou o olhar de choque das amigas e de Vanessa, que já se encontrava de boca aberta, parada, a olhar. Telma olhou para cima e reparou que estavam cobertas por uma camada rochosa. Era óbvio que o som emitido sairia como um eco.

— Chegámos para o quê? — Olga perguntou, ao olhar para Amara, que continuava com o olhar retido nas pedras.

— Chegámos para ver a verdade.



## Capítulo 07

Um brilho reluziu dentro do bolso das calças de Vanessa. As raparigas olharam todas para ele.

— O que tens aí? — Perguntou Olga.

— Um anel. — Respondeu Vanessa, tirando-o de dentro do bolso. Era amarelo, com uma pedra brilhante.

Amara aproximou-se de Vanessa e olhou mais atenta para o anel. Os olhos dela acenderam-se. Era como se estivesse a ver o maior tesouro do mundo, mas era apenas um anel. Será que seria apenas isso?

— Será que vamos encontrar algum tesouro aqui? — Perguntou Irene.

— Será que esse era o desafio do professor? — Questionou Telma.

— Impossível — Respondeu Vanessa —, encontrei este anel a escavar até ao fundo, a terra já se encontrava molhada. Foi difícil chegar até ele. — Ao voltar a cabeça para a sua frente, reposicionou o capacete de protecção.

— Então é um tesouro? — Os olhos de Irene iluminaram-se, quase iguais aos de Amara.

Amara continuava a olhar para o anel. Vanessa deu-lho. Eram apenas palavras, deduções de uma estudante que tinha a mente aguçada e com vontade de desvendar qualquer mistério, mas não deixava de ser algo que colocava as raparigas excitadas.

— E o que fazemos agora, Amara? — Perguntou Olga.

— Sim. O que fazemos? — Reforçou Irene.

Amara deixou de olhar para o anel. Esticou o braço direito, onde a mão agarrava o objecto e deu dez passos para a frente. Ele reluziu ainda mais. Ficou pensativa e ainda mais animada. Viu que o mistério estaria a ser resolvido facilmente.

— Agora esqueçamos as bússolas e vamos seguir o anel. — Concluiu, após um longo período de mistério no ar.

Mobilizaram-se e caminharam em conjunto, com Amara à frente a conduzir o caminho dito pelo anel. Subiram algumas pedras grandes. Pararam quando o anel brilhou por completo, fazendo com que uma parte da mão de Amara deixasse de ser visível. Tinham chegado numa zona sem sinais de vida humana. Havia uma relva rasa e verde, que preenchia o solo, e pegadas. Mas não eram pegadas humanas.

— Afinal estiveram paleontólogos aqui. — Falou, desanimada, Olga.

— Não é isto. — Amara sussurrou, a seguir em frente. De seguida, parou, olhando para o chão. Relva e plantas cobertas de terra e de areia. Abaixou-se para retirar o excesso de areia e de terra. Uma pegada via-se descoberta. O anel reluzia com força. As outras raparigas viam todas atrás de Amara. Colocou o anel sobre o meio da pegada. A partir desse momento, o tempo ficou lento, foi como se tudo estivesse em câmara lenta. Passaram-se cinco segundos. Um vento fresco saiu da pedra do anel e de uma pedra grande que estava a poucos metros de distância da pegada. Uma fenda abriu-se, como se de uma porta se tratasse. Não se podia ver o que estava do outro lado, era tudo escuro e o vento não ajudava.

— Eu sabia que iríamos descobrir alguma coisa. — Amara disse, feliz.

À volta delas, o solo estava molhado, tal como Vanessa tinha visto quando abriu o buraco. As cinco não hesitaram e começaram a caminhar para dentro, sem medo, apenas admiração e entusiasmo.

Tratava-se de uma gruta enorme e húmida. Entraram e os seus olhos deslumbraram-se com a vista. Alguns raios de sol entravam por várias fendas pequenas e iluminaram o interior com pouca intensidade. Quase nem acreditavam no que viam. Estavam num local onde, há séculos, se guardava segredos ao mundo. Irene estava arrepiada. Olga encontrava-se de boca aberta. Amara chorava lágrimas de felicidade.

Era um espaço enorme e o contorno assumia uma forma oval. Vários metros de área livre para se circular. Várias pedras enormes e velhas encontravam-se espalhadas pelo local.

As cinco jovens espalharam-se. Algumas rochas estavam molhadas, outras levemente mais secas. Telma olhou para os contornos nas paredes de pedra. Eram figuras rupestres? Não saberia dizer. Mas reparou num pentagrama e em sinais da cruz. O chão atrás das rochas estava repleto de esqueletos antigos, já quase em pó, porém também existiam alguns mais recentes. Aparentemente, mais de quinhentos corpos jaziam ali. Aquele local parecia uma tumba.

Cada uma trouxe um vestígio de algum dos corpos, queriam ter a certeza sobre quem se tratava cada um daqueles esqueletos.

Ao reunirem-se novamente, recuperaram a voz.

— Ninguém vai contar nada sobre isto. — Amara pediu, em forma de ordem.

Vanessa encolheu os ombros.

— Desde que nenhuma de nós fique com uma negativa no fim do trimestre, estou à vontade.

— Este será o nosso segredo. — Deram todas as mãos direitas.

— Não vamos fazer nenhum pacto de sangue? — Telma questionou.

— Somos religiosas, Telma. Não precisamos de pactos de sangue. — Amara falou, saindo da gruta com o anel.

— Que resposta daremos ao professor? — Irene perguntou.

— Que não conseguimos nada. — Olga respondeu.

As cinco estudantes saíram da gruta. Ao afastarem-se, a fenda tornou a fechar e um sinal reluziu por breves segundos, onde se viu um pentagrama com o nome “*Verdades Ocultas*” escrito no meio.

## Capítulo 08

*“Morreu nesta madrugada uma jovem religiosa. O corpo foi encontrado inanimado no chão da sua casa, com uma palavra indecifrável escrita a vermelho na sua barriga desnuda...”*

Ouvia-se nos altifalantes espalhados pela escola religiosa. Os ouvintes comoveram-se, ou mostraram que se importaram. Alguns diziam de forma automática *“paz à sua alma”*. Outros faziam o sinal da cruz e seguiam a vida. Houve também aqueles que multiplicavam a notícia, como se se tratassem de jornalistas, publicando nas redes sociais com textos copiados de outros autores, a demonstrarem o quanto a morte da jovem era importante.

— Deus trouxe-nos Jesus ao mundo, em forma humana, para nos revelar que o meio terrestre não é fácil. — Explicava o professor, trajado com uma batina episcopal branca, dentro de uma sala de aula.

Um burburinho entre os alunos, interrompeu o seu discurso.

— O que se passa, meninas? — Era uma turma totalmente feminina. — O que tanto falam que seja mais importante do que a aula? — Questionou, impaciente.

— Desculpe, professor, é que está a circular nas redes sociais a notícia da morte de uma jovem que morreu com um texto escrito a vermelho na barriga. — Respondeu a representante das alunas. A líder daquela turma de jovens.

— Como se ela fizesse parte daquelas seitas malucas. — Comentou outra aluna.

Nesse momento, o coração do professor bateu de forma desenfreada. Um suor começou a formar-se dentro da sua batina. As mãos começaram a ficar húmidas. Começou a sentir-se stressado, excitado e ansioso. Aquela informação foi a causadora daquela reacção.

Engoliu um pouco de saliva.

— Desculpem, meninas. A aula de hoje está dada. Tenho de sair com urgência. — Avisou as alunas, que ficaram sem perceber a reacção do professor, apenas acharam natural saírem uns minutos mais cedo.

Enquanto abandonava a sala de aula, seguiu no telemóvel e pesquisou pelos sites de notícias mais credíveis. Sim, era real. Descobriram a rapariga. Continuou a navegar pela Internet, entrando no site da universidade. Ali estava a notícia da visita de estudo dos alunos do segundo ano de arqueologia. No mesmo dia, tudo explodia para eles. A olhar para o telemóvel, continuou a dar passos firmes e largos em direcção à saída da universidade. Entrou na sua lista telefónica. Ao chegar à saída, colocou a mão direita em concha, barrando a luz do sol, para conseguir ler os nomes. Conseguiu chegar ao número que queria. “*Profeta Líder*”, estava identificado. Premiu a tecla de ligar e encostou o telemóvel à orelha. Ouviu, segundos depois, um som de uma voz grave masculina.

— Conseguiu?

— Meu líder, descambou. A alma pura quatrocentos e oitenta e sete foi descoberta.

Ouviu-se um palavrão no outro lado.

— Não iremos embora desta cidade, antes de enviarmos todas as almas.

— Houve visita de estudo hoje perto da gruta.

— De que área?

— Arqueologia.

— Encontra as almas puras dessa turma. O nosso Senhor já as identificou, elas vão surgir perto de ti. Mantém-te alerta e mantém-me alerta.

— Sim, meu líder.

Sentiu a chamada terminar e tirou o telemóvel da orelha. Deu meia-volta e regressou para o interior da universidade. Olhos bem atentos, principalmente os dele, negros como a noite. As ovelhas viriam até si para se darem ao Senhor.

## Capítulo 09

Eram vinte horas. O vento fresco corria lá fora, mas no interior da universidade tudo se encontrava quente. Dentro de uma sala, as cinco jovens estavam sentadas em cadeiras, atentas ao seu trabalho. Telma analisava as fotografias que tirou às figuras rupestres nas paredes da gruta, em frente a um computador. Fazia inúmeras pesquisas na Internet e levantava-se com regularidade até uma estante de onde se encontravam inúmeros livros.

As restantes raparigas trabalhavam com pinças sobre os restos mortais encontrados no local, analisando-os ao microscópio e tentando encontrar vestígios de fungos, ou se haveria alguma manipulação incorrecta sucessiva de eventos incidentais, como quedas, perdas, rachaduras ou descamamentos.

Rapidamente, chegaram à conclusão que todos os esqueletos pertenciam a pessoas do sexo feminino.

— Este esqueleto pertence a uma jovem de vinte anos e não acredito que ela tenha tido morte por doença. — Afirmou Irene.

— Nenhum destes corpos foram sepultados. Isso é o que me es-



panta. Não há nada escuro aqui. — Referiu Olga, a olhar para um livro, aberto cuidadosamente sobre uma mesa, ao lado de restos mortais.

Amara, que mantinha o olhar atento sobre o seu trabalho, ergueu os olhos para Telma, que seguia calada no meio das suas investigações.

— Conseguiste alguma coisa por aí?

Telma voltou a atenção para Amara.

— Acho que sim, mas tudo o que encontro parecem quase notícias falsas.

— O que tens? — Irene perguntou, curiosa.

— Estes símbolos parecem pertencer a antigas seitas que operaram no século XIX.

— Estes esqueletos não são do século XIX. — Salientou Olga, sem acreditar nas pesquisas feitas pela amiga.

Vanessa, que parecia a única ainda a não tomar atenção à conversa, levantou o olhar para elas.

— Essas seitas ainda operam hoje, mas não existem essas referências.

— Isso é ficção, Vanessa. — Olga disse, a revirar os olhos. Vanessa riu-se.

— Acredita no que quiseres, mas muitas coisas que acontecem no mundo não são por ordem de Deus, ou do Espírito Santo, existem coisas más a rondarem sobre nós.

— Olha quem fala! Tu és uma dessas coisas más. — Olga acusou.

Amara levantou a mão direita, que tinha uma luva a agarrar uma pinça.

— A Vanessa tem razão. Parem com isso! — Elas calaram-se, voltando a atenção para Amara. — Sempre temos algo que nos faz não acreditar em Deus. Há gente que usa o facto de não o vermos, para distorcer as nossas crenças. As seitas existiram, existem e sempre irão existir.

— Sim, e eu posso até mencionar que esta jovem que tenho aqui tinha boa dentição. — Vanessa referiu, a sorrir.

Todas voltaram-se para ela. Olharam para a sua mesa. Vanessa analisava a mandíbula de um dos esqueletos.

— O que é que conseguiste encontrar? — Amara inquiriu.

— Esta jovem tem vinte anos, sem nenhum sinal de doença, morta já faz uns vinte anos. — Fez uma breve pausa. — Foi assassinada.

— Já conseguiste o ADN? — Questionou Amara.

Vanessa negou com a cabeça.

— Vai demorar, mas podemos já chegar à conclusão de que todas as pessoas que morreram ali, ou que foram deixadas ali, foram assassinadas e a polícia não soube, ou arquivou o caso.

Amara afastou-se da sua mesa e ficou no centro da sala.

— Temos de nos unir agora. Temos de manter estas análises em segredo. Há algo que aconteceu com a Elma que ninguém diz nada, mas eu não acredito que ela tenha fugido. Será que ela estava no meio de alguma dessas seitas? Temos de descobrir. Precisamos de estar unidas agora. Estão comigo?

Ela estendeu as duas mãos. Vanessa foi a primeira a colocar as suas duas mãos revestidas por luvas em cima das de Amara. Telma levantou-se da cadeira e também seguiu a fazer o mesmo que Vanessa. Olga e Irene olharam uma para a outra e aproximaram-se, fazendo o mesmo.

Nesse momento, o computador exhibe um barulho de notificação. Telma aproximou-se. Vinha do seu correio electrónico. Virou-se para a raparigas, após lê-lo.

— O Doutor Pedro vai ajudar-nos.

— Quem é esse doutor? — Vanessa perguntou, enquanto as outras raparigas afirmavam com a cabeça.

— Simplesmente, o melhor médico que mais sabe sobre seitas. — Respondeu Irene.

— E ele é de confiança?

— Sim. Ele conhece-nos desde que nascemos e guarda segredos dos nossos pais.

— Como o quê?

— Como termos ido beber à noite. — Telma disse, com sorriso divertido. Vanessa riu-se. Percebeu que as colegas não eram totalmente recatadas.

# Capítulo 10

Uma mão masculina, com um relógio, abria uma porta, com a mão na maçaneta. Um homem de quarenta anos, que aparentava trinta e poucos, devido a um físico bem treinado, chegava a casa cansado. Pousou a arma calibre .38 na mesa da entrada e tirou o casaco preto, entrando descontraído dentro da mansão.

Durante todas as suas décadas de vida, dinheiro nunca lhe foi um problema. Sempre viveu bem e recebia sempre em dólares, ou euros. Tinha várias contas em paraísos fiscais, longe de vários olhares de profissionais e do povo.

Encontrava-se pronto para tomar um banho, mas a porta do guarda-fatos entreaberta deixou-o a erguer uma sobrancelha. Ao entrar dentro do quarto, uma sombra surgiu atrás dele. A voz fê-lo dar meia-volta apressado.

— Tem uma visita.

O homem olhou para a pessoa à entrada do quarto.

— O profeta.

— Disse-lhe que teria de abafar todos os casos por aqui, não disse?

— O homem, mais alto do que o polícia, questionou, de braços cruzados, mostrando o seu ar de superioridade.

— Não penses que vou suplicar pela minha vida. Posso morrer, mas sei que o vosso legado irá terminar. Ele sempre termina.

— Mas regressa sempre. E sempre mais forte.

— Há crentes o suficiente para vos derrotar.

— E tu já viveste o suficiente. A tua hora chegou. O Senhor quer-te.

— Eu sei que tenho um lugar no inferno, mas não irei sozinho.

— Preciso de saber apenas uma coisa, a quem tu informaste sobre o caso?

— Profetas... Sempre acham que com técnicas de torturas conseguem tudo o que querem. — Sorriu suavemente.

— Não preciso de te torturar. És miserável, agora que a tua importância se esvaiu. Foste tu que delineaste a tua morte. Estás condenado a cair.

— Pois tenta. Não tenho medo da morte. Se o tivesse, nunca teria seguido esta profissão.

O homem vestido de preto da cabeça aos pés, aproximou-se do polícia. Levantou um punho para lhe acertar no rosto, mas foi parar no ar. O polícia esquivou-se para o lado direito. Os dois homens sorriram um para o outro.

— Não vais fugir do poder do Senhor.

— Posso até não fugir, mas não terás o nome de quem divulgou.

O homem desferiu um golpe rápido e certo no polícia. Ele ficou atordoado. Foi o suficiente para que o profeta o virasse de costas e enrolasse o braço sobre o pescoço do agente.

— Há gente com mais eficácia. — O polícia fez piada para o profeta.

— Vemo-nos no outro lado, agente Campos. Boa estadia no inferno!

Aumentou a pressão nos braços na técnica de jiu-jitsu denominada de mata-leão. O ar deixou de chegar aos pulmões do polícia, fazendo com que perdesse os sentidos.

O profeta pousou-o no chão do quarto. Observou-o alguns longos segundos. Ele não lhe deu muita luta, apenas se deixou ir. Pareceu ter entendido a paz interior dele. Estava cansado de tanto esconder. Escondia uma seita, como um polícia corrupto. O dinheiro nunca lhe foi um problema, mas a mente pesada era, sim, um problema enorme para o agente Campos. Conhecia a seita desde que operaram ainda há quarenta anos naquela cidade. Agora regressavam e ele teria novamente de reviver tudo. Voltar à corrupção. Foi demasiado para ele. Queria realmente morrer.

— Foste uma grande vítima. — Aproximou-se do cadáver para o benzer com o sinal da cruz com a mão esquerda.

Posicionou o corpo dando a entender que ele morrera de causas naturais. Talvez de alguma doença inexplicável.

Depois de terminado o serviço, saiu pela porta das traseiras da casa.

# Capítulo 11

Uma noite escura, corujas e mochos faziam o seu barulho nocturno habitual. Um sussurro atordoador de um vento rajava por entre as árvores. Ouvem-se, ao longe, orações em línguas estranhas, impossíveis de serem identificadas pelas cinco jovens, que caminhavam por entre a floresta enorme. Os sapatos delas faziam barulho ao entrarem em contacto com as folhas e ramos das árvores. Estavam sozinhas no meio de um arvoredo enorme. Porém, metros à frente alguém sussurrava. As cinco, de mãos dadas, caminharam até a uma cabana de madeira, de onde surgia o som provindo de um ser humano. Ao aproximarem-se, a voz soou mais forte, porém sussurrada. Elas olharam umas para as outras. A porta da entrada, que estava fechada, começou a ranger. Surgiu um homem com um chapéu, que lhe tapava o rosto, que fez um sinal com a mão esquerda, convidando-as a entrar. O anel que Vanessa encontrou na gruta reluzia no dedo do meio do homem vestido com túnicas brancas. Em frente, uma jovem encontrava-se deitada, no meio de vários homens. Pingas vermelhas encontravam-se nas vestes brancas deles. Ao voltarem o olhar

para o que estava a segurar a porta, viram também gotas vermelhas, coisa que não tinham visto inicialmente. De mãos dadas, as cinco gritaram... e as camas estremeceram.

Suores pelo corpo. “*Meu Deus!*” – Sussurrou Amara, sentando-se na cama. Pegou no seu telemóvel em cima da mesa de cabeceira. O relógio marcava quatro da manhã.

Na casa ao lado, Vanessa levantava-se da cama e caminhava até à casa de banho. Sentia-se encharcada. Molhou o rosto e aproveitou para urinar.

Telma e Olga reviraram-se na cama, retirando o lençol de cima das suas cabeças. Irene tentava recordar-se do pesadelo vivido, escreveu alguns tópicos num caderno que tinha na mesa de cabeceira. “*Flor-esta, homens com vestes brancas, sussurros, orações*”.

Após aquele sonho estranho, todas retomaram a adormecer, desta vez com mais calma.

Às seis horas estavam novamente a acordar. Telma e Olga ainda sentiam resquícios do suor da noite passada. Colocaram ambas as mãos nas cabeças. Totalmente despenteadas, ainda se sentiam desnorteadas com o que tinha acontecido. Vanessa e Amara, nas casas de banho, a prepararem-se para aquele novo dia, tentavam relembrar o sonho. Irene, após se encontrar vestida, voltou a reler o seu caderno. Ela, Telma e Olga tomaram o pequeno-almoço e prepararam-se para caminhar até à universidade. Vanessa saiu de casa e viu Amara encostada ao seu carro, enquanto via o pai no carro dele, para ir para mais um dia de trabalho. A rapariga aproximou-se de Amara.

— Bom dia. — Pareceu desnorteada e com pouca energia.

— Bom dia, Vanessa. Como estás? — Amara tentou mostrar-se feliz. Sorriu, mas parecia um sorriso cansado.

— Como estou? — Riu-se, irónica. — Essa vai ser a melhor pergunta que irei receber hoje. Parece que fui atropelada por um camião.

— Eu também. — Confessou Amara, a fazer um olhar sofrido. —



Vem comigo, vamos juntas para a universidade.

Vanessa não perguntou nada, só seguiu, abrindo a porta no lugar do pendura. Amara entrou no lugar do condutor e conduziu devagar até à universidade. Desta vez, faziam de tudo para parecerem sorridentes, enquanto eram cumprimentadas pelos colegas. Felizmente, os estudantes estariam perdidos em conversas paralelas, após verem as amigas de Amara próximas de Vanessa. Era algo do outro mundo no meio estudantil universitário. Vanessa nunca se aproximaria de Telma, ou de Irene, e muito menos de Olga, no entanto os tempos tinham mudado e elas também, especialmente após a noite passada.

No meio do corredor, as raparigas aproximaram-se e começaram a falar, depois de se cumprimentarem.

— Vocês dormiram bem ontem? — Perguntou Olga, com olhos cansados.

— Tive um pesadelo esquisito. — Confessou Amara. As outras concordaram com a cabeça.

— Eu pude escrever sobre isso. — Irene abriu a sua mala e tirou o caderno de dentro da mesma. Abriu-o e leu o que tinha escrito. Os olhos das outras jovens iluminaram-se em espanto, logo em seguida.

— Eu sonhei a mesma coisa. — Telma respondeu. Todas concordaram.

— Isso é muito esquisito. — Vanessa referiu, erguendo uma sobrancelha.

— Bem, vamos esquecer isso que eu nem sequer tenho mente para poder pensar hoje. — Amara falou.

A primeira aula começou e todas foram para a sala. O professor explicava, falava e usava as mãos para exemplificar. As raparigas usavam os braços para suportarem o peso da cabeça. De cotovelos na mesa, apoiavam os crânios nas palmas das mãos. A certo momento, Telma fechou os olhos. Irene, ao lado dela, deu-lhe uma leve cotovelada, despertando-a. Sussurrou um “*obrigada*”, tentando manter-se

acordada pelo resto daquela aula. No momento da saída, todas voltaram a reunir-se.

— Vanessa, conseguiste alguma coisa do ADN? — Amara perguntou, a bocejar.

— Não, podemos ir à sala de anatomia humana.

Elas deslocaram-se até lá. Seria o melhor local para manter os restos mortais que tinham retirado da gruta. No meio dos esqueletos revestidos em formol, estavam bem escondidos. Na sala, entraram e fecharam a porta. Aproximaram-se de dois esqueletos. Por detrás deles, encontravam-se os restos mortais, tapados por um manto azul-escuro, que já estava dentro da sala a tapar uma caixa de plástico que guardava ossos de uma mão.

— Temos de manter isso tudo bem guardado. Não sabemos se este pesadelo que tivemos teve algo a ver com isto. — Irene disse, com a mão na testa.

Ao baixar-se, Olga sentiu uma leve tontura. Vanessa segurou-a, antes que caísse em cima de um esqueleto, que estava ao seu lado esquerdo. Agradeceu e abanou-se com uma mão, sentindo calor.

— Isto é muito estranho. — Amara falou. — Temos de manter isto tudo segredo e tentar resolver esta situação.

— Temos de saber quem são estas mulheres. — Reforçou Telma. — O doutor Pedro pode atender-nos no hospital hoje à tarde.

— Iremos falar com o doutor. Temos de perceber isto tudo.

Quando Vanessa falou aquilo, a campainha soou, indicando o início da segunda aula. Teriam de se aguentar ainda durante o resto da manhã. Todas essas aulas foram passadas a sofrer, a tentar manterem-se acordadas. Bocejos atrás de bocejos e abanos de cabeça, para afastarem o sono.

Mas, finalmente, chegou perto da hora de almoço. As raparigas encaminharam-se até à entrada da universidade, com algum cansaço.

— Bem, isto foi complicado. — Telma confessou. Todas con-

cordaram.

Ao saírem totalmente para a saída, veem uma mão em frente a elas a agarrar um panfleto.

## Capítulo 12

As cinco pareceram ter-se assustado, enquanto erguiam o olhar para a pessoa que lhes oferecia panfletos sobre uma palestra de autoajuda que iria ocorrer dias próximos. As jovens pegaram todas nos panfletos, enquanto vários alunos saíam apressados.

— Já o vi à entrada da Igreja no Domingo. Qual é o seu nome? — Olga perguntou, a olhar para o homem vestido com vestes de pastor.

— Miqueias. Prazer, meninas. — Ele baixou levemente a cabeça, saudando-as. Olhos negros como o vazio.

— Foi o senhor quem deu a formação sobre como vencer na vida? — Inquiriu Amara.

O homem negou com a cabeça, abanando-a, mas também encolheu os ombros, não dando uma confirmação de que realmente tivesse sido ele o formador. Amara quis agarrar na mão do pastor, mas um colega passou entre eles, fazendo com que o homem desaparecesse da área de visão da estudante. Bufou, sem conseguir encontrá-lo. Decidiram caminhar até ao carro de Amara, enquanto viam o panfleto.

— Agora tenho medo de ir a estas palestras. — Vanessa confes-

sou, abrindo a porta do carro no lugar do pendura.

— Não é preciso tanto. — Amara respondeu, já dentro do carro.

— Será que não? — Irene perguntou, com algum receio. Olga arrepiou-se sentada entre Irene e Telma. Telma percebeu.

— O que se passa?

Olga engoliu em seco, enquanto Vanessa e Amara inclinavam-se para trás para tomarem atenção à estudante.

— Sinto-me esquisita. — Admitiu, enquanto passava a mão pela testa.

Irene colocou a sua mão na testa de Olga, ficando ali durante longos segundos.

— Não tens febre. — Afirmou.

Amara e Vanessa voltaram-se novamente para a frente e olharam-se, preocupadas.

— Vamos até ao hospital. — A líder das amigas falou, voltando o olhar para a frente e colocando as mãos no volante.

Vanessa decidiu ligar o rádio, enquanto Amara conduzia devagar até ao local de trabalho do doutor Pedro. Após duas canções cantadas em língua portuguesa, um locutor voltou a soar.

*“O funeral da jovem encontrada morta na noite de Terça-Feira ocorrerá amanhã. Ao que se pode apurar, a estudante de Direito de vinte anos fazia parte de um gang perigoso, que convencia jovens meninas a tentarem o suicídio. As autoridades pedem aos pais que tenham cuidado e que sejam cautelosos com o tempo em que as filhas se encontram ligadas à Internet”.*

— Foi essa a notícia que ouvi no autocarro. — Amara falou.

— Eu ouvi também. — Vanessa referiu. Amara virou-se rapidamente para a colega e sorriu, aliviada por descobrir que não foi a única a ouvi-la. Nada mais foi dito dentro do carro, apenas se voltou a ouvir música variada.

As cinco saíram do automóvel, após chegarem ao local e esta-

cionarem num dos lugares vazios do estacionamento. Ao entrarem no hospital, viram a recepcionista já a olhar para elas. Estava tudo estranhamente calmo à entrada. Algumas pessoas sentadas nos bancos de espera, mas pouca movimentação. Aproximaram-se do balcão.

— Boa tarde, viemos falar com o doutor Pedro, que já se encontra à nossa espera. — Falou Amara.

A mulher sorriu.

— Ah, sim, o doutor disse-me. Sigam este corredor da direita e entrem na sala A24. O doutor encontra-se à vossa espera no seu consultório.

Sim, as jovens sabiam que aquele era o número da sala do consultório do médico. Até Vanessa foi informada sobre o mesmo. As cinco agradeceram à recepcionista e caminharam pelo corredor. Um cheiro a álcool entranhava-se no local. Isso quase que colocou Olga a induzir o vômito, mas, de braço dado com Telma, a jovem conseguiu manter-se em pé.

Foi Amara quem bateu à porta do consultório, que estava entreaberta. Foi a primeira a enfiar a cabeça dentro da sala.

— Podemos, doutor? — Ouviu-se a voz dela.

— Claro. — Ela abriu a porta. As raparigas entraram todas dentro do consultório. — Fechem a porta, por favor. — Pediu. Irene, a última a entrar, assim o fez. — Sentem-se.

Ele levantou-se da cadeira e esticou a mão direita para as cinco cadeiras, bem expostas em frente à mesa do médico. Todas deram um aperto de mão, incluindo Vanessa, que conheceu pessoalmente o doutor.

— Eu sou o doutor Pedro, conheço estas jovens desde que eram crianças. Conheço a família de todas elas. Qualquer problema que tenhas, podes vir ter comigo. — Falou o doutor para Vanessa, que sorriu e agradeceu.

Todas se sentaram. O médico também o fez, de seguida.

— Olhem, meninas, isto são dados confidenciais. — Começou por dizer o profissional de saúde. — Já analisei o ADN pedido e antes de qualquer outra coisa, ainda não tenho resultados, mas posso adiantar informações.

— Antes de mais, doutor, queremos dizer uma coisa. — Amara falou, olhando de relance para as colegas e voltando o olhar para o médico. — Hoje tivemos todas o mesmo pesadelo. Foi muito estranho.

O doutor ouviu, atento.

— Pois, Amara, entendo que isso possa acontecer. É muito provável que vocês tenham entrado num local, podemos dizer, sensível.

— Como assim? — Todas ficaram atentas.

— Vocês devem ter ouvido a maior notícia destes dias sobre a morte de uma jovem, possivelmente de um gang perigoso. — Elas afirmaram com a cabeça. Ele prosseguiu. — Acontece que não é um gang, é uma seita. Há várias por aí. — O médico pegou numa caneta pousada em cima da mesa e começou a rodá-la entre os dedos. — A mais recente chama-se “*Verdades Ocultas*”, onde um dos sacrilégios ocorreu na década de oitenta, mais concretamente em 1985. É bem possível que um dos restos mortais que encontraram tenha sido de uma dessas jovens, já que repararam, bastante bem aliás, que se trata de um esqueleto com mais de vinte anos.

— E tem mais informações sobre isso? — Vanessa foi a única entre as raparigas que conseguiu formular alguma pergunta. Todas tinham ficado com uma expressão de horror, ou espanto.

— Não tenho mais nada concreto. Não enquanto não vermos de quem se trata o ADN da jovem encontrada na gruta, mas enviarei amanhã e-mail para a Telma com o resultado.

— Mas o que aconteceu na época? — Quis saber Amara.

— O acto foi condenado publicamente na época.

— E que seita é essa? — Vanessa questionou, curiosa.

— É um grupo de fanáticos perigosos, nessa parte a comunicação social tem razão. Essas seitas chegam às cidades, fazem atrocidades e, quando percebem que a população está a descobri-los, desaparecem. Mais tarde, retornam.

— Já estiveram aqui?

O médico parou de mexer na caneta e afirmou com a cabeça.

— A seita que eu referi esteve cá há quarenta anos.



## Capítulo 13

*“O agente João Campos foi encontrado morto...”*

Dizia a comunicação social em última hora. As jovens saíram anestesiadas da conversa com o médico. Ao longe, um homem vestido de negro, tapado por um veículo, encontrava-se ao telemóvel.

*“Elas acabaram de sair... Sim, chefe...”*

Desligou a chamada e voltou a olhar para as cinco raparigas, que agora tinham entrado no carro e preparavam-se para colocar o automóvel em marcha. Via-se que estavam cansadas, mas, ao mesmo tempo, chocadas.

O sol denunciava ser já quase três da tarde. Algumas pessoas almoçavam em restaurantes e outras ainda estavam com uma garrafa de água nas mãos, evidenciando que teriam terminado há pouco tempo de comer.

O homem vestido de negro entrou dentro do veículo, que o tinha tapado inicialmente, e conduziu até uma casa enorme a fim de receber actualizações sobre o acontecimento que começou a perturbar a sociedade: a morte do agente Campos. Estacionou o carro no

estacionamento perto e saiu do carro, a olhar para toda a zona ao redor da casa, antes de estagnar na mansão de cor branca. Percorreu o caminho até passar pelas fitas amarelas que impediam os jornalistas de invadirem a casa grande do agente João Campos. Cena de crime. Não ultrapassar, lia-se nas fitas amarelas à volta da casa. Um agente, que trajava um colete azul com o nome da instituição estampado no peito, rapidamente viu-o e tentou demovê-lo.

— Desculpe, senhor, não pode entrar sem mostrar a sua identificação. Esta é uma zona interdita. Terá de mostrar, caso tenha autorização.

Ignorando as palavras, o homem deu dois passos para a frente em direcção à porta principal, o agente sacou da sua arma e apontou-a na zona do peito. O homem parou. As câmaras dos jornalistas viraram-se para a cena. Não tardou muito para que outra arma fosse apontada, mas, desta vez, foi sobre a cabeça do agente. Vestido com roupas de segurança, defendia o homem vestido de negro.

— Tens cinco segundos para baixar a merda da arma, ou levas um balázio. — Advertiu o segurança.

Um outro agente saiu à pressa do interior da casa, como se socorresse alguém perto da morte, e isso realmente poderia acontecer, e meteu-se entre os homens que levantavam as armas.

— Tenham lá calma, meus senhores. Este homem é o profeta. Vai benzer o nosso morto. — Olhou para o colega. — Baixa a tua arma. Não nos envergonhes e causes uma guerra com a Igreja.

O colega cumpriu a ordem, o segurança do profeta também baixou a arma e o homem vestido de preto seguiu em frente, com passo calmo, para o interior da casa. O agente que o identificou, seguiu atrás dele, seguido pelo segurança, que já estava também no interior do local. Entraram pela porta e percorreram o hall de entrada até à sala de jantar.

— Como foi que aconteceu? — Perguntou o profeta.

Olhou ao redor e reparou que a casa estava devidamente arrumada. Se alguém estivera ali, de certeza que era um profissional.

— Recebemos a chamada da empregada que o encontrou no chão. Aparentemente, ia tomar o pequeno-almoço quando teve um enfarte e caiu aqui. — Apontou para o chão. Tinha um desenho de giz que transmitia o formato do corpo da vítima. Umhas placas amarelas com os números 1, 2 e 3 estavam estrategicamente posicionadas. A placa 1 estava sobre o desenho do corpo. A placa 2 estava no lugar da carteira da vítima.

— O que está na placa 3? — Quis saber o profeta.

— É onde caiu a identificação da vítima.

O homem vestido de negro assentiu com a cabeça.

— Encontraram alguma coisa estranha?

O agente curvou-se ligeiramente para o confidenciar.

— Encontrou-se algumas escoriações no pescoço do Campos, o que sugere uma morte por asfixia. Ou seja, um homicídio. No entanto, não encontramos nenhum sinal de arrombamento na casa, então...

— Fez uma pausa, enquanto via o profeta assentir com a cabeça. — Para os meios de comunicação, o Campos morreu de ataque cardíaco. Porém, sabemos que não foi bem assim, mas é desta forma que se paga quando não se cala a boca. — Fez uma pausa. — Venha comigo, a vítima está já no saco. Ajude-o a chegar ao destino em paz.

O agente conduziu o profeta até à cozinha, onde estava a vítima já dentro do saco, os polícias que estavam no local, afastaram-se rapidamente e deixaram o profeta sozinho com o agente Campos. Quando o polícia ia a passar para a entrada da casa, o agente que tinha barrado o profeta à entrada virou-se para ele.

— Chefe, quem é o senhor?

O polícia riu-se ironicamente.

— Ele é o homem que paga o teu salário.

A Igreja e o dinheiro. Sempre tão amigas. Sempre tão cúmplices.

## Capítulo 14

— Senhor dos Turbulentos, reunimo-nos para ti esta noite! — Era ouvido em sussurros dentro de um armazém abandonado no meio de uma floresta imensa.

Elas encontravam-se ali, novamente, mas, desta vez, surgia tudo mais nítido. O diálogo era ouvido com mais clareza, como se tivessem virado a fita para trás para voltarem a ouvir uma canção.

As cinco raparigas estavam próximas o suficiente para ouvirem. Estavam apenas a breves passos do armazém abandonado, feito de madeira. Um flash branco e viam-se próximas da jovem morena que se encontrava deitada de costas no chão, no centro de uma roda feita por homens vestidos de túnicas brancas. Ela sorria, rendida, com um ar alucinado. As raparigas viam tudo numa imagem panorâmica, como se não fizessem parte daquilo, apenas assistiam como espíritos pousados com os pés na terra.

Símbolos encontravam-se gravados nas paredes do armazém. Um flash, desta vez azul, e as imagens das paredes da gruta resurgiam. Eram iguais. Um novo flash e regressavam ao chão do ar-

mazém, com um círculo pintado a vermelho no chão, lugar onde se encontrava deitada a rapariga adolescente. Apenas cinco velas, bem posicionadas sobre o círculo, iluminavam o local. Velas negras. Negras?! Todas elas olharam para o homem que se encontrava a norte, com os pés assentes perto da cabeça da jovem. Um rosto tapado, mas esboçava um sorriso maléfico, semelhante aos filmes de terror que os adolescentes viam. Nesse momento, Irene desapareceu. As quatro olharam-se. Ouviu-se um grito. Seria dentro do sonho? Não! Era um barulho das almas malignas, um chiar ensurdecedor. Olga começou a correr. Nenhum dos presentes, além das jovens, reparou que a porta do armazém abriu-se. Ela não se viu presente. Quando o mesmo homem líder se aproximou da rapariga morena deitada, virou o rosto directamente para as jovens que restavam. As três sentiram o homem aproximar-se. Sentiram um tremor. Escuridão. Todas abriram os olhos. Escuridão novamente. Respirações rápidas foram ouvidas. Telma, Amara e Vanessa acordaram na cama, transpiradas. Irene estava na casa de banho. O relógio no local indicava quatro da manhã, enquanto ela encontrava-se de joelhos em frente ao vaso sanitário. Vomitava. Olga também se encontrava a urinar, com olhos sonolentos. Mais um pesadelo.

Às seis da manhã, elas estavam completamente cansadas. Fizeram a sua higiene matinal e voltaram à universidade. Vanessa e Amara, novamente juntas logo pela manhã, caminharam pelos corredores, a tentarem sorrir para os colegas que as cumprimentavam. Estavam mais cansadas do que no dia anterior. Ao reencontrarem-se, o primeiro tema foi a noite.

— Como estão hoje? — Quis saber Amara.

Telma respondeu estar agoniada.

— Eu acho que estou com uma menstruação horrível. — Lamentou Olga.

— Eu vomitei ontem à noite. — Confessou Irene.

Vanessa respirou fundo.

— Temos de perceber o que é isto. Está a atacar-nos e não sabemos porquê.

— Será o anel que tu tens? — Questionou Amara.

— Se fosse isso, só eu teria esses sintomas.

— Podemos ir trocando. — Sugeriu Olga.

Vanessa encolheu os ombros e abriu a mala, pegando no objecto, escondendo-o na mão. Olga esticou a mão esquerda e recebeu o anel das mãos da colega, enquanto as outras raparigas olhavam em redor do corredor. Ninguém as tinha visto.

As aulas da manhã ocorreram, com algumas turbulências. As estudantes tentavam combater o sono. Os professores acabaram a advertir uma vez Irene, que dormitava.

A campainha soou, indicando o final das aulas. Todos os alunos encaminharam-se para a saída. As raparigas, todas juntas, caminhavam até à entrada da universidade. Telma tinha os olhos vidrados no seu telemóvel.

— Chegou o e-mail do doutor Pedro. — Afirmou.

Olga e Vanessa, no lado direito e esquerdo, respectivamente, de Telma, inclinaram-se para o telemóvel da colega.

— O que diz? — Olga perguntou.

Telma ficou a olhar para o telemóvel, durante alguns segundos.

— Otávia Simões.

— Quem é a Otávia? — Questionou Irene.

— O doutor disse para termos cuidado no fim do e-mail.

Vanessa pegou no seu telemóvel de dentro do bolso das calças e iniciou a sua pesquisa, enquanto as restantes raparigas ficavam pensativas e aguardavam alguma resposta da colega.

— Ela foi assassinada em 1985, dizem que foi o pai quem a matou, porque a morte dele veio a ser divulgada uma semana depois, vítima de suicídio. O pai dela foi um político bastante acarinhado pelo povo.

— Aqui nesta cidade? — Amara quis saber.

Vanessa abanou a cabeça.

— No sul.

— Isto tem a ver com a tal seita que foi falada? — Irene interrogou.

As restantes raparigas encolheram os ombros, excepto Telma, que releu o e-mail enviado pelo médico e estendeu o telemóvel para Irene, que leu em voz alta:

— *“Boa tarde, jovens! Seguem em anexo os resultados do ADN. Acredito terem alguma formação neste tipo de análises, convido-vos a lerem. Em resumo, deveria dar-vos um aviso enquanto adulto e enquanto médico. Tenham muito cuidado! Acabaram por encontrar uma jovem morta há mais de trinta anos que, supostamente, foi assassinada por familiares, no entanto, temo que não tenha sido bem assim. A nossa primeira conversa assim o revela. Aproveito para vos desejar um bom fim de semana!”*.

# Capítulo 15

A lua começou a subir. Lua nova. As estradas começaram a ficar vazias de pessoas, apenas carros parados. No entanto, um automóvel preto encontrava-se a atravessar a rua da Igreja da cidade. Estacionou perto e de dentro dele saiu um homem vestido de preto da cabeça aos pés.

Antes de caminhar, tirou o seu telemóvel topo de gama do interior do casaco. Foi ao Google e escreveu no local de pesquisa “*morte agente João Campos*”. Entrou nos sites de notícias. Pensava regozijado com a sua eficiência e poder por ter os meios de comunicação calados sobre o verdadeiro motivo. As contas bancárias de alguns jornalistas estavam recheadas.

Sorriu, voltou a colocar o telemóvel dentro do casaco e andou a passos calmos e certos até à Igreja. Treze arcebispos, vestidos com batinas brancas, e um homem vestido com roupas pretas esperavam por ele em linha recta. Com respeito, assim que o viram entrar, baixaram as cabeças, em sinal de cumprimento. Qualquer um que se aproximasse do líder teria de ter cuidado e calma. Não estariam a



dirigir-se a qualquer um. O homem parou em frente à linha de funcionários.

— Consigo ver pelas vossas sombras que se encontram a trabalhar de forma vincada. Fico feliz por isso. Dêem-me as informações que preciso e eu dar-vos-ei um futuro em forma de presente. Porém — Estendeu o dedo indicador da mão esquerda para cima. —, se não tiverem nada do que eu preciso, posso acabar com a vossa vida, antes da minha terminar.

Dependendo do que aconteceria, o que o homem dizia era verdade. Não seria a primeira vez que alguns arcebispos acabavam mortos. Não ocorreu naquela cidade, mas existiria sempre uma primeira vez.

O arcebispo que se encontrava no centro, vestido de batina branca, deu um passo para a frente, revelando que iria começar a falar.

— Soubemos quais foram as raparigas que entraram no nosso santuário. — Fez uma breve pausa, talvez esperando que o líder falasse, mas ele apenas olhou para o arcebispo com um olhar penetrante. — São alunas da turma de arqueologia. Perguntaram pelo Miqueias à entrada na universidade.

O Miqueias assentiu com a cabeça, parado no mesmo lugar. Encontrava-se numa das pontas da linha recta. O líder seguiu o sinal da cabeça do arcebispo, voltando novamente a atenção para o homem que lhe dava a informação.

— Devem rondá-las. Já têm confirmação de que as almas são puras? — Inquiriu o chefe, calmo, mas com uma voz altiva.

— O Senhor deverá mostrar-nos em breve.

— Muito bem. Enquanto isso, continuem a recrutar almas puras e também precisamos de alimento. — Todos afirmaram com a cabeça. O líder voltou-se para o homem vestido de preto. — Mantém-te atento ao doutor Pedro, ele está a rondar as almas e precisamos de o deter. — O homem assentiu. De seguida, voltou-se novamente para os arcebispos. — Parabéns pelo agente Campos. Fizeram um excelente

trabalho. — Todos sorriram levemente com o elogio. — Continuem com as formações e com as palestras de autoajuda. Amanhã voltarei para a reunião. — Virou-se de costas para os funcionários e caminhou para a saída da Igreja.

Ao chegar ao carro, voltou a olhar para o telemóvel. Viu as horas. Três da manhã. Sorriu, mais uma hora e elas voltariam a sentir novamente o poder do Senhor da Luz. Em breve, estariam caídas aos pés Dele.

*“Os verdadeiros heróis agem na sombra”.*

# Capítulo 16

Tic... tac... tic... tac... Clock.

Quatro da manhã. Irene e Olga não acordaram. Irene mostrava-se a dormir, deitada na cama em forma de estrela, com as pernas e os braços abertos e com o lençol a tapar-lhe metade do corpo. Olga dormia em posição fetal. Um barulho de vômito surgia na casa de banho de Telma. A sua mãe, solteira, ouviu pela primeira vez e agarrou o cabelo da filha com cuidado. Vanessa acordou sobressaltada, caminhou devagar até à casa de banho, mas perdeu os sentidos, caindo no meio do chão, sozinha. Amara sentiu necessidade de ir à cozinha beber um copo de água com açúcar. Não conseguiu voltar a dormir, talvez fosse do facto de sentir vertigens.

Foi uma noite difícil. No dia seguinte, Amara, Vanessa e Telma acordaram cedo, mesmo sendo um sábado e não tendo de ir à universidade. Enquanto isso, Olga e Irene continuavam a dormir, ainda às nove da manhã. Vanessa sentiu necessidade de ir a casa de Amara. Saiu de casa e seguiu para a de Amara. Percebeu que o carro do pai da estudante ainda estava estacionado. Seria bem provável que fosse

devido ao estado de saúde da filha. A colega poderia ter se sentido mal, tal como aconteceu com ela. Bateu à porta. Surpreendeu-se quando reparou que foi a própria Amara quem a abriu. Cumprimentou-a.

— Podes entrar, Vanessa. — Ela entrou, agradecendo.

— Pensava que estavas doente. O carro do teu pai está à porta.

— Ele não trabalha ao fim de semana. — Explicou, fechando a porta. Aproximou-se do ouvido da colega, logo em seguida. — Mas eu não estou bem.

Amara pegou no braço da rapariga e puxou-a até ao seu quarto. No meio do caminho, viu-se o pai de Amara, um homem de respeito, vestido a civil – ele que usava sempre fato e gravata nos dias de trabalho – a ler um jornal. Vanessa saudou-o. O pai dela, levantou a cabeça para a entrada da sala e retribuiu. Rapidamente, as duas já se encontravam no quarto da estudante. Vanessa parecia nervosa, enquanto Amara fechava a porta.

— Se tu não estás bem, eu também não estou melhor. — Confessou.

— O que é que te aconteceu? — Quis saber Amara, ao virar-se para a colega.

Vanessa passou a mão pelo cabelo, antes de falar.

— Eu desmaiei, Amara. Eu desmaiei. — Falou, a sussurrar. Foi a primeira vez que ela tinha dito aquilo usando a voz. Até àquele momento, só teria pensado para si mesma, mas a verdade tomava forma, assim que falou.

Amara abriu os olhos, espantada.

— Alguém te viu?

Vanessa abanou com a cabeça.

— Não, os meus pais dormiam. Foi às quatro da manhã.

A líder ficou pensativa.

— Às quatro da manhã? Mas por que tudo nos acontece a essa

hora?

A colega respirou fundo.

— Foi desde aquela gruta. — Sussurrou, após um longo segundo de silêncio.

As duas olharam uma para a outra. Aquela era uma resposta que ninguém gostaria de ouvir, mas tudo levava realmente até lá.

— Eu não quero ir até lá. — Amara falou, nervosa, sentando-se na cama. Vanessa caminhou de um lado para o outro retomando o seu lugar.

— Nem eu, mas talvez tenhamos de ir. As outras também estão a passar mal.

Amara abriu os olhos e pegou no seu telemóvel, que estava em cima da mesa de cabeceira.

— Nenhuma delas ainda me ligou. Elas costumam ligar para mim. Hoje ainda não saímos juntas. — Com o telemóvel no ouvido, Amara começou a ligar para uma das amigas. Vanessa sentou-se ao lado da colega e também esperou. A chamada foi atendida três toques depois. — Bom dia, Telma! Como é que estás?

— Ai, não me digas nada. — A voz do outro lado saía arrastada. Amara colocou em alta voz.

— O que é que te aconteceu ontem? — Vanessa perguntou.

— Ah, a Vanessa também está aí.

— O que se passou?

— O que se passou? — Bocejou. — O que se passou foi que vomitei a noite toda e agora estou deitada na cama, cheia de sono.

— A noite toda, ou depois das quatro?

A voz não surgiu logo no segundo seguinte.

— Tens razão. Foi depois das quatro. Foi às quatro. A minha mãe disse-me.

— A tua mãe viu-te?

— Viu, mas eu menti, disse que só me senti mal. Não era um

segredo nosso? Não iria dizer que tivemos numa gruta.

— Foi depois da gruta que ficámos assim. — Vanessa referiu. Amara não gostou que a colega repetisse. Telma concordou.

— Olhem, eu faria de tudo para regressar lá. Passei mesmo mal, acho que já perdi dois quilos. — Amara e Vanessa olharam uma para a outra.

— Vamos ter de falar com as outras. — Vanessa falou, tentando ir pelo lado democrático. Amara pareceu desagradada, mas nada disse.

— Não me importo que falem agora, tenho o telemóvel ao meu lado, nem sequer força tenho para o levantar da cama.

Amara bufou e marcou o número de Irene, que prontamente atendeu. Assim como com Telma, a jovem também se encontrava na cama. Olga também referiu o mesmo, assim que entraram em contacto com ela.

Após todas terem mencionado o que lhes aconteceu na noite passada, as raparigas foram a votos. Amara e Vanessa foram as únicas a votarem contra. Telma, Irene e Olga, sendo a maioria, decidiram que iriam juntas até ao local, para tentarem descobrir o que teria acontecido com elas.

Marcaram tudo para aquele dia de noite. Naquela hora, saberiam melhor dizer o que lhes tinha acontecido, já que ocorria tudo de madrugada. Quanto aos pais, bastava referir que estariam em casa de alguma amiga. Era sábado, não haveria tanta pressão para chegar cedo em casa.

As quatro terminaram a chamada, nervosas e ansiosas. Amara e Vanessa, com medo, só queriam que tudo corresse bem.

## Capítulo 17

A noite chegou, amena. O vento soprava com calma nas árvores. Dentro da Igreja, no maior silêncio, ouvia-se o bater do sopra. Os homens sentavam-se numa mesa comprida na sala dos arcebispos. Eram treze. Treze numa mesa. O líder olhava para o relógio de cuco pregado na parede à entrada da porta. Esperava que desse uma volta completa. Teriam de iniciar a reunião à meia-noite em ponto.

Enquanto isso, as três jovens, Telma, Olga e Irene, deslocaram-se no automóvel de Amara até ao local da gruta. No banco de trás, ao lado de Irene, estavam lanternas e objectos usados pelos arqueólogos, além do anel que Vanessa tinha dado.

Em casa de Vanessa, a jovem e a colega Amara encontravam-se nervosas. Esperavam que as estudantes conseguissem saber alguma coisa.

— Chegámos. — Informou Irene no telemóvel.

Olga, a condutora, saiu do carro, com iniciativa. Parecia ser a que estava com mais vontade de desbravar aquele mistério. Telma ainda se encontrava indisposta, enquanto passava algumas vezes a mão na

testa. Irene pôs o telemóvel no bolso e pegou na lanterna, colocando, antes, o capacete de protecção. Caminharam as três em frente com passo calmo e certo. Com lanternas ligadas, iluminavam o local, que apenas tinha um candeeiro aceso que iluminava metade do caminho. Quando a luz do candeeiro desapareceu atrás delas, Telma pareceu nervosa.

— Devemos continuar? — Sussurrou, enquanto estendia o braço, tentando iluminar o seu próprio caminho. A mão dela tremia, o que fazia com que a sua luz não ficasse estática.

— Temos de continuar. — Respondeu Olga, decidida.

Telma, no meio, respirou fundo e prosseguiu. Andaram vários passos até chegarem perto do local da pegada. Olga tirou o anel do bolso das calças. Ele começou a reluzir quando esticou o braço.

— Deveríamos tê-lo usado. Dá mais brilho do que as lanternas. — Referiu Irene, a falar pausadamente. Parecia sonolenta.

As três raparigas seguiram. Pararam em frente à pegada. A lanterna de Telma estava focada na pedra alta, de onde se abriria a porta. Olga baixou-se para colocar o anel no meio da pegada. Nesse momento, o que estava na porta começou a reluzir a vermelho. As jovens viram, surpreendidas. “*Verdades Ocultas*”, estava bem marcado. Elas abriram a boca, em espanto. A porta abriu-se. Elas olharam umas para as outras.

— Vocês viram? — Inquiriu Telma. As outras afirmaram com a cabeça. Irene teve, pela primeira vez, reacção e tentou alcançar a máquina fotográfica que tinha ao pescoço, porém as marcas na porta desapareceram.

— Se vocês forem dizer que isto foi de propósito, irei negar. — Disse, ao pousar novamente a máquina ao peito.

As jovens entraram na gruta. Telma olhou logo para as paredes. As imagens rupestres estavam iguais. Nenhuma diferença. Talvez apenas uma diferença. Mas não nas paredes. Algumas pedras pareciam



ter mudado de lugar. Olga pareceu entender.

— Vocês perceberam? — Olhou para as amigas. As outras duas voltaram a afirmar com a cabeça.

— Podemos ir tirando fotografias para compararmos com as tiradas no dia do exercício prático. — Sugeriu Telma.

Elas assim o fizeram. Telma tirou fotografias às paredes da gruta, Olga tirou às pedras e Irene tirou aos restos mortais presentes. Ao olhar para um dos esqueletos, reconheceu algo.

— Este seria o esqueleto da Otávia Simões. — Olga e Telma olharam para ela e acenaram com a cabeça, em sinal afirmativo.

— Estamos no meio de uma gruta onde a seita deixa os seus mortos. — Identificou Olga a olhar em redor.

— Então, os problemas que estamos a ter têm a ver com isto? — Questionou Irene.

— É a única resposta. — Disse Olga, a encolher os ombros.

— Será que isto que nos está a acontecer é porque não fizemos o pacto de que não falaríamos nada?

Olga e Telma ficaram pensativas. Olharam uma para a outra, depois para Irene.

— O que é que o pacto irá fazer? — Perguntou Telma.

— Vai mostrar que estamos unidas.

Olga e Telma voltaram a olhar uma para a outra. Encolheram os ombros e aproximaram-se de Irene.

— Se for para perdermos estas dores e mal-estar, então que seja. — Disse Olga, tirando a faca que tinha no bolso traseiro das calças de ganga.

A primeira a dar um golpe foi Olga, no dedo indicador direito, ela fez um pequeno corte, emprestando, de seguida, a faca a Telma, que também decidiu fazer o corte, após uma pequena troca de olhares com Olga. No fim, Irene, recebendo o objecto da mão esquerda de Telma, fez também o corte no dedo. Depois, cada uma encostou o seu

dedo nos dedos das restantes, unindo os sangues.

Nesse momento, uma luz azul surgiu entre os dedos das três. As raparigas ficaram surpreendidas e olharam-se.

## Capítulo 18

Um vento soou entre as orelhas dos profetas. Não era vento vindo de fora da Igreja, vinha de dentro. O líder, sentado a norte, esboçou um sorriso maquiavélico.

— Acabaram de se dar ao Senhor da Luz. — Proferiu.

Os restantes doze sorriram em resposta e fecharam os olhos, a apreciarem algum sentimento que ninguém, além deles, parecia sentir.

— São Telma, Irene e Olga, estudantes da turma de arqueologia. São três jovens de vinte anos. — Explicou um dos profetas, ao abrir os olhos.

— Que maravilha! — O líder bateu palmas três vezes, parecia felicíssimo. — Excelente trabalho, profetas! Prossigamos as nossas belas tarefas para darmos ao Senhor excelentes almas. Fiquem por perto dessas raparigas. Vão-nos ser úteis.

— E quanto às restantes, senhor? — Inquiriu o profeta sentado à direita do líder.

— Elas irão ter de se dar. Sendo elas puras, ou não.

— A líder do grupo é pura, posso comprovar. Recebi uma jovem em confissão que me revelou isso. — Mencionou o primeiro profeta, que referiu os nomes das estudantes.

— Excelente. Façam-na estar próxima de nós. Convençam-na a fazer parte das nossas formações.

— Eu irei dar a missa de amanhã, tenho a certeza de que elas irão, senhor.

— Perfeito. Quanto ao agente, façam uma reza por ele amanhã. Não levantar suspeitas e parecermos autênticos é uma das regras base. Estamos entendidos?

Todos os profetas afirmaram com as cabeças. O chefe olhou para o relógio na sala dos arcebispos. Uma hora tinha passado. Levantou-se.

— Bem, profetas, eu voltarei a comunicar convosco em breve. Não me telefonem para contarem coisas supérfluas. Eu sempre irei comunicar-vos. Sabem a regra. — Continuaram a afirmar com as cabeças. O chefe deu passos apressados até à saída da sala, caminhou pela entrada, enquanto ouvia respiros fundos. Sorriu. Ele era respeitado e temido pelos profetas. Ele era a voz do Senhor na terra. Ele era o líder terrestre.

Chegou ao adro e reparou no automóvel de Amara a passar. Fez o sinal da cruz com a mão esquerda. “*Sejam bem-vindas, almas*” – Sussurrou.

## Capítulo 19

— Eu dormi bem. — Referiram as três jovens no dia seguinte, assim que voltaram a ver Vanessa e Amara.

Eram oito e quarenta da manhã. Às nove começaria a missa para os jovens. Elas caminhavam a pé até ao local. Com passos lentos, conversavam sobre o que tinha acontecido na noite anterior. Referiram a mudança nas pedras e o pacto de sangue. Amara e Vanessa sentiram-se chocadas ao ouvirem que as colegas trocaram fluídos entre elas.

— Não eram fluídos, era só sangue. — Referiu Olga.

— O que é que vos deu na cabeça? — Amara questionou, preocupada e quase escandalizada. — Vocês poem-se a fazer pacto de sangue no meio de uma gruta que faz parte de uma seita?

— Principalmente, após termos lido o e-mail do doutor Pedro. — Acrescentou Vanessa.

— É completamente surreal. Isso é irresponsabilidade. — Continuou Amara.

— Oh, francamente, vocês são assim tão púdicas? Há tanta gente

que faz pactos de sangue. — Telma desvalorizou.

— Sim, namorados e seitas. — Respondeu Vanessa.

— Tu cala-te que ninguém falou contigo. Tu não fazias parte do nosso grupo. — Olga acusou.

— Ela faz parte do nosso grupo. — Referiu Amara. — A partir do momento em que entrou na gruta e sente o mesmo que todas nós, ela é do nosso grupo.

— Nós já não sentimos isso. — Irene repetiu, a sorrir. Parecia a única que ainda não crucificava Vanessa.

As cinco pararam de falar quando chegaram ao adro. Um grupo de jovens já se encontrava a entrar na Igreja. Cumprimentaram Vanessa e Amara, mas tinham conversas paralelas sobre a cumplicidade entre Vanessa e as amigas da líder daquele grupo. As raparigas entraram na Igreja e o profeta logo as reconheceu. Encontrava-se em frente, a ler uma passagem da Bíblia, que estava pousada sobre uma pedra branca. Reparou pelo canto do olho que elas se sentavam em linha na segunda fila da frente. Tossiu levemente e fez um compasso de espera, enquanto via todos os jovens a sentarem-se. Olhou para o relógio de pulso. Faltavam três minutos para as nove horas. Teria três minutos para se preparar para pregar a sua palavra sobre o Senhor. Respirou fundo e foi citando passagens da Bíblia para poder fazer passar o tempo. Foi lendo o livro à sua frente. A certa altura, levantou a cabeça. Os jovens já se encontravam todos sentados. O profeta sorriu e deu uma última olhadela no seu relógio de pulso. Nove horas. Saiu de trás da pedra e colocou-se à frente. Ergueu as mãos.

— Bom dia, meus jovens! Antes de iniciarmos a missa de hoje, vamos rezar pelo agente Campos, que faleceu recentemente. Peçovos que repitam estas palavras comigo, com as mãos juntas.

Enquanto o pastor citava as palavras, as cinco jovens olhavam-se sorrateiramente. Tinham-se esquecido da morte do agente. Tinham-se focado tanto na seita, que o falecimento do polícia tinha ficado para

segundo plano. Olharam-se arrependidas. O Senhor iria ficar aborrecido. Não só o Senhor da Bíblia, como também o Senhor citado como o “*da Luz*”.

A missa durou uma hora. Assim que terminou, os jovens caminharam para o exterior. As cinco raparigas levantaram-se, mas foram barradas pelo profeta.

— Jovens, peço desculpa se vos incomodei, mas percebi que vocês parecem amarguradas com algo.

As estudantes olharam umas para as outras, antes de se virarem para o homem vestido de branco.

— Estamos cansadas, apenas. — Explicou Amara. Olga revirou os olhos. O profeta, pelo canto do olho, percebeu, mas não foi notado por nenhuma das raparigas a fazer aquela reacção.

— Se quiserem, podem contar comigo. Estou sempre disponível para vos ouvir. — Sorriu, a tentar passar confiança.

As raparigas sorriram também e agradeceram em resposta. Ao saírem da Igreja, Telma, Olga e Irene pareciam aliviadas pelo pastor ter reparado.

— O pastor reparou nas vossas caras, não nas nossas. — Telma referiu, a sorrir.

— Sim, nós estamos melhor. Deveriam fazer o pacto lá também. — Irene concordou.

— Nós não vamos fazer pacto nenhum. — Amara respondeu, chateada. — Isso foi irresponsável. — Vanessa concordou com a cabeça.

As cinco caminharam até casa de Amara, com passo lento.

— Temos é de encontrar mais informações sobre essa tal seita chamada “*Verdades Ocultas*”, porque realmente o que nos vai safar disto é sabermos a verdade.

— Sabermos a verdade oculta. — Acrescentou Vanessa, a tentar fazer um trocadilho. Algo que não surtiu muito efeito. As raparigas

nem sequer sorriram.

Em silêncio, chegaram a casa de Amara e atravessaram a sala, indo para o quarto da jovem. Passaram pelo pai da rapariga, que se encontrava no sofá da sala, e apenas o cumprimentaram. Ao fechar a porta, retomaram a conversa.

— Temos de procurar primeiro mais informações sobre a Otávia.  
— Começou Amara, ao ir ao seu portátil, ligando-o em cima da escrivaninha.

— Se procurarmos a seita, não aparece nada. — Telma referiu, atrás da líder, enquanto ela pesquisava o nome de Otávia no Google.

— Isso é óbvio, nenhuma seita aparece aí, desde que se fale na media. — Acrescentou Irene.

— Mas se essa seita já esteve aqui há quarenta anos, por que não há informação nenhuma? — Inquiriu Amara, pensativa.

Vanessa olhou para o chão, enquanto as outras quatro conversavam sobre o caso. Pensativa, estava absorta nos seus pensamentos. Até que levantou a cabeça para o computador portátil.

— Pesquisa em portais. — Soltou. Amara sentiu que a sugestão era boa. Iniciou a sua pesquisa no Google. “*Portais seitas*”, escreveu.

Um portal surgiu no segundo resultado. Amara clicou nele. Ali perceberam que poderiam chegar a algum lado importante. Vários comentários de usuários estavam escritos ao longo de vários textos e menções a seitas. Começaram a ler em voz alta alguns dos textos das pessoas.

— “*Em 1980, faleceu um primo meu que provavelmente foi atrás de uma palestra sobre como chegar ao sucesso*”. — Leu Telma.

— Está aqui um mais recente, de 1988. — Notou Olga, apontando para o portátil. — Este diz que foi a irmã.

— Há aqui outro que diz que um grupo de cinco raparigas, também jovens, foram assassinadas por uma seita em 1973. — Amara



disse. — Pelo menos, é o que dizem. A versão oficial é que elas iriam atrás de um personagem que viram num filme de terror famoso, na época.

— O exorcista levou à morte de muita gente, na altura em que foi divulgado. — Mencionou Vanessa.

Amara respirou fundo, ao receber todas aquelas informações.

— Temos de nos focar na Otávia. Ela é um dos corpos que ali está na gruta.

E as jovens passaram o resto da manhã a procurar informações mais detalhadas sobre a rapariga que, supostamente, de acordo com a comunicação social, foi morta pelo pai.

## Capítulo 20

O tempo foi passando. As dezanove horas chegavam e com ela o pôr do sol. Olga foi vista a sair de casa, com a Bíblia nas mãos. Caminhou em direcção à Igreja. Iria sozinha, ou, pelo menos, assim esperava, no entanto, reparou em Telma e em Irene a caminharem para o mesmo local. Aproximaram-se.

— Boa noite, vocês vão para onde? — Inquiriu Olga. As duas abanaram as Bíblias. Olga também mostrou o que tinha nas mãos. — Vão falar com o pastor?

— Sim, e vamos à palestra de autoajuda. Talvez nos ajude no meio de toda esta coisa das seitas. — Telma respondeu.

As três caminharam juntas até ao local sagrado, mas talvez não tão sagrado assim. Aos poucos, sem perceberem, estavam a ser desviadas do seu Senhor de Bem. Elas iriam ser recebidas pelos braços do Senhor da Luz, ou da Escuridão. E elas já seriam aguardadas. O profeta encontrava-se na Igreja, no mesmo lugar onde foi visto de manhã. Saudou-as assim que as viu.

— Sejam bem-vindas ao convívio do Senhor. Sentem-se, por fa-

vor. — Pediu, aproximando-se e indicando a primeira fila dos bancos. Elas assim foram. Sentaram-se.

— Senhor, viemos por que estamos realmente amarguradas. — Confessou Telma.

— Sim, a nossa amiga não quis falar porque não queria preocupá-lo. — Mentiu Olga.

O profeta sentou-se ao lado delas.

— Pois digam-me o que vos amargura, minhas queridas. — Falou com voz doce.

As três olharam umas para as outras a arranjarem coragem para contar, em palavras, o que lhes tinha acontecido. Aos poucos foram confessando. Foi a visita de estudo, o exercício prático, a gruta, as imagens rupestres nas paredes, os esqueletos... Tudo foi contado ali. No seu interior, o profeta ria-se. As almas estavam a cair no seio do Senhor dos Turbulentos.

Onde estaria Deus quando isto acontecia? Onde estaria Deus? Onde Está Deus?

Deus está em toda a parte. Isso significa que Ele existe em todos os lugares ao mesmo tempo.

Mas a pergunta sobre onde está Deus é complexa, quando vemos situações como esta, em que jovens são mortas por grupos cruéis. Afirmar que Deus está em todos os lugares não quer dizer que Ele é todos os lugares. Se assim o fosse, Deus não seria bom.

A Bíblia fala na onipresença, mas o mal também está presente, apenas não em todos os lugares, então por que Deus não intervém? Talvez ele surja numa situação mais complexa.

A verdade é que as raparigas, ali, naquela Igreja, não estavam protegidas. Estavam protegidas, sim, mas pelo Senhor dos Turbulentos.

E iriam permanecer com Ele, já que aceitaram todas o pacto oral de irem à palestra de autoajuda, que iria iniciar-se no dia seguinte.

## Capítulo 21

Encostada ao canto de um dos cubículos na casa de banho, Vanessa esforçava-se por acalmar a respiração.

*“Pára”* – disse para si mesma. – *“Não és uma medricas, tu és forte, tu vais ultrapassar isto, não desmaies, não desmaies”*.

Levantou a cabeça para o relógio. Quatro da manhã. Maldita hora!

Ao mesmo tempo, Amara estava na casa de banho com a face pálida como a morte e a boca seca por dentro. Era mais uma noite a vomitar, o corpo gelado e a tremer. Saiu do cubículo e caminhou lentamente. O pai saiu do seu quarto, preocupado.

— Estiveste a vomitar, querida? — Questionou, preocupado, com uma lanterna na mão a iluminar o caminho.

— Sim, foi algo que eu comi que me fez mal. — Mentiu.

— Se continuares mal, chama-me. — Pediu, enquanto caminhava para a porta do seu quarto, porém ainda esperou que a filha entrasse no dela, para poder descansar levemente.

Amara deitou-se e pegou no seu telemóvel. Mandou mensagem para Vanessa. O telemóvel dela faiscava com mensagens pousado na mesa de cabeceira do quarto, contudo a jovem ainda encontrava-se

na casa de banho a tentar tirar aquelas vertigens de dentro de si.

— Não consigo respirar. — Repetia ela, baixinho. — Não consigo respirar.

Molhou o rosto, com as mãos a tremer, e respirou fundo três vezes. Pareceu ter acalmado. Saiu da casa de banho e caminhou com passos lentos até ao quarto. O telemóvel reluzia no meio da escuridão. Aproximou-se calmamente, não queria cair. Ainda tinha medo de desmaiar. Sentou-se na cama e pegou no objecto. Eram quatro mensagens de Amara, com a escrita típica dos adolescentes.

*“Ei, tás bem? Só pra saber...”*

*“O q é q tá a acontecer??”*

*“Vanessa, tás acordada?”*

*“Eu vomitei e tu??”*

Vanessa respondeu, depois de se recostar na cama.

*“Quase desmaiei. Tou esquisita”.*

A casa da rapariga estava calma e sossegada, mas a de Amara ainda tinha um pai preocupado. A líder comentou isso por mensagem. Vanessa não conseguiu ter uma reacção mais surpreendida, porque sentiu uma dor de cabeça forte, que lhe fez tirar uma das mãos do telemóvel e pousar numa das têmporas. Fechou os olhos, por longos segundos, a tentar acalmar a dor. Ao abri-los, percebeu que a cabeça já não latejava tanto.

*“Acabei de ter uma dor de cabeça repentina e forte”.*

*“Eu tou a voltar a ter sono. As melhoras, Vanessa. Falamos amanhã”.*

Vanessa olhou triste para o telemóvel. Sentia-se sozinha, abandonada. Estava com medo de adormecer. Viu no seu relógio da mesa de cabeceira que já eram quatro e meia. Voltou a colocar o objecto no sítio e esperou o tempo passar para poder voltar a dormir. Isso só ocorreu às cinco e um quarto. Mas não se podia dizer que tinha sido um resto de noite calmo.

## Capítulo 22

Segunda-Feira. Os telemóveis e despertadores dos adolescentes começaram a tocar. A turma de arqueologia teria uma prova naquela manhã, no entanto, não se podia dizer que as raparigas tinham estudado, não Amara e Vanessa, pelo menos.

Como já era habitual, Vanessa e Amara foram juntas para a universidade no carro da líder, onde falaram sobre os seus sintomas, diferentes entre si. As duas estavam nervosas, não só pela prova que não estudaram, como pelos sintomas que sentiram. Nos corredores, puderam falar com as outras estudantes. Telma, Olga e Irene negaram ter tido algum sintoma e até assumiram, alegres, que tinham dormido muito bem. Vanessa e Amara tentavam desviar a razão pelo facto de as jovens terem ido à gruta. Elas não queriam ir à gruta novamente. Não queriam reviver tudo o que viram lá, apenas encontrar a verdade, longe daquela seita, se é que fosse possível.

A primeira aula começou. As pernas de Amara não paravam de tremer, mas ela tentava escondê-lo, encostando os joelhos um contra o outro e firmando as mãos, quentes, nas coxas.

Vanessa tinha o rosto fechado, bastante séria, talvez a tentar esconder algum mal-estar. A princípio, a cadeira dela parecia estar só a baloiçar. Os olhos de Amara não a largavam e seguiam-lhe o movimento. O vai e vem constante fazia-a sentir um ligeiro enjoo. Estaria a Vanessa nervosa por causa do teste?

Na véspera, no fim de tarde, Amara tinha passado um bom bocado a preparar-se para a prova: levou o portátil para a cama e passara várias horas debaixo dos lençóis, a olhar para o texto.

Não tinha a certeza de que se pudesse chamar aquilo estudo, tendo em conta que já começava a ficar preocupada com a hora de dormir, mas tinha-a feito sentir-se melhor, apesar dos olhos secos por causa do brilho do monitor.

Horas antes tinha estado com as raparigas, onde pesquisaram sobre a seita e estiveram a navegar no portal. Pareciam animadas, porque viam informações novas a surgirem. Também era cedo, o que era um alívio. Amara passou a sentir medo da hora de dormir. Aquelas quatro da manhã eram pesadas demais. Algo banal, antes da visita de estudo, mas que agora sentia cada vez mais pânico.

A primeira das raparigas a sentir-se estranha foi Irene. De alguma forma, sentiu que o rosto dela estava mudado naquele fim de dia depois de terem passado a manhã inteira no exercício prático.

Só ao ver-se ao espelho da casa de banho depois de voltar para casa é que percebeu que as palavras da amiga eram verdadeiras. Os olhos estavam estreitos, cansados e menos brilhantes, mas isso talvez fosse do dia turbulento, contudo os lábios estavam levemente mais pálidos. Ela tinha desvalorizado aquilo.

Agora, ali na sala, todos aqueles pensamentos e sintomas pequenos, mas grandes em importância, dançavam-lhe na mente e não conseguia concentrar-se. Principalmente, com o baloiçar da cadeira de Vanessa, que fazia toda a mesa vibrar.

— Vanessa — Avisou o professor que lhes tinha dado a visita de

estudo interessante naquele dia fatídico —, estás a perturbar toda a turma.

— Está a acontecer, está a acontecer. — Surgiu um aviso estranho da boca seca de Vanessa.

As mãos subiram-lhe velozmente e ela agarrou a garganta, enquanto todo o corpo dava um solavanco para o lado.

Depois, num movimento continuo, a mesa rodou no ar e foi bater com estrondo no chão, indo com ela a própria Vanessa. O pescoço torceu-se e a cabeça dela chocou no solo a tremer, enquanto a face, já vermelha, ficava bem à vista de todos, com a boca a espumar sem nenhum controlo por parte da rapariga.

— Vanessa — O professor, à frente, não percebeu o que se tinha passado nas mesas do fundo —, o que é que se passa?

Mas, enquanto o professor só se inteirava mais tarde, na Igreja os profetas sentiam uma brisa forte na sala do arcebispo, que lhes indicava que uma das jovens tinha acabado de sofrer uma convulsão em plena luz do dia.



## Capítulo 23

Amara não conseguia afastar do pensamento o ar na cara de Vanessa. Os olhos dela tinham ficado bem abertos poucos segundos depois de ter caído.

— Por que estou aqui? — Tinha murmurado, enquanto piscava os olhos rapidamente, as costas arqueadas sobre o chão, as pernas dobradas de uma forma estranha, as calças de ganga puxadas para baixo, que revelava já as cuecas cor-de-rosa, e o professor aos gritos no corredor a pedir ajuda.

Foram precisos dois rapazes da turma e um outro professor da sala ao lado para a voltar a pôr de pé. Amara ficou a vê-los a levá-la pelo corredor, a cabeça apoiada no ombro de um dos colegas, o cabelo cheio de pó do chão. Ela fez tensão de andar atrás deles, mas o professor agarrou-a pelos ombros.

— Não, Amara, tu ficas aqui.

Mas Amara não queria de todo ficar ali. Não se queria juntar ao resto da turma que sussurrava por trás das portas sobre o ocorrido, ou aos rapazes que espreitavam as cuecas, ainda a descoberto, de

Vanessa, enquanto ela dobrava a esquina do corredor, com as pernas cobertas, apesar daquela abertura nos rins entre a camisola de manga curta e as calças, que mostrava a maldita roupa interior que estava agora a ser vista por lobos em pele de pessoas do sexo masculino. Para eles, as cuecas pareciam brilhar como néon.

Amara olhou para as colegas. Elas estavam de olhos colados na Vanessa, chocadas. Não quis afastá-las do transe.

Pouco depois, a líder das amigas caminhou para a casa de banho das raparigas e verificou que sangrava de um dedo. O indicador esquerdo tinha um pequeno corte. Onde o teria feito?

Nesse momento, uma voz feminina soou.

— Amara, viste o que aconteceu com a Vanessa há bocado? — Olga vinha a entrar, à frente de Telma e de Irene.

Elas estavam lá. Viram tudo. Amara não virou a cabeça para as amigas, molhou o dedo indicador e aproveitou para colocar água no rosto. Ainda nem conseguia acreditar no que tinha acontecido.

A princípio, não a queriam deixar entrar na sala da enfermaria.

— Amara, nem a mãe dela ainda chegou cá. — Avisou a enfermeira, que nem era realmente enfermeira, apenas tinha um curso de primeiros socorros.

— Foi o meu pai quem me pediu para saber dela. — Mentiu, enquanto Telma, Olga e Irene afirmavam com a cabeça, a confirmarem a história. O pai de Amara era o prefeito da cidade, o nome dele dito por alguém seria sagrado, principalmente pela filha.

A mentira resultou, mas não para as amigas, que foram rapidamente despachadas para a segunda aula, uma vez que não tinham privilégios: ou seja, o pai não era prefeito.

— Descobre tudo. — Murmurou Telma ao ouvido da líder, enquanto a enfermeira as enxotava.

A porta da sala foi aberta e Amara ouviu Vanessa a chamá-la. Todos ali presentes perto, ouviram.

— Amara — Chamou Vanessa —, o que é que eu fiz? Fiz alguma coisa? Quem é que ouviu?

Ao espreitar pela abertura, Amara viu Vanessa deitada de lado na mesa de exame, os lábios manchados de espuma seca, um ténis pendurado no pé e os botões das calças desapertados.

— Ela mordeu-me. — A enfermeira segurou o antebraço direito, que parecia ainda estar húmido. Trabalhava na universidade havia pouco tempo e corria o boato de que ela fornecia droga aos estudantes desportistas, para acalmarem as dores musculares.

— Amara! — Vanessa rodou a cabeça e firmou as mãos na mesa, por baixo das pernas. A enfermeira correu a correr, a tentar ajudá-la. — Amara. — Repetiu. — O que é que me aconteceu? Estão todos a falar disto? Toda a gente viu o que eu fiz?

No exterior, o professor estava a discutir com alguém por outro motivo, a voz do director surgiu logo em seguida, altiva.

— Ninguém viu nada. — Afirmou Amara. — Estás bem?

Mas Vanessa não parecia conseguir concentrar-se e as mãos dela não paravam de mexer e de fazer imagens estranhas, como se ela fosse uma maestra.

— Eu... — Gaguejou. — Estão todos a rir-se... de mim?

Amara queria dizer-lhe qualquer coisa reconfortante. A mãe de Vanessa devia estar mesmo a chegar e ela sentia que tinha de ajudar a amiga, enquanto era possível.

— Ninguém se está a rir de ti. Mas toda a gente viu as tuas cuecas. Agora vais ter de aturar os rapazes. — Disse, com um sorriso.

Enquanto saía, depois da rápida visita, uma frieza começou a dominar Amara. Tinha a sensação de que havia algo de errado com Vanessa, mas era algo grandioso e indefinido. Aquela ida à gruta tinha criado alguns males estares, mas aquilo era algo superior. Vomitar e desmaiar ainda poderia ser normal, mas não aquilo. Aquilo era diferente. Esparramada no chão, de boca entreaberta e língua pendurada,

Vanessa tinha-lhe parecido com outra coisa qualquer e não uma simples rapariga. Devia ter sido apenas uma impressão sem fundamento, mas quando se tratava de seitas, muita coisa deveria ser tida em conta.

Na sala de aula, Olga decidiu soltar uma mentira, enquanto era incentivada pelas amigas.

— Professor — Lançou —, posso ir à enfermaria? Sinto-me muito maldisposta.

— O que é que te pôs assim? — Questionou o professor da segunda aula. Pelo menos, meia dúzia de alunos não parava de se remexer na cadeira.

— Foi por causa da Vanessa. Vi-a toda esparramada no chão e foi difícil de ver.

Os estudantes atletas, que se sentavam no fundo da sala, mal conseguiram reprimir gargalhadas de gozo. Insensíveis! Vanessa era uma “*jovem nova*” na universidade, não tinha nascido naquela cidade, mas foi recebida de braços abertos desde o primeiro dia, o prefeito assim o quis. Rapidamente, a beleza da rapariga foi percebida por todos os colegas, bem diferente de Olga, Telma e Irene. Irene era a menina bonitinha, amante do rosa, filha de pais trabalhadores, que vendiam nas feiras. Telma era filha de mãe solteira, depois do pai ter sido preso por violência doméstica. Ela era vista como a jovem “*das trevas*” pela universidade. Já Olga... passava despercebida, já que os pais eram trabalhadores no governo, pouco era vítima de bullying, devido ao trabalho deles.

— Ela começou a espumar da boca, como um cão, sabe. — Irene reforçou. — Tive um cão que fez isso. E morreu, professor.

O homem respirou fundo.

— Aguardem pelo fim da aula. A Vanessa merece descansar um pouco.

As raparigas bufaram.

Amara estava embrenhada no seu armário, à procura de alguma

coisa.

— Querida, o que é que aconteceu com a Vanessa? — Surgiu a voz do pai dela, que chegou à universidade atarefado. Com certeza, foi chamado, assim que se soube do problema ocorrido com Vanessa. Aproximou-se e apoiou uma mão nas costas da filha. Ela virou-se devagar, com um dos braços ainda metido na confusão do armário.

— Não sei, pai.

Amara não quis olhar directamente nos olhos do pai, inicialmente. Manteve-o em alguns alunos que passavam para lá e para cá calmamente. Ainda não tinha chegado a hora do intervalo.

— Tu assististe?

— Pai — Ela ergueu o olhar para ele —, não quero falar sobre isso agora.

Agora queria dizer ali, na universidade. Mas, na verdade, Amara tinha era medo de mencionar algo em voz alta. Se Vanessa teve aquilo, ela, com certeza, seria a próxima a cair.

## Capítulo 24

A biblioteca da universidade era uma espécie de estufa revestida de madeira, de onde não se ouvia um pio. Amara reparou nas amigas por trás da bancada de computadores cinzentos. Estavam sentadas no chão, os joelhos encolhidos e livros nos colos. Telma estava no meio. As três levantaram o olhar assim que deram pela chegada da líder.

— Então, o que é que descobriste? — Disparou Telma. Olga tinha os dedos a batucar os lábios.

— Nada. — Respondeu Amara, enquanto se deixava sentar para o chão ao lado de Irene.

Reparou que elas tinham calhamaços nos colos. Todos eles sobre o mesmo tema, seitas e poderes malignos. Estavam no meio do cheiro a cola velha e papel antigo. Tinha sido ali que Amara e Telma trocaram as primeiras confidências juntas. Ambas, ali escondidas, com as cabeças enterradas em enciclopédias.

— Estiveste com ela? — Quis saber Irene.

— Estive, mas — Respirou fundo — não sei exactamente o que dizer, nem como explicar.

— Estará ela grávida? — Sugeriu Olga, com um ar maldoso. — Isto nunca nos tinha acontecido antes.

— A Vanessa? — Espantou-se Amara. — Não, claro que não.

— Não sabemos o que é que ela faz longe daqui.

— As grávidas estão sempre a desmaiar. — Reforçou Telma.

— Ela não está grávida. — Repetiu Amara, em defesa da colega.

— A mãe veio buscá-la e levou-a para casa.

Telma assentiu, enquanto contemplava as próprias mãos, cerradas sobre um livro aberto.

— Como é que podemos ir para as aulas enquanto isto se passa?

— Opinou Irene. — Devíamos ir a casa dela.

— Sim, até porque não sabemos se isto tem a ver com a nossa ida à gruta. — Amara fez uma breve pausa. — Pode acontecer o mesmo a mim. — Estremeceu, mas foi rapidamente esquecida quando Olga virou-se para Irene.

— Mas tu alguma vez foste à casa da Vanessa?

As personalidades de Olga e de Irene não eram compatíveis, isso sempre foi algo notável. Olga esforçava-se para se promover de todas as maneiras possíveis e usava a sua amizade com Amara para esse mesmo motivo. Já Irene era apenas uma jovem sonhadora, que lia livros de fantasia e sonhava com príncipes encantados, bem diferente do que sonhava recentemente.

A história entre Amara e Vanessa era algo que se mantinha em segredo entre elas. Não eram apenas as mais famosas da universidade, nem as mais bonitas. Amara já tinha ajudado Vanessa recentemente com pensos higiénicos, sabia que a colega passava pela menstruação. Era por isso que sabia que Vanessa não estava grávida.

— A questão é que não nos vão deixar sair da escola assim sem mais nem menos. — Mencionou Amara.

— Talvez tenha sido uma reacção alérgica. — Pensou Irene. — Não costumamos ter coisas desse género?

Irene era, de facto, alérgica a quase tudo. Eram frutos secos, ovos, marisco, pescada e trigo.

— Não me parece que tenha sido isso. Se calhar, foi o namorado.  
— Telma falou.

— A Vanessa não tem namorado. — Defendeu Amara.

— Então o que disse a Vanessa? Tu viste-a, certo? — Olga perguntou, virando-se para a líder.

— Ela só me perguntou se alguém tinha visto, parecia nem ter percebido o que fez. — Falou, com um olhar prendido em algo imaginário. Estava mesmo assustada, queria saber o que se tinha passado com Vanessa. Não se conseguia lembrar de mais nada, tudo tinha acontecido tão depressa. E depois daqueles comentários desagradáveis de Olga e de Telma, tudo se amontoava na mente dela. Havia muita poeira mental. Não conseguia pensar. Só conseguia visualizar o rosto de Vanessa e as pernas dela quando caiu na sala.

— Devíamos ir ver como ela está. — Propôs Telma, enquanto coçava a palma da mão. — Temos de ver se ela está bem.

— Sair da universidade? — Perguntou Irene.

— Claro.

— Vamos ser apanhadas. — Avisou Amara. — Tu, principalmente.  
— Telma costumava fazer bastantes faltas de comparência.

— Então vais tu. Não vais ter problemas. — Concordou Telma. — O teu pai vai ajudar.

— Não tenho assim tanta certeza.

Mas Telma tinha razão. Alguém tinha de ir ver o que se passava e, sim, o pai de Amara iria ajudá-las. Assim que o nome do prefeito era evocado, tudo era feito. Amara saiu rapidamente da universidade e entrou no seu carro.

A família de Vanessa era calma, pouco faziam barulho na casa ao lado. Passavam a maior parte do tempo a ver filmes. A mãe dela preferia tê-la em casa consigo, sobretudo nos últimos tempos, quan-



do a filha se tinha começado a parecer cada vez mais com ela própria no tempo em que era modelo. A mãe de Vanessa era uma mulher adorável, diziam os vizinhos e praticamente todas as pessoas do sexo masculino. Infelizmente, ou felizmente, era casada.

Amara sentia-se segura de que tinha tomado a decisão correcta. Contudo, quando chegou à casa ao lado da sua, já tudo lhe parecia um erro. Mas tinha prometido às amigas e, de qualquer maneira, dava ideia de que não estava ninguém em casa.

Um longo minuto passou depois de bater à porta. Sentia uma impressão estranha no pensamento, como se soubesse de alguma coisa importante, mas não conseguisse identificá-la.

De repente, a porta abriu-se. Surgiu uma mulher mais velha. Não era a mãe de Vanessa, mas parecia alguém da família, já que era parecida com a colega.

— Minha querida, o que fazes aqui?

— Vim saber como estava a Vanessa. Eu estava lá quando...

— Ela não está cá. — Interrompeu a mulher. — Levaram-na para o hospital. Eu vou para lá agora mesmo. — Amara olhou para a mão direita da mulher, onde uma chave de um carro tilintava. Por trás dela, via-se uma mesa partida. Havia no ar um cheiro a vômito. Reparou na respiração alarmada da mulher. — Volta para a universidade, ok, querida?

Antes que Amara pudesse pedir à mulher para ir com ela, viu que a mesma disparou com passo rápido até a um carro próximo. A rapariga voltou a pensar na sala da casa. Imaginou Vanessa ali deitada no tapete enrugado, com a cabeça a bater no chão. Vanessa no chão da sala, os olhos negros. E ela própria a sentir os joelhos a fraquejarem, como se não tivesse comido nada. Aquele maldito dia de aula prática tinha mudado as vidas delas para sempre. Para sempre? Talvez não. Deus estaria a zelar por elas.

## Capítulo 25

Na biblioteca, as três raparigas pesquisavam. Era sobre epilepsia, correntes eléctricas e áureas.

— E se foi um ataque epilético? — Sugeriu Irene, no meio de um livro aberto. — Há ataques que podem provocar lesões irreversíveis no cérebro.

Nenhuma delas queria ligar à seita. As raparigas desmaiavam, uma pequena febre colocava os adolescentes na cama, a tensão também. Algumas estudantes nem pareciam alimentar-se, de tão magras que estavam...

Enquanto isso, Amara entrava na sua casa e via o pai na cozinha a comer alguma coisa que ela nem prestou atenção.

— Pai. — Chamou-o com uma voz sumida.

— O que se passa, querida? — O pai aproximou-se, comendo o último bocado que tinha na mão e sacudindo as migalhas das mãos.

— Pai, podes levar-me ao hospital? — Perguntou, com um olhar triste para o progenitor.

O prefeito olhou atentamente para a filha. Era raro vê-la com um

ar tão em baixo. Tentou perceber, já a conduzir, se teria sido muito complicado para ela ver Vanessa a sofrer o tal ataque. O que teria ela visto exactamente?

— Vais me dizer o que é que se passa? — Olhou para ela, por um segundo, antes de retomar o olhar para a estrada.

— Disseram-te alguma coisa na escola? Sobre a Vanessa? — Amara continuou a olhar para a estrada, fixamente.

— Não me souberam dizer o que era. Alguns falam em ataque, outros em epilepsia.

— Pai — Ela virou a cabeça para o pai, triste. —, acho que está a acontecer alguma coisa muito má.

Olhou para ela e assentiu com a cabeça.

— Bom — Ele colocou a mão direita no braço da filha, por breves segundos, antes de voltar a colocar no manípulo das mudanças. —, uma coisa de cada vez.

No hospital, no consultório do doutor Pedro, um utente pouco querido encontrava-se a trocar duras palavras com o médico. Uma mesa separava os dois adultos. O doutor, vestido de bata branca, o homem, vestido de preto. Havia um contraste intenso entre o bem e o mal.

— Se abrir a sua boca, tem um passo directo para o inferno, senhor doutor. — Afirmou o homem, curvando-se na mesa, em pé, colocando a mão esquerda no tampo, em forma de punho. O médico viu o punho fechado e engoliu em seco. Sempre tinha fugido de seitas, mesmo tendo possibilidades para pesquisar e saber informações confidenciais sobre as mesmas, mas aquilo era bem diferente. Ele nunca queria estar na lente dos assassinos. — Envie-nos a alma, mas, antes disso, não a deixe fugir daqui. — Continuou o homem vestido de negro, com voz ativa e directa. — Entendeu?

O médico afirmou várias vezes com a cabeça, a tentar não tremer. O profeta sorriu, ficando novamente com as costas direitas. Arrumou

a postura e o casaco negro e sorriu.

— Foi um prazer conversar consigo. — Interiormente também sorria. O médico não lhe deu guerra. Estava cheio de medo, poderia até jurar que o viu correr para a casa de banho, assim que fechou a porta do consultório. Seguiu com passos lentos para a sala onde se encontrava Vanessa. Ela encontrava-se adormecida. Passou o dedo indicador direito pelo corpo da rapariga. Não lhe tocou, apenas fez essa tensão. De seguida, saiu em silêncio.

— A minha filha é amiga dela. Estava presente quando a Vanessa desmaiou. Não me pode mesmo dar nenhuma informação?

A recepcionista suspirou e voltou a abanar a cabeça.

— O senhor não é da família.

Amara, ao lado do pai, sentiu uma sensação esquisita. Atrás dela passava o homem vestido de negro. Ele olhou para ela. Ela apenas o viu de costas, a sair do hospital. Sentiu um arrepio na espinha. Ninguém próximo dela percebeu essa sensação que Amara sentiu. O pai olhava para a recepcionista. Apercebeu-se do cansaço que a possuía, do ambiente que a rodeava, das luzes brilhantes e da confusão.

— Eu percebo. — Confessou. — Peça desculpa. — Ofereceu-lhe um sorriso amável. — Estou a ser chato. É porque a minha menina — Deixou que o olhar da recepcionista se dirigisse para a filha — ficou preocupada quando viu a amiga a desvanecer. Eu prometi-lhe que ia saber alguma coisa.

Amara tinha a cabeça baixa, em frente ao balcão, ao lado do pai. Ainda tentava manter-se sã com a sensação que tinha recebido. A mulher não devolveu o sorriso ao pai dela, mas olhou para o computador à sua frente.

— Qual é o nome da rapariga?

O pai dela começou a falar, percebendo que tinha o pedido aceite. Amara apenas sorriu levemente.

Uma mulher de meia-idade irrompeu pelo hospital, nesse instante.

— Oh, meu Deus! — Disse ao ver Amara. — Oh, querida. — Era a mãe de Vanessa. Ela correu em direcção à Amara e abraçou-a. — A minha menina. — Soluçou, abraçada à líder das amigas.

A princípio, aquilo parecia-lhe a mesma coisa que via na televisão. E, num filme, seria naquele momento que se ficava a saber que uma amiga tinha morrido, que tinha sofrido um acidente causado pelo álcool, ou que tinha sido estrangulada pelo namorado ciumento, ou ainda que tinha sido raptada por um rapaz qualquer que conheceu na Internet.

Apesar de nada lhe parecer real, Amara deu por si a desejar sentir o que os actores sentiam nos filmes. Queria chorar, cair de joelhos no chão, espernear, mas não conseguia fazer nada disso. Estava ainda em transe, em estado de choque, enquanto era abraçada por uma mãe inconsolável.

Nesse momento, surgiu um médico para falar com a mãe de Vanessa.

— Amara, está tudo bem. — Disse o pai, a sorrir para ela, assim que parou de abraçar a mulher chorosa à sua frente.

As coisas eram mesmo reais, não era um pesadelo que ela estava a ter durante a noite. Vanessa estava mesmo no hospital, depois de ter tido um ataque completamente vindo do nada. Amara tremia. Só tinha percebido isso, quando o pai colocou-lhe a mão no ombro direito.

— Tivemos muita sorte por ela já estar cá quando isto sucedeu. — Disse o doutor Pedro. — Tomou a decisão correcta quando ligou para a emergência. Todos os segundos contam e um evento cardíaco desta magnitude em casa...

— O coração dela disparou. — Interrompeu a mãe de Vanessa, com o rosto húmido pelas lágrimas que caíram. — Senti-a a morrer ali.

Poucos segundos depois, ela e o médico saíram da entrada, indo

pelos corredores, enquanto o pai continuava a tentar explicar-lhe o que foi dito pela recepcionista e pelo médico.

— A Vanessa teve outro ataque lá em casa e foi grave. E a mãe dela chamou a emergência. Quando estava a chegar cá, aconteceu algo estranho ao coração dela, mas conseguiram estabilizá-la. Está a ser bem tratada.

Amara assentia com a cabeça sem parar, mas tudo o que conseguia pensar era que seria melhor se ele não estivesse ali com ela. Todos os sorrisos que o pai dava às enfermeiras não a ajudariam a passar pelos corredores para poder ver Vanessa. O pai era o prefeito, todos os conheciam. Ali ela pôde perceber que, às vezes, ter todas as atenções não era bom. Se o pai se fosse embora, ela acabaria por encontrar uma forma de entrar. Ela e as amigas conseguiam sempre encontrar forma de ir aonde queriam.

— Podemos esperar, se quiseres. — Disse ele.

— Está bem.

— Eu vou ter de ir ao meu gabinete arranjar umas coisas e já volto. Ficas bem aqui sozinha por alguns momentos?

— Sim, pai. — Ela fez uma voz firme e forte, pela primeira vez. — Eu tenho de ficar aqui.

O pai desapareceu do hospital. Amara sentou-se numa das cadeiras metálicas, tão longe quanto possível do segurança, que estava parado como estátua firme na porta. Tentou enviar mensagem a uma das amigas, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Ela tinha acabado de revelar algo ao pai, disse no carro que algo estranho se passava, como é que iria dizer às amigas que tinha quebrado o pacto de silêncio? Logo ela que guardava os segredos de todas.

Foi então que viu um casal a sair de um consultório com uma criança no colo do pai. O médico também tinha saído para se despedir do menino que tinha a cabeça apoiada no ombro do progenitor. Atrás deles, ao longe, estava Vanessa em pé.

Amara piscou os olhos rapidamente. Vanessa desapareceu. Ela tinha sonhado?

## Capítulo 26

Depois de ter chegado ao corredor, Amara não fazia ideia de como ia encontrar Vanessa. Estava nervosa.

Ao fundo viu um idoso sentado numa cadeira de rodas, com um curto cabelo branco. Vestia um robe azul-escuro liso. Percebeu que o homem não parava de virar a cabeça de um lado para o outro como se tivesse medo de alguma coisa.

— Olá. — Cumprimentou ela, ao aproximar-se, surpreendendo-se a si mesma.

Ele olhou para a rapariga, surpreso, os olhos negros a tentarem fixar-se nela.

— Outra? — Respondeu ele, com voz fraca. — És outra delas? — Ele levantou a mão para o ar, não a atingiu, talvez tivesse falta de visão. Amara sorriu, sem saber o que fazer a seguir. — Está bem, a vida é assim. Espero que esteja tudo bem.

Amara seguiu em frente, ao ver que o homem deixou de ter atenção nela. Já distante, voltou-se a olhar outra vez na direcção do homem. Queria sorrir-lhe, mas reparou que algo estranho se passava com o



idoso. Talvez os olhos, talvez a imagem esbranquiçada no rosto... Não soube identificar.

Levou três minutos, mas ninguém conseguiu vê-la. Avançou decidida, como se estivesse numa missão, e acabou por avistar o casaco branco que a mãe de Vanessa vestia, na porta do quarto, que se encontrava aberta. Entrou e reparou logo na cama de hospital cheia de fios e um saco de vômito pendurado num dos cantos.

— Amara, olha a nossa Vanessa. — Disse a mãe da colega.

Ao aproximar-se, a estudante viu o monitor de batimentos cardíacos e uma enfermeira que surgiu repentinamente atrás de si. Amara afastou-se de todos os obstáculos para chegar mais perto de Vanessa. Tal como as pessoas viam nos filmes, ela ultrapassaria tudo. Nada a poderia deter. Mas parou ao chegar aos pés da cama da colega. Só conseguia ver uma mancha roxa na testa da estudante. Tinha ela batido com a cabeça?

— O que é que aconteceu? — Perguntou, quase a sussurrar.

— Ela bateu com a cabeça na mesa lá em casa. — Respondeu a mãe de Vanessa.

Como se aquela fosse a explicação certa. Não, não era! Havia mais do que o facto de ela ter batido com a cabeça numa mesa. Ela esperneou, ficou mal, espumou da boca.

No seu interior, Amara sentia que havia algo que não deveria ignorar. Parecia que, se colocasse um espelho em frente a Vanessa, iria vê-la com fragmentos estilhados, que já não se poderiam encaixar. Algo dividiria o rosto da colega.

— Está não é a Vanessa. — Afirmou Amara, as palavras tinham-lhe escapado da boca.

A mãe e a enfermeira abriram os lábios, surpreendidas.

— Ficam assim com um aspecto diferente. Todas elas. — Explicou a enfermeira, ao pegar-lhe no braço com brusquidão. — Ela está fraca. Tem de sair.

A mãe de Vanessa soltou um gemido, amargurada.

— Mas têm a certeza de que é ela? — Questionou Amara, enquanto a enfermeira a conduzia até à porta. — Senhora, tem a certeza que é a Vanessa? — Virou-se para a mãe da colega.

Não obteve resposta, mas Amara sabia. Aquela não era Vanessa. Aquela já não era Vanessa.

## Capítulo 27

Tinha chegado o fim do dia. Telma, Olga e Irene caminharam juntas até à palestra de autoajuda. Agora, sim, fazia sentido irem àquele evento. Fazia todo o sentido. Mesmo que, ao entrarem na sala de educação moral e religiosa, fossem apenas elas e o professor/profeta. O homem, vestido de branco, estava sentado na secretária do docente, a aguardar a chegada delas. Parecia realmente ter a certeza de que elas viriam. Levantou-se com prontidão, ao vê-las na entrada da porta. As três, com as suas Bíblias nas mãos, sentaram-se nas cadeiras da frente e iniciaram a primeira aula das cinco, depois de terem saudado o profeta e de terem contado sobre a convulsão de Vanessa.

— Irei depois à Igreja rezar por ela. Vão querer ir comigo?

As três amigas afirmaram com a cabeça, aliviadas e sorridentes. Pequenas ovelhas. O telemóvel de Telma soou nesse momento. O homem ficou com um semblante sério.

— Não há telemóveis ligados nas minhas aulas. — Falou, com voz grave, como se desse uma reprimenda.

Telma engoliu em seco. Reparou que Amara se encontrava a ligar

para ela. Desligou a chamada e o telemóvel, logo em seguida, guardando o objecto no bolso.

No carro do pai de Amara, a jovem colocava o telemóvel novamente também no bolso das calças.

— Tive um sonho estranho quando dormitei lá na cadeira. — Confessou. A rapariga percebeu que as amigas não estariam agora para ela. Teria de quebrar o pacto de silêncio. Elas estavam mais afastadas. Havia nela uma energia que o preocupava. Preocupação de pai, talvez.

— Está a acontecer muita coisa. Podemos ir para casa, vemos um filme, fazemos pipocas e ficamos no sofá. O que achas? Fazemos uma noite daquelas que tanto gostavas.

— Quando tinha onze anos. — Disse ela, como se isso tivesse sido no século passado. Tinha sido um ritual semanal. Ela gostava de ver filmes de adolescentes da década de 80 e 90, porque adorava a moda daquelas épocas, mas no fim sempre chorava.

— Vai correr tudo bem com a Vanessa, querida. — Ele tentou passar alguma coisa positiva.

— Acho que nem sequer era ela. — Disse, com a voz a tremer.

— Era quem? Conseguiu vê-la? No hospital, Amara?

— Só por um segundo não me pareceu que fosse a Vanessa.

— Tu foste vê-la? — Repetiu o pai.

— Não sei se foi sonho, ou se eu a vi mesmo.

— Querida, se a viste, claro que era ela.

— Quer dizer, nunca foi mesmo a Vanessa. Hoje na aula também não era ela. Ela tinha um ar muito estranho.

O pai não disse mais nada no interior do carro. Apenas, em silêncio, os levou até casa, onde Amara preferiu ficar em cima da sua cama a pensar. Enquanto isso, à saída da sala, as três amigas conversavam sobre Vanessa.

— É engraçado como nunca pensamos no coração quando somos

novos. É claro que ela tinha tido algum ataque cardíaco. Ela só comia porcaria. — Disse Olga, com a Bíblia na mão, enquanto a lua já começava a iluminar o dia.

— Eu ouvi dizer que o coração dela deixou de bater por um minuto. — Irene referiu.

— Deve ter sido epilepsia. — Olga falou.

— Ela soou um bocado desligada. — Comentou a outra. — Mas também como é que havia de soar, não é? Lembro-me que a mãe dela passava o tempo a dizer que a filha era a rapariga mais saudável do mundo.

— As pessoas dizem tudo e mais alguma coisa. — Bufou Olga, indignada.

Telma, de olhos no telemóvel, voltou a ver a chamada de Amara.

— Foi a Amara quem ligou para mim. — Informou, retornando a chamada para a amiga. Ao segundo toque, foi atendida. Colocou o telemóvel em alta voz.

— Então, Amara? Desculpa, eu e as meninas tivemos na palestra de autoajuda.

No outro lado, Amara, sentada na cama, fazia um ar sério.

— Vocês foram mesmo a essa palestra?

— Querias o quê? Não foi porque aconteceu aquilo com a Vanessa que não iríamos.

— Começo a achar que essas palestras não são boas.

— Mas foste tu quem nos disseste que tínhamos de ir a mais. — Relembrou Irene.

— Mas agora mudou. Nós mudámos.

— Então? O que é que aconteceu? — Olga perguntou, preocupada.

— Foi mau. — Amara parou. Não podia falar daquilo como falava de algo normal e natural. As palavras teriam de ser bem escolhidas, para que desse a ideia de como aquilo foi importante.

— O que é que ela tem? — Telma inquiriu.

— Falaste com ela? — Quis saber Irene.

— Falar com ela? Não. Vocês não percebem, ela... — Não sabia como falar aquilo. Não sabia explicar. Não podia simplesmente dizer que o rosto dela não era o dela. Eram duas partes estranhas que não se ligavam e nenhuma delas parecia ser da Vanessa. — Aconteceu alguma coisa grave. — Disse, por fim. Amara contou do possível sonho que teve, que parecia real, além de ter mencionado que falou algo ao pai.

— Ah, já sabia que serias tu a quebrar o pacto. Só nós fizemos o pacto a sangue. — Referiu Telma, a desvalorizar o ar sério e preocupado com que soou Amara do outro lado da linha. Amara revirou os olhos, mas isso as amigas não iriam saber.

— Mas ela vai ficar bem? — Indagou Irene, com o queixo a tremer. — Vai, Amara?

Mas a líder não sabia o que dizer. A boca dela abriu-se, mas nem um som saiu. Na sala, sentado no sofá, encontrava-se o pai de Amara ao telemóvel.

— Não conseguimos saber grande coisa. — Soava a voz do director no outro lado. — O hospital não fornece nenhuma informação sem a autorização da mãe, o que é compreensível, mas a senhora não responde a nenhum telefonema, o que também é igualmente compreensível.

— Claro. — Concordou o prefeito, enquanto recordava o estado em que a mãe da estudante se tinha apresentado na entrada do hospital. — Se eu puder ajudar...

— Bem, se puder abafar o caso para a comunicação social, agradecia imenso, já que a universidade não deve ter os jornalistas à porta. Isto ainda é uma instituição de ensino.

— Claro. — Repetiu.

— Mas eu queria também falar consigo. Ouvi dizer que a foi ver.

— Sim. A minha filha viu o que aconteceu e quis ir vê-la. A cena foi caótica.

— Pelo nosso lado, seguimos todos os procedimentos recomendados. — Defendeu-se. — Mas, ao que parece, as coisas complicaram-se quando ela chegou a casa. Teve uma espécie de arritmia provocada por novo ataque. Claro que já há boatos a circular.

— Boatos?

— Queria justamente saber se tinha ouvido alguma coisa.

— Não, de que género?

Mas o director apenas tossiu levemente.

— Não faço ideia. Só me cruzei com a mãe dela uma vez, numa reunião de direcção da universidade no ano passado. Pareceu-me uma mulher cautelosa, mas ansiosa. Sei que deve estar a ser difícil para ela. Elas não são daqui.

— Isso nunca foi um problema. Mas, penso, que tudo o que podemos fazer é esperar. De certeza que rapidamente saberemos mais.

— Sim. É isso mesmo. — Concordou, mesmo que contrariado.

## Capítulo 28

Amara passou a noite a tremer, sem conseguir dormir, a remexer-se rapidamente na cama. Tinha o corpo gelado, como se tivesse uma gripe.

Seis da manhã e um novo dia tinha começado. O pai levou-a à faculdade, no maior silêncio, apenas lhe desejou um bom dia e perguntou se ela estava bem, ao que lhe foi respondido um sim decidido, mesmo que ela não estivesse realmente bem.

Saiu do carro do pai, que estacionou à entrada da universidade. Ficou parada, enquanto via o veículo afastar-se pela rua. Olhou, depois, directamente para a entrada. Só faltavam alguns minutos para o tempo das aulas, mas, de repente, Amara não se conseguia lembrar de onde devia estar àquela hora. Tinha pensado que estar na universidade seria bom, graças à habitual agitação do ambiente, queria afastar da cabeça a imagem de Vanessa, a marca da fúria no rosto. Não sabia ainda se tinha estado lá, apenas se lembrou de acordar na cadeira na entrada do hospital. Teria sido mesmo um sonho, talvez. A Vanessa nunca se chateava com ninguém, nem sequer quando estava



mesmo zangada ela chegava a vias de facto.

Agora desejava estar mesmo em casa, não queria regressar aos estudos. Não teria nem mentalidade para tal. Por esse motivo, vagueou sem sentido, com o som dos ténis a bater na calçada. Era uma sensação esquisita. Ela estava estranha, mas talvez não estivesse mal. Nem ela sabia descrever o sentimento. Um homem vestido de branco encontrava-se sentado num banco no outro lado da rua. Ele parecia olhar para ela directamente. Ela foi até ele.

— Posso sentar-me? — Perguntou. O homem estendeu a mão direita, autorizando.

— Minha querida, a vida tem altos e baixos, como um batimento cardíaco. Se parar, deixa de haver vida. — Ele falou, enquanto olhava para a frente. Amara ficou a olhar para o homem.

— O que me está a querer dizer?

— Abre os olhos para a tua volta, tenta ver além de ti. Tu tens uma vida grandiosa pela frente, uma vida boa, a seguir o teu Senhor. Mantém a cabeça erguida e salva a ti e aos teus, acima de qualquer coisa. Mas afasta-te das más energias até que as tuas pernas te doam.

O homem levantou-se do banco e caminhou com passo lento para longe. Amara ficou tão pensativa que só notou que ele se tinha afastado quando cruzou a rua. Não iria correr até ao senhor. Deixou-se ficar pensativa, enquanto caminhava até à universidade.

A campainha soou, despertando-a dos seus devaneios. Por momentos, deixou-se ficar à entrada da sua sala, a contemplar o interior repleto de rostos ansiosos e curiosos. Os olhares penetrantes das suas amigas Telma, Olga e Irene latiam sobre ela como faíscas.

— Querida, acho que devias sentar-te, podes só sentar-te e assistir. — O professor foi atencioso.

— Não — Deu um passo para trás. —, desculpe professor, mas eu não tenho como conseguir ficar aqui.

Toda a gente na sala parecia estar a olhar para ela, como se se tra-

tasse apenas de um único rosto.

Começou a recuar para o corredor, mas o professor ficou com uma expressão séria. Aproximou-se dela e puxou-a pelo ombro com alguma brusquidão.

— Alguém tem de manter ordem neste dia bizarro. — Disse, a puxá-la e a fechar a porta da sala.

Amara lá se sentou e ficou a ouvir a aula, que parecia demorar bem mais do que era. Quando tocou para a saída, as quatro amigas reencontraram-se no corredor. Todas se cumprimentaram. Foi ali, naquele momento, que Amara percebeu que não tinha sido cumprimentada por nenhum colega, como era antes de tudo aquilo acontecer. Antes do dia anterior. Antes do ocorrido com Vanessa.

— Ainda não consigo acreditar. — Recomeçou Irene. — Acerca da Vanessa.

— Pois, talvez nós as quatro pudéssemos ir ao hospital mais tarde, se... — Amara começou.

— Eu não consigo ir para lá. — Olga reclamou. — Detesto hospitais.

Amara até sabia que era verdade. Irene estremeceu ao lado da líder, revelando que sentia o mesmo que a rapariga. Telma fez um ar desagradado.

— Não quero vê-la. Não quero ter pesadelos com isso.

— Desculpa, achas que estamos a ser más amigas? — Irene perguntou, quase arrependida do que tinha questionado.

— Não. — Amara respondeu com um sorriso. Pelo menos, Irene tinha chamado de amiga à Vanessa, seria uma mudança boa. Mas o que ela não sabia era que se tratava dela mesma e não da colega. — Eu entendo.

As três tentaram sorrir, mas havia algo ali por baixo do olhar pesado e triste. Só não sabia identificar o que seria.

— Ela vai ficar bem. — Continuou Amara, a passar boas vibrações.

— Claro que vai. — Concordaram as três ao caminharem juntas até à casa de banho feminina.

## Capítulo 29

Na parte da tarde, depois do almoço, Amara ficou no seu quarto até chegar a altura do horário das visitas. Encontrava-se em pesquisas, com o seu computador portátil ligado. Teria de continuar a desvendar sobre a seita e sobre convulsões. Passou mais um tempo no portal, onde leu alguns depoimentos e comentários de usuários.

A certa altura, o seu telemóvel recebeu o som de uma notificação. Pegou nele ao seu lado na mesa e percebeu que ocorreu no seu WhatsApp. O grupo que ela tinha com as amigas tinha recebido uma actualização, após dois meses sem nenhuma resposta. Ao que parecia, todos os colegas da universidade falavam sobre Vanessa. A foto da estudante com as cuecas à mostra estava a ser passada por todos como uma daquelas antigas correntes do falecido Orkut. Alguém a devia ter tirado com um telemóvel, logo a seguir àquilo ter acontecido. Uma imagem tremida dos rins nus da Vanessa, uma franja de cabelo a cobrir-lhe o rosto, que quase a fazia chorar, e a roupa interior a descoberto.

*“Alguns perguntam se ela tomava a pílula”* – Comentou Olga no

grupo das amigas.

*“Achamos que deverias saber antes que chegasse a foto até ti”* – Enviou Irene.

Amara perguntou-se por que havia tudo de ser sobre sexo. Não fazia mais sentido pensar noutra razão? Ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar no que Irene tinha perguntado. Será que era uma má amiga? Havia algo que elas nunca referiam: a seita. Estariam a descuidar-se?

*“Vocês acham que não deveria ser pela seita?”* – Questionou Amara.

Segundos depois, apenas Irene respondia um: *“Não sei...”*.

Olga e Telma deixaram de se mostrar disponíveis. Amara respirou fundo e colocou o telemóvel no silêncio, retomando a sua pesquisa. Claro que olhou, de seguida, para o objecto. Pegou nele e tentou ligar para o doutor Pedro, que não a atendeu. Deixou o telemóvel na mesa e continuou a investigação sozinha.

As horas passaram. Telma chegou a casa e preparou-se para tomar um banho, esfregando a pélvis com toda a força, até queimar. Ainda se sentia esquisita lá em baixo, como se houvesse algo errado. Quando pensava no próprio corpo, em todas as partes que nem sequer conseguia ver, não era de admirar que alguma coisa pudesse correr mal. Todos aqueles nervos macios, os impulsos...

Tinha saído da segunda aula da palestra de autoajuda a pensar que estava a sentir-se diferente. Nem comentou com as raparigas, decidiu manter o pensamento e o sentimento para si mesma. Enquanto terminava de se limpar, tentou afastar aqueles devaneios da mente.

Depois do banho, atirou-se para cima da cama, abriu um livro de História e começou a lê-lo. Lembrava-se de ter lido que Cleópatra ainda era virgem quando se tinha escondido para ir ao encontro de Júlio César. Oferecer-se ao conquistador foi fundamental para chegar ao poder. Cleópatra também tinha enfeitado Marco António. Aque-

la cena parecia bastante erótica.

A casa estava em silêncio e isso deixou-a feliz, enquanto sentia um sentimento estranho dentro dela. Pegou no telemóvel, a tentar desviar aquele pensamento. Ligou para Amara. Ao segundo toque, foi atendida. Cumprimentaram-se.

— Cheguei há pouco tempo a casa. Acho que sonhei que a Vanessa nos andava a chatear, outra vez. — Tentou rir-se.

— A chatear? — Amara riu-se do outro lado. — Porquê?

— Sei lá, só sei que depois quis ligar para ti. Talvez ela te tivesse telefonado.

Amara fez uma pausa, a tentar perceber como é que Telma podia ter pensado uma coisa daquelas. Mas a verdade é que ela não estivera no hospital. Não tinha visto a Vanessa e nem a mãe dela. Não tinha ouvido aquela conversa sobre o coração da colega, que o pai lhe tinha dito no hospital.

— Não me parece que isso venha a acontecer tão depressa. — Assegurou.

— Eu sei, vemo-nos amanhã, Amara. — Telma tinha uma voz arrastada e estranha. Amara reparou, mas nada disse.

— Está bem. — Respondeu. Queria dizer mais alguma coisa, mas não se lembrava de nada que viesse a propósito.

## Capítulo 30

Ao acordar, Irene pensou por momentos que já estava na palestra. Sentia o corpo preso a uma cadeira. Porém, sentia o peito frio e cheio de ar, uma sensação esquisita que lhe persistia desde a saída da sala.

Olga tinha tomado um banho de água fria, pelos sonhos eróticos que teve durante a noite, bem diferente do que tinha sentido no dia após o exercício prático no sítio arqueológico.

Amara acordou a sentir o pai tenso. Ao que ouviu, ao tomar o pequeno-almoço, foi que o director continuava sem obter nenhuma informação sobre Vanessa e os pais dos estudantes não paravam de telefonar. Ao levá-la à universidade, o prefeito tinha-se apercebido da exaustão que a possuía, mas também da atenção. Talvez ela precisasse de uma distração, talvez fosse realmente o que toda a gente precisava.

A primeira aula da manhã passou sem que as amigas se reencontrassem. Amara foi novamente passada despercebida pelos colegas, percebendo que aquele seria o seu novo normal.

— Então tudo vai acontecer normalmente, mesmo sem a Vanessa?

— Indagou Amara.

Estavam as quatro raparigas na casa de banho feminina.

— Acho que sim. — Respondeu Olga, dentro de um cubículo. Ouvia-se o barulho de urina a cair no vaso sanitário. — Acho que eles querem que isto vá para a frente na mesma.

Irene estava ao lado de Amara, Telma encontrava-se a trocar de roupa interior. A roupa estava encharcada. Sabia-se lá se era de urina, ou de corrimento.

— E ainda bem. — Concordou Telma, que surgiu do cubículo. — Pela Vanessa. Para lhe enviar pensamentos positivos.

Amara passou os dedos pelos cabelos e decidiu não dizer nada.

— Amara — Começou Irene. —, alguma vez te aconteceu sentir que vai acontecer uma coisa má, embora não saibas o quê?

— O que é que queres dizer? — Inquiriu. As coisas más, para ela, eram surpresas desagradáveis, como a ida à gruta.

— Aposto que a Vanessa nunca imaginou que lhe ia acontecer aquilo. — Adiantou Telma. — Seja lá o que for aquilo que lhe aconteceu.

— Talvez tenha imaginado. — Falou Amara. — Nós estávamos mal dispostas, Telma. Isso não aconteceu há muito tempo. — A líder queria falar da gruta, mas parecia que nenhuma das raparigas se lembrava mais disso, talvez porque não tinham mais pesadelos, nem se sentiam esquisitas.

— Sim, mas já não nos sentimos assim. Deviam ter ido à gruta. — Falou Olga, a sair do cubículo, depois de ter feito barulho ao puxar a descarga.

— Nós vamos ter boas notícias. — Decidiu Amara. — A nossa amiga é forte.

— A tua, queres tu dizer. — Falou Olga, a lavar as mãos.

Os telemóveis das quatro soaram ao mesmo tempo. Todas tinham recebido a mesma mensagem: “*A mãe da Vanessa não deixa ninguém*”



*vê-la e o hospital já mandou notícias para a comunicação social”.*

De seguida, as quatro procuraram por notícias. Chegavam bombardeios de última hora: “*Estudante de arqueologia sofre de epilepsia*”. Olharam umas para as outras.

— Eu tentei ligar ao doutor Pedro, ele não me atendeu, deve estar ocupado com tudo isto. — Confessou Amara.

— É normal.

A verdade foi que, após aquela chuva de notícias vindas de vários meios de comunicação, as aulas passaram a ser sem telemóveis guardados em malas, ou em bolsos de calças. Eram guardados pelos professores em sacos. Seria uma nova realidade e um novo dia-a-dia.

# Capítulo 31

Amara estava no meio de devaneios de que não queria sair. Lembrou-se da enfermeira da universidade, o antebraço molhado pela dentada que Vanessa, supostamente, lha teria dado. Ela fora uma testemunha, sim, mas não fazia realmente grande ideia sobre o que tinha acontecido e testemunhado.

A princípio, só conseguiu ver a cadeira vazia de Vanessa. Mas, então, olhou para o professor à sua frente e tomou atenção a si mesma. Tinha estado de olhar fixo no chão. Sentiu um calafrio. Quase nem percebeu bem em que momento em que o pescoço começou a esticar-se para trás. Percebeu apenas o rosto a tremer e depois contorcer-se. Os pés da cadeira chiaram no chão e o pescoço virou tanto para trás que pareceu que a cabeça tinha saído do corpo.

Desapareceu durante um pequeno instante e todos se viraram para Amara, chocados, levantando-se das cadeiras.

*“É outra vez, está a acontecer igual à Vanessa.”* – Pensou Amara, apenas por um segundo.

Rapidamente, alunos e o professor iam até ela.

— Todos para trás. — Pediu o docente, com os braços bem abertos, enquanto Amara, espumava pela boca. — Deem-lhe espaço.

Algures surgiram flashes de uma câmara. As raparigas tiravam fotografias de Amara caída no chão, da mesma forma como Vanessa ficou dias antes.

— Parem com isso! Larguem esses telemóveis! — O professor gritou, ao perceber que alguns alunos o tinham enganado na entrada da sala, ao entregarem os objectos. De seguida, virou-se para Amara. — Querida, estás bem?

Amara tinha como se fosse uma película, algo que a fazia piscar os olhos sem parar. Nesse momento, o pescoço dela voltou a atirar-se para trás, com tanta força que todos acharam que iria dar algum estalido, o corpo dela entregou-se a uma fúria de movimentos involuntários, todos os membros mexeram-se e recomeçou a espumar da boca. O professor simulou a posição de segurança, para que ela não mordesse a língua, colocando-a de lado.

Amara voltou a si, abrindo os olhos e tomando consciência.

— Estou bem. — Sussurrou ela.

## Capítulo 32

Amara, na casa de banho, com a cabeça pousada na parede, esforçava-se para manter a respiração lenta. Tinha acabado de sonhar com a sua própria convulsão. Ao olhar para o relógio, reparou serem quatro da manhã. Novamente.

Molhou o rosto e voltou para a cama, onde conseguiu adormecer novamente até às seis, mas ela não acordou realmente com o toque do despertador, mas sim por uma chamada. Não conseguiu atendê-la, mas uma mensagem tinha surgido antes pela mesma pessoa que lhe telefonava. Olga tinha lhe enviado mensagem pelo WhatsApp do grupo das amigas, onde apenas dizia duas palavras: “*Irene morreu*”.

Amara levantou-se à pressa, enquanto o sol começava a reluzir nas ruas. Aos poucos, a notícia do suicídio de Irene ocorria por entre mensagens dos alunos e até professores eram comunicados por telefonemas. O pai de Amara levou a filha até casa da amiga. Preocupados, saíram os dois do automóvel, já próximos da casa pequena, mas amável, de onde paravam jornalistas a tentarem captar qualquer movimento.

Enquanto o prefeito entrava em casa sem ser travado em nenhum momento, pois já o conheciam, Amara viu as amigas juntas no outro lado da estrada, a olharem estupefactas para o interior da habitação. Aproximou-se delas.

— Vocês souberam o que aconteceu? — Perguntou a líder.

— Foi tal e qual o que aconteceu com o meu gato. — Respondeu Olga. — Ele tombou para o chão depois de se ver com os pulsos cortados.

— O teu gato foi mordido por um cão, Olga. — Telma revirou os olhos, impaciente. — Não teve nada a ver com a Irene.

— Estão a dizer que ela cortou os pulsos? — Amara pareceu estupefacta. As duas afirmaram com a cabeça.

— Até à morte. — Respondeu Olga.

Amara não queria sequer imaginar a cena dentro do quarto de Irene. Nem sequer imaginar que ela estaria morta. Só conseguia pensar em Irene e Vanessa, em camas de hospital, lado a lado, os braços ligados a um amontoado de fios e tubos. As duas com as testas enfaixadas e as bocas abertas. Se aconteceu isto às amigas dela, a próxima seria ela. Até porque já tinha sonhado com a sua própria convulsão.

Mas isto não aconteceu com Irene. Ela não tinha desmaiado, nem sofreu nenhuma convulsão na universidade. Nunca tinha tido o mesmo ar que Vanessa exibia. Talvez devido ao pacto de sangue que fez. Claro que parecia esquisita, talvez, ultimamente, amargurada, mas era diferente da reacção de Vanessa.

— Vocês sabem se isto aconteceu devido ao vosso pacto? — Amara questionou.

Telma e Olga olharam uma para a outra, antes de se virarem para a amiga. Olga encolheu os ombros.

— Não sei e acho que não vou querer saber, até porque a minha autoestima está em percentagens normais.

— Acho que isto nos tem acontecido por causa da gruta. Tenho

andado em pesquisas. Vocês conseguiram alguma coisa? — As duas voltaram a olhar-se. Telma respondeu novamente por palavras.

— Eu acho que elas dormiram no mesmo sítio. A Vanessa e a Irene.

— Sim, continuamos a achar que elas deveriam ter apanhado algo juntas. Ou então a Irene estava mesmo mal da cabeça e matou-se, sem nos revelar nada, nem dar sinais. Acontece. — Olga falou, triste.

— Podem achar o que quiserem, só sei que a imagem da gruta não me sai da cabeça. Eu sonhei com a minha própria convulsão na universidade, dentro da sala, igual à Vanessa. Ando com medo. Mas parece que vocês não sentem o mesmo.

— Deixámos de sentir desde que fizemos o pacto. — Telma respondeu.

— Sim, e a Irene acabou de se suicidar. Não acham estranho? — Amara não estava a acreditar no que estava a ouvir. — A boca da Vanessa espumou, a língua dela saiu para fora da boca assim. — Esticou a língua empurrando-a com força para um canto.

— A enfermeira foi mordida, Amara. — Olga falou. — Ela disse-me quando fui lá tentar saber novidades da Vanessa.

— Vai que temos vampiros em terra, como as coisas que ela lia nos livros de fantasia dela. — Telma disse, ao olhar para Olga.

— Eu sei que a Vanessa pode ser a tua amiga, Amara, mas não se livra de ter más questões a rondarem sobre ela sobre o que aconteceu. — Olga acrescentou.

Amara ficou calada. As amigas tinham enlouquecido. Apenas se ficou a olhar para a entrada da casa da amiga, que se amontoava cada vez mais de jornalistas.

## Capítulo 33

No hospital, o doutor Pedro acabava de ver a notícia de última hora no telemóvel. Fez o sinal da cruz e olhou para o seu lado direito, enquanto guardava o objecto no bolso da bata branca. Vanessa encontrava-se adormecida em cima da cama de hospital, ligada a fios. Os seus batimentos cardíacos estavam calmos. A cicatriz na testa estava a ficar maior a cada dia que passava. Não era da batida na mesa, era a mancha da seita. Ela, em breve, converter-se-ia.

Antes tinha cismado que se tratava daquelas gripes enormes e apenas de uma jovem diagnosticada com epilepsia. Mas não era bem assim. Ele sabia do que se tratava, só queria não ver a realidade à frente do seu nariz.

Vanessa era uma jovem caloura, não só da cidade, como da universidade, mesmo que já fosse o seu segundo ano. Conheceu a mãe dela vagamente, mas ainda menos conhecia a filha. Dizia-se que o pai fugiu com uma estrangeira, deixando a mãe de Vanessa passar uma “*fase complicada*”, que devia estar relacionada com a enorme quantidade de garrafas de vinho vazias no caixote de reciclagem em

casa e o facto de mal conseguir sair da cama, mas nunca ninguém lhe tinha contado mais nada. Eram boatos e boatos têm o significado que têm. A presença da Vanessa na cidade fez-se de forma mais regulada, depois desta suposta situação. A beleza da jovem fazia o sexo oposto suspirar e o sexo feminino roer-se de inveja. No entanto, tanto quanto conseguira perceber, a estudante nunca dormia demasiado, inclusive a mãe tinha-lhe dito ao chegar ao hospital, desesperada. O choro dela também era quase inexistente. Talvez o boato tivesse sido real.

Mas, naquele momento, o que o preocupava não era o passado de Vanessa, mas sim o futuro... que não era risonho. Apertado pela seita, ele sabia que tinha de se tornar incontactável para Amara e para as amigas dela, ou acabaria morto. Ele era um médico, a sua missão seria sempre salvar vidas, e ele teria de salvar a de Vanessa, que estava ali, desprotegida, mas, ao mesmo tempo, guardada. Ninguém a mataria no hospital. Contudo, se Amara, de certa forma, demorasse muito, Vanessa acabaria dada para o Inferno. Respirou fundo e olhou para o tecto, fazendo uma reza e pedindo a Deus que intervisse e que guiasse Amara até Vanessa com rapidez e antes das Trevas atingirem totalmente a jovem à sua frente.

Ao voltar o olhar para a estudante, reparou que ela tinha os olhos abertos. Assustou-se por alguns segundos, inclinando-se de seguida para ela.

— Consegues ouvir-me? — Vanessa afirmou com a cabeça, levemente. — Como te sentes? — O doutor sorriu de forma doce.

— Com dores e cansada.

— Cansada? — O médico ergueu uma sobrancelha, curioso.

— Cansada de correr.

— O que aconteceu, querida? — Vanessa fez tensão de que se queria sentar, o médico ajudou-a. — Podes contar-me. Aqui estás em segurança.

— Eu sonhei o tempo todo em que estive adormecida, doutor. —



Começou a chorar. As lágrimas que poucos viram cair durante muito tempo, o médico via-o agora.

— O que sonhaste? — Colocou a sua mão por baixo da mão da jovem.

— Eu descobri tudo. Eles contaram-me por sonhos. A minha convulsão... foram eles. Porque eu estive no esconderijo deles, eu estive lá na gruta.

O médico afirmou com a cabeça.

— Sim, eu recebi a visita de um deles no meu consultório. Eu vou ajudar-te. Não posso é fazer nada por mim mesmo. Temos de ser cuidadosos. — Vanessa também confirmou com a cabeça. — Liga para a Amara e diz que estás contactável, mas não fales de mim, eles podem tentar saber algo por ti. — O médico fez uma breve pausa. — E a tua amiga Irene não teve a mesma sorte.

Vanessa olhou tristemente para o doutor.

— Eu sei, eu sonhei com ela. Ela suicidou-se, não foi?

— Sim, mas não sei ainda se teve mesmo dedo dessa seita.

— Teve. Eles estiveram com ela, antes dela ser obrigada a cortar os pulsos no meio do ritual. Eles beberam o sangue dela, doutor. — Vanessa sussurrou, chocada. O médico afirmou com a cabeça lentamente. De seguida, olhou para a mesa ao lado da cama, onde estava o telemóvel da jovem. A estudante pegou no objecto e marcou o número de Amara.

Na sala da casa, no instante em que o telemóvel começou a tocar, Amara desatou a correr até ao quarto, pegando nele na mesa de cabeceira. Olhou para o visor. Vanessa. Clicou no verde, a tremer.

— Vanessa?

— Olá, Amara. — A voz soava cansada.

— Estás bem, o que é que...?

— Olá, Amara. — Repetiu.

— Olá. — A líder sorriu. — Como estás? O que te disseram no

hospital? Por que me ligas?

— Uma pergunta de cada vez. — Pediu. — Olha, eu não sei quanto tempo tenho sem ser observada por eles — Amara identificou no segundo seguinte de quem a colega se referia e apenas sussurrou um “*sim*” —, então ouve-me e não fales. — Amara calou-se. — Eu estou bem, sonhei com eles, sei o que aconteceu com a Irene, foram eles, tenta descobrir mais, tenta ver-me, fizeram-me uma série de exames, no início fizeram-me contar até duzentos, eu estou bem de cabeça, estou a passar por uma transformação, o sinal da testa não é uma queda, está maior e faz parte dessa transformação, volta a ligar ao doutor, não serás atendida, deram-me uma coisa laranja para beber, quase vomitei.

— Deve ter sido apetitoso. — Amara sentiu vontade de interromper a lista de informação.

Vanessa soltou um pequeno riso.

— Deixa-me falar, Amara... Injetaram-me soro, mas não é isso que me vai manter sã para sempre. Eles querem-me. Mas, para todos, será apenas algo estranho, do stress, eles não querem que nada diferente venha a público. Não fales com a Telma e nem com a Olga, por favor. Eu tive sempre a noção de que ia acontecer algo verdadeiramente assustador. Não sei quando entro em contacto, só fica com estas informações e tenta descobrir mais sobre mim e sobre eles.

Amara sentiu que a chamada tinha terminado. Apenas ficou a olhar para o telemóvel, pensativa. Foi muita informação que teve de escrever, logo de seguida, num caderno. Então era aquilo? Vanessa tinha a sua mente, o seu corpo e o seu coração fraco e inconstante ligado a eles? Tudo estava a tornar-se numa única entidade e encontrava-se a ocorrer uma mudança. Então isso também significava que o sonho que teve era real. Ela viu mesmo Vanessa num espelho, uma Vanessa que não era.

## Capítulo 34

Nesse momento, ouviu batidas na porta do quarto. Era o pai, quando o viu enfiar a cabeça e espreitar.

— Querida...

— Sim, pai. — Amara decidiu sentar-se na cama, cruzando as pernas. Tinha recebido um enorme excesso de informação.

— Quem era?

Amara lembrou-se do que Vanessa lhe tinha dito. Não podia contar à Olga e nem à Telma, então também não contaria ao pai. Não! Estava a vida da Vanessa em perigo, ela não iria quebrar aquele pedido.

— Um colega a querer saber da notícia da Irene.

— É muito triste que ela tenha feito aquilo. Tu reparaste em alguma coisa? — Perguntou, enquanto entrava no quarto.

— Não, mas nunca se consegue perceber essas coisas. — Respondeu, triste. O pai mudou de assunto.

— A mãe da Vanessa ligou finalmente. Informou o director que a Vanessa estava a passar por um momento de muito stress e por isso adoeceu. — Amara afirmou com a cabeça. — Quando acontecem

coisas deste género, podem muito bem transformar muita coisa no corpo.

— Acredito que sim. — Concordou.

— E tu? O que pensas?

Amara encolheu os ombros.

— Não sei. Todas nós estávamos atarefadas com o estudo.

— Bem... temos de esperar e ver.

— Ela vai ficar bem? — Mesmo que Amara tivesse a certeza de que o pai não iria saber o verdadeiro motivo de Vanessa estar no hospital, queria que alguém lhe desse uma resposta positiva à pergunta.

— Claro que sim. — Sorriu.

— Eu hoje não queria ir para a universidade. Não estou em condições. — Pediu.

— Claro, querida. Entendo. Fica por aí, fica onde quiseres.

— Eu vou ficar por casa.

O pai despediu-se. No instante em que ele saiu, quis saltar da cama e visitar Vanessa, mas não podia. Só podia apenas fazer o que ela lhe pediu: pesquisar e tentar saber mais sobre ela e sobre a seita. Decidiu ligar o seu portátil e navegar pela Internet, percebendo que no portal saberia saber mais informações sobre o que estava a acontecer. Reparou que já havia um novo tópico com o nome de Irene como título. Achou estranho. Clicou nele e reparou nos comentários. Um print de uma das notícias estava no topo, seguida por uma lista de opiniões de usuários.

*“Mais uma”*

*“Mais cinco envolvidas”*

*“Tem a ver com todas elas”*

*“Isto é só o começo”*

*“Será que ainda é possível salvar as outras?”*

Salvar as outras? O que estariam a dizer? Amara sentiu que teria que criar conta no portal para poder entrar em contacto directo com

a pessoa que escreveu o último comentário. Com e-mail e nome de usuário falsos, criou conta e decidiu começar uma troca de palavras escritas com a pessoa com o nome Seita04none.

*“Olá, eu gostaria de saber como é que estas jovens podem se salvar.”*

Foi rapidamente atendida, ao perceber que a pessoa se encontrava online.

*“Olá, User0673! Se elas forem católicas e acreditarem em Deus, é possível.”*

Amara ficou pensativa.

*“E se elas já forem católicas?”. – Escreveu.*

*“Todas dizem ser, mas, no fim, quando isto acontece, acabam por se separar da luz certa”.*

*“E se pudéssemos travar isto?”.*

*“Não sei se outros podem travar. O que acontece é que eles querem convencer-nos de que estão a ajudar as jovens, mas estão é a matá-las, ou a convertê-las. É uma espécie de assassínio, por simples indiferença quanto à humanidade”.*

*“Mas essas jovens, pelo que sei, vão à Igreja ao Domingo e vão a palestras”.*

*“Palestras? De falsos coaches? Isso é conversa fiada para profissionais. Nós expomos as jovens aos perigos, sem sabermos. Eu sei do que falo. Perdi uma familiar assim”.*

Amara ficou surpreendida e pensativa, ao mesmo tempo. Sabia que iria ficar muitas horas ali no quarto a pesquisar. E teria a desculpa perfeita para continuar lá: Fazer o luto de Irene sozinha.

## Capítulo 35

No dia seguinte, Amara percebeu ter adormecido com o portátil ligado, ou melhor, desligado já que tinha perdido a bateria durante a noite. Sentiu ter tido um sono inquieto. Sonhou com Vanessa no hospital, a contar os segundos até à sua morte. Se aquilo era uma premonição, então teria de ser rápida.

Estava já na cozinha quando o seu telemóvel tocou. Ao vê-lo, reparou ser uma mensagem de Telma: *“Não vou à escola hoje, estou maldisposta. Desculpa”*.

Depois de tudo o que tinham passado, Amara ainda estava preocupada por obrigar Telma a ultrapassar o dia com ela. Não tinha esse direito. Olhou para o pai, ao guardar o objecto.

— A Telma está doente, não vai hoje.

— É compreensível.

O prefeito levou a filha à escola, que caminhou com passo decidido até à casa de banho. Queria acordar em definitivo e acalmar o coração que batia rapidamente dentro do peito.

— Parece que tivemos as duas a mesma vontade. — Olga sorriu

ao sair de um cubículo, enquanto via Amara a molhar o rosto. Quando se virou para trás, reparou na vestimenta da amiga. Camisola de alças e saia. Raramente, Olga usava saia. Tinha umas meias brancas que lhe chegavam quase ao joelho, como se ela fosse uma versão mais velha de menina da escola primária. Viu, enquanto a amiga organizava a saia, um sinal de pentagrama no interior da sua coxa. Ela não tinha aquilo antes.

— O que é isso? — Amara perguntou, levantando a saia, para voltar a ver o sinal.

Olga tirou a mão da amiga da sua saia.

— Chiu, Amara! Fiz uma tatuagem.

— De um pentagrama na coxa?

— Sim, porquê? Algum problema?

— Um pentagrama, Olga? — Amara ficou séria.

— É de tanto pesquisar sobre essas coisas. Qualquer dia dou em maluca. — A líder tentou desvalorizar. — Os restos já não estão na sala de anatomia humana. — Referiu, enquanto molhava as mãos.

— Como assim? — Amara olhou-a surpreendida.

— Desapareceram. Podes ir lá ver tu. — Olga encolheu os ombros.

— Alguma de vocês colocou novamente lá?

— Talvez a Irene, eu e a Telma não fomos. Conteí a ela ontem e ela negou.

Seria impossível perguntar à amiga recentemente falecida. Enquanto pensava, quase nem percebeu que Olga tinha se despedido dizendo que iria ver Telma depois das aulas. Pegou no seu telemóvel, guardado no bolso das calças, e lembrou-se de ligar novamente para o médico, que, tal como Vanessa lhe tinha dito, não a atendeu.

## Capítulo 36

Olga estava em casa de Telma. No quarto da amiga, as duas jovens, vestidas ambas de saia, abraçavam-se sentadas na cama. Talvez não fosse um simples abraço amigável, já que Olga tinha as suas pernas em cima das pernas de Telma. As duas sussurravam palavras que não foram totalmente ouvidas, mas sentia-se uma sensação de prazer no ar.

Um estremecer. Amara acordou do seu sonho esquisito. Estava a suar. Era a primeira vez que sonhava com Olga e Telma como amantes, ou como namoradas. Amara nem sabia como definir. Pegou no telemóvel, pousado na mesa de cabeceira, e tentou ligar para Telma, mas não foi atendida. Talvez ela dormisse. Olhou para o relógio do objecto. Quatro da manhã. Novamente. Acabaria por chegar uma altura em que teria de se habituar àquilo. Àquela nova normalidade. Se não morresse...

Bem, na verdade, já se estava a habituar ao facto de ser totalmente passada despercebida pelos colegas, agora só faltavam os sonhos, ou os pesadelos, às quatro da manhã.



Duas horas depois e acordava com alguma enxaqueca. Tomou o comprimido, após comer o pequeno-almoço na cozinha, e foi levada para à universidade pelo pai. Mais um dia.

Caminhou, mais uma vez, pelos corredores, sem ser reconhecida por nenhum colega. Talvez ela tivesse passado a ser a esquisita. Não sabia ainda definir o que tinha acontecido com ela, ou definir a situação que tinha ocorrido ali desde a convulsão de Vanessa. Viu Olga e Telma sozinhas à entrada da porta da sala onde teriam a primeira aula. Elas riam-se com algo que estava na cabeça de Telma. Quando se aproximou, as duas amigas cumprimentaram-na, a sorrir.

— Tentei ligar para ti. Tive mais um pesadelo esquisito. — Disse Amara para Telma.

— Estava a dormir. Só vi de manhã. Desculpa. — Ela fez um ar arrependido. — A minha mãe ficou com o meu telemóvel durante o dia inteiro de ontem, por causa do computador e das fotos e do resto.

— Percebo. — Concluiu Amara. Esperava bem que a amiga não estivesse a mentir, se bem que seria bem verdade a mãe dela ter-lhe ficado com o telemóvel para que ela não visse aquelas fotografias tristes de Vanessa que ainda passavam como se fosse uma corrente de Orkut.

— A minha mãe acha que não nos devemos meter com a Vanessa. Ela pode ter passado por alguma coisa estranha, algo que pode passar, sei lá. Ela tem a mania das doenças. — Amara concordou. Ela conhecia bem a mãe de Telma. — A mãe da Vanessa também anda bem em baixo, cruzei-me com ela ao ir para a escola, no meio da estrada. Parece que não dorme faz um ano.

— O que sabes tu disso? Conheces a mãe da Vanessa? — Inquiriu Amara.

— Nem por isso, mas parece-me que ela não é pessoa com quem se queira estar nesta altura.

— Conta-lhe da rapariga. — Pediu Olga, a dar uma pequena

cotovelada em Telma.

— Ah, foi uma coisa que vi online. Uma rapariga de dezasseis anos que ficou muito doente, já há muito tempo. Os olhos começaram a ficar encovados e ela rebolou pelo chão. O corpo dela começou a dar espasmos e a dobrar-se. Os pais chamaram o médico e quando ele chegou a rapariga começou a abrir a boca e saiu de lá um prego.

— Estás a brincar. Andaste a ver O Exorcista. — Amara não acreditou.

Telma revirou os olhos e foi ao seu telemóvel.

— Bom, a internet nunca mente. — Comentou, ao mostrar a página no seu telemóvel à amiga. Mostrou a imagem da jovem de dezasseis anos com uns olhos grandes e a boca aberta.

— Isto é realmente uma grande ajuda. Obrigada, Telma. — Comentou Amara, de forma irónica. Aquilo não tinha acontecido com a Vanessa. Era a seita, mas, a pedido da colega, não podia contar às amigas. Só não sabia exactamente por qual motivo.

— E o que é que aconteceu a seguir? — Quis saber Olga.

— Não li o resto da notícia. Mas como queimaram muita gente numa praça, acredito que ela tenha morrido também queimada.

Amara sentiu o estômago revirar. Colocou na mão na boca e caminhou até à casa de banho feminina. Entrou num cubículo, seguida por Telma e Olga. Colocou-se de joelhos e começou a vomitar, enquanto Olga agarrava-lhe no cabelo. Ao levantar a cabeça, reparou que dentro do vaso sanitário estava sangue. Colocou a mão na boca, chocada. As amigas olharam chocadas também para Amara.

— Calma, Amara, vamos para tua casa. — Falou Olga. — Depois falamos com o teu pai.

— Consegues andar?

Amara afirmou com a cabeça, enquanto Olga dava a descarga. A líder lavou os lábios e seguiu com as duas amigas ao lado a tentarem segurá-la, caso ela caísse. Amara ainda conseguiu pegar o crucifixo

que andava sempre no seu bolso. Agarrou-o, sem o tirar de lá, e rezou com voz baixa.

A estudante realmente caiu, sentiu uma vertigem quando já estava fora da universidade e depois viu tudo escuro. Tudo isto numa fracção de segundos.

\*\*\*

Acordou em cima de uma cama. Olga e Telma estavam em roupa interior, em frente a ela. Tocavam-na. Amara percebeu-se também em roupa interior, com uma tinta vermelha a fazer-lhe um risco no meio da barriga que ia até à sua intimidade. Gritou, mas percebeu não conseguir. O maxilar dela deu um pulo para a esquerda e, de seguida, para a direita. Ela agarrou-se ao lençol e posicionou o rosto contra a almofada de costas, com força, para tentar parar o movimento involuntário. As amigas viam-na sem dizerem nada.

Quando tudo parou, Olga e Telma aproximaram-se dela, com olhares de desejo. Amara saiu a correr, para se desenhencilhar delas, pegando na roupa. Correu, saiu da casa, que reparou ser a sua, e entrou no seu carro, conduzindo para o local onde saberia que estaria bem: o hospital.

## Capítulo 37

Estacionada no parque de estacionamento do hospital, Amara estava com os olhos no telemóvel. O coração batia desenfreado. Já estava novamente vestida. Vestiu-se à pressa dentro do veículo.

*“Doença misteriosa atinge jovem de universidade.”* – Dizia uma das manchetes. Falava de Vanessa.

*“Uma jovem estudante de arqueologia suicidou-se.”* – Dizia outra manchete.

Havia uma grande foto de Vanessa e de Irene, cortada. Na versão original, Amara estava ali, ao lado de Vanessa. Elas tinham tirado aquela fotografia para o jornal da faculdade. Provavelmente, teria o mesmo fim que Irene. O que raio teria acontecido no quarto? Olga e Telma estavam diferentes.

*“... Vanessa, de vinte anos, permanece inconsciente no Hospital...”, “Os médicos não confirmam qualquer ligação entre o seu estado e o que ocorreu com a colega de turma, Irene, também de vinte anos”. “Vanessa foi submetida a vários exames e uma fonte anónima confirmou que os resultados encontram-se ‘na faixa normal’, sendo,*

*muito provavelmente, algo relativo a stress escolar”.*

A meio da página, vinha um pequeno aviso: “*O HPV é sério: Previne-se*”.

Estavam a colocar a Vanessa como se ela tivesse alguma doença sexualmente transmissível? A comunicação social, às vezes, era intragável.

Mais em baixo, havia um depoimento da mãe de Vanessa que, pela primeira vez, falava a algum jornalista sobre o assunto. Não quis lê-lo. Passou à frente. Refletiu. Os adultos queriam proteger os pequenos corpos, mas esqueciam-se de que não estavam a protegê-los de outro tipo de mal: o maligno. Lembrou-se da conversa que trocou com o usuário do portal. Ele tinha razão. Todas aquelas palestras eram de falsos moralistas e falsos coachs. E Telma e Olga andavam nesses eventos. Elma esteve nesse evento. Agora não restavam dúvidas: Elma foi morta pela seita. E, se não salvasse as amigas, elas seriam também mortas por ela. Pegou do bolso o seu crucifixo e rezou com os olhos fechados. Dentro do seu carro, no banco de trás, estava uma Bíblia. Parou de rezar quando ouviu uma voz grave masculina.

— Tu viste? — Virou-se para trás. O mesmo homem que viu na entrada da universidade estava ali, sentado no banco ao lado da Bíblia.

— O que está aqui a fazer?

— Eu? Eu vou ser o teu anjo da guarda, o teu cuidador, Amara. — Fez uma breve pausa. — Sou Deus.

Ela abriu a boca, em espanto. Então era ali que estava Deus!

— Por que demorou?

— Não demoro, eu chego quando tenho de chegar. — Sorriu, amável. — Quero que saias deste carro e entres no hospital. Precisas de salvar a tua amiga e ir à gruta com ela.

— À gruta? Mas a Telma e a...

— Elas já não me pertencem. — Soou triste. — Nunca me pertenceram, na verdade. Tu tens de salvar a tua amiga.

— Mas e o doutor?

— O doutor Pedro está convosco. Ele vai ajudar-vos em terra, mas eu estou aqui. — Apontou para cima. — Vou guiar-vos para o sucesso. Só preciso que acreditem em mim. Eu estou aqui. — Sorriu.

Amara sorriu também, aliviada. Agora tinha o estímulo que precisava: Deus. E onde está Deus? Com ela.

## Capítulo 38

Assim que entrou no hospital viu um cartaz sobre vacinas e sobre o HPV. A “*estadia*” da Vanessa criava isto. Deus, ao lado dela, passava por entre algumas pessoas, que não sentiam absolutamente nada. Amara reparou nisso, mas não se atreveu a falar, até porque poderia ser vista como louca. Cumprimentou a recepcionista.

— Venho falar com... — Deus sussurrou para ela. — Bianca Bernardo. — Ela repetiu. Não sabia dizer quem era ela, mas a recepcionista assentiu logo com a cabeça e deu-lhe as indicações sobre onde estaria o quarto.

Ela e Deus caminharam pelos corredores. Sozinhos, ela pôde fazer a pergunta.

— Quem é a Bianca Bernardo?

— Uma jovem diagnosticada com leucemia, recentemente. Pode receber visitas.

— Mentiu para que eu pudesse chegar à Vanessa?

Deus riu-se.

— Não, minha querida. Não deixa de ser verdade. Tu vais vê-la

também. Estás comigo.

— O quê? — Não percebeu.

— Eu tenho de a visitar. Ela tem rezado muito por mim. Vais ficar bem agora sem mim. — Sorriu. — Boa sorte!

Deus deixou-a sozinha, ao entrar no quarto do lado direito. Amara engoliu em seco e caminhou até onde Vanessa estava. Olhou para o número da porta. Quarto número 400. 400? Quatro da manhã, era visto como 4:00 nos relógios. Abriu a boca em espanto. Aquele era o número do quarto de Vanessa. Uma premonição. Entrou, surpreendida pela descoberta. Viu a colega com a língua para fora e os olhos tapados pelo cabelo, totalmente vestida de branco, de pé ao lado da cama. Sussurrava com uma voz lenta e arrastada. Por momentos, lembrou-se de uma personagem de um filme de terror. Gritou quando a jovem correu até ela.

\*\*\*

Um inesperado coro de gritos irrompeu da casa de banho.

— Põe os dedos na boca dela. — Gritava alguém.

De repente, a voz dela soou num sussurro.

— Sou eu. — Lamentou-se, com voz baixa. — Agora sou eu.

Telma e Olga, ao lado de Amara, tentavam segurá-la. Quando a sentaram, ela tinha uma mancha de sangue nas costas da camisola, por causa das repetidas pancadas da cabeça no chão.

— Tu estás bem, só te assustaste e caíste. — Disse o professor, como se ela tivesse simplesmente levado com uma bola na cabeça.

— O que é que aconteceu? — Sussurrou alguém, Amara poderia jurar que seria a voz do director.

— Ela estava de pé e depois caiu de repente. — Era a voz de Olga. Amara nem a via, a visão ainda estava desfocada, mas já tinha despertado os sentidos.

— Ela estava ao meu lado. — Disse Telma. — A cara dela começou a ficar branca.



Amara fechou os olhos, percebendo que ainda não estava em condições para ver com qualidade. Quando a visão começou a ficar normalizada, reparou estar na enfermaria. Sozinha. Foi ao bolso das calças. O crucifixo mantinha-se num dos bolsos, o telemóvel no outro. Havia uma longa mensagem de Telma, dividida em sete ou oito partes, nem conseguiu contar. Leu-a sentada, na cadeira em que estava.

*“Estava com medo... do que aconteceu contigo... Começaste a espumar... igual à Vanessa... e tremeste... Eu e a Olga ficámos preocupadas... A Olga até chorou... Foi traumático”.*

Amara pensou no que lhe tinha acontecido. Se ela teve a convulsão na casa de banho, então ela vomitou mesmo sangue. Mas a chegada de Deus foi tudo um sonho? Ela não esteve no quarto da Vanessa? Ela nem sequer viu Telma e Olga juntas no quarto dela? Mas pareceu tão real.

Navegou pela Internet. Entrou no portal. Um novo tópico tinha sido criado: com o nome dela. Assustou-se. Além disso, tinha uma notificação de mensagem privada. Primeiro leu o que tinham escrito: *“Amara, colega de Irene e de Vanessa, sofre convulsão na universidade”*. – Dizia em letras maiúsculas, apenas.

Respirou fundo e fechou os olhos. Ela teria de salvar Vanessa e a si mesma, ou estaria morta.

Na sala do director, o pai de Amara conversava com a mãe de Vanessa, que foi chamada à universidade, após a convulsão da líder das amigas.

— Ela não estava com bom aspecto. — Disse o director, para os dois progenitores.

— Isto é de loucos. Vou ver se consigo descobrir alguma coisa. — Comentou o prefeito.

— Os estudantes são capazes de poderosas reacções emocionais quando não conseguem dormir. — Desvalorizou o director. Claro, ele

não queria alarmismos na universidade. Os pais respiraram fundo.

— O que eu sei é que a notícia já chegou à comunicação social. —  
Afirmou a mãe de Vanessa, com pesar.

O director ficou subitamente alarmado. Na universidade não. Não, novamente.

\*\*\*

Todos os arcebispos, ou profetas, viam o vídeo da convulsão de Amara, numa televisão.

— Finalmente. — Disse o líder, vestido de negro, em volta da mesa. — Apanhem-na! O Senhor da Luz está a querê-la. Despachem-se! — Soou impaciente.

Fechou o casaco e saiu da sala. Um dos profetas pegou no seu telemóvel debaixo da batina branca e marcou um número de uma pessoa conhecida: Telma.

De portáteis abertos, professores fitavam e comentavam horrorizados as imagens de Vanessa e de Amara, que tinham sido colocadas online.

O doutor Pedro, no quarto de Vanessa, também via o vídeo. A cabeça da estudante a embater no piso da casa de banho, a tremer, a espumar da boca. Mostrou o telemóvel a Vanessa, deitada na cama de hospital, que também viu. Bufou.

— O que pode acontecer agora, doutor? — Soou triste.

— Por agora temos de esperar. A Amara vai conseguir chegar a ti.

— Como? Ela está a ficar como eu. E eu não tenho muito mais tempo. Já nem sequer acredito em Deus.

— Mas a Amara sim, ela sempre foi crente.

## Capítulo 39

Ao sair da enfermaria, Amara enviou uma mensagem a Telma, precisava de falar com ela, precisavam de falar da seita. Ela quis desligar o telemóvel, fazer parar a corrente de mensagens que quase faziam o objecto bloquear, mas alguma poderia ser da Telma.

*“Temos que nos encontrar para falar da seita e da gruta”* – Escreveu. Os maus pensamentos assolavam-na sem parar. As notícias espalhavam-se como pólvora. Procurou por mais, enquanto esperava o pai, que terminava de falar com o director. Todos falavam em doenças sexualmente transmissíveis.

O pai aproximou-se. Amara guardou o telemóvel.

— Como estás?

— Melhor, pai. Desculpa, acho que foi o stress. — Teria de mentir. Ainda queria se salvar e à amiga.

— Anda, vou levar-te para casa.

— Não, na verdade, queria ir para casa da Telma. Mandeilhe mensagem, mas ela não me respondeu.

— Os alunos foram para casa hoje mais cedo, ela deve estar cansada. Mas, se estiveres bem, posso levar-te.

— Não precisas de te incomodar, deves querer ir para o trabalho. Eu tenho carro, posso ir até lá. — Sorriu, a tentar convencer o pai.

Ele respirou fundo a olhar atentamente para a filha. Colocou as mãos nas ancas e analisou-a. Amara permaneceu o sorriso.

— Ok, podes ir vê-la.

E foi o que aconteceu. Amara chegou a casa pelo pai, que conduziu até ao posto de trabalho, depois de a deixar próxima do carro dela. Antes de entrar no veículo, entrou em casa e pegou nas chaves do carro. Aproximou-se dele. Respirou fundo. Tinha de saber se o que tinha acontecido em casa dela era sonho, ou realidade.

Enquanto conduzia, pensava na forma como morreu Irene, ou como poderia ter morrido Elma. Pensou nas jovens que morreram nas mãos de seitas espalhadas pelo mundo, nos esqueletos deixados na gruta...

Estacionou em frente à casa da amiga e saiu disparada até à porta. Tudo estava estranhamente quieto e sossegado. As cortinas estavam fechadas. Conteve-se na porta. Fez tensão de que ia bater nela, com o punho fechado, mas reteve-se. Percebeu que estava entreaberta. Com o dedo indicador direito abriu-a, de forma sorrateira, enquanto entrava. Alguém sussurrou. Não era uma voz feminina. Soube que se encontrava na sala, por uma vela de cor vermelha que iluminava o local em silêncio. Caminhou na direcção que as velas indicavam. Alguma coisa estranha se passava, mas Amara não voltou atrás. Ouviu cada vez mais perto o sussurro, até que estacou na porta do quarto da amiga, que se encontrava também entreaberta. Ao abri-la da mesma forma que a porta da rua, viu primeiro Olga, completamente despida, seguida de Telma, igualmente desnuda. Depois ergueu o olhar e viu o profeta que deu a missa a Amara. Vestido de branco, ele esboçava um sorriso. Aquele sorriso do pesadelo. Todos eles tinham aquele sorriso. Todos os da seita faziam aquele sorriso maléfico. Piscou os olhos com força, sem querer acreditar no que via, mas apenas viu

flashes do pentagrama na coxa de Olga e frases entrecortadas do que as amigas diziam, desvalorizando tudo o que se passou com Vanessa. Quando manteve os olhos abertos, Olga e Telma estavam prestes a tocá-la. Ela gritou, enquanto o profeta tentava agarrá-la. A estudante afastou-se, com repulsa, das amigas e mexeu no crucifixo que estava no seu bolso, tirando-o e colocando-o em frente ao profeta, que re-traiu-se bruscamente.

— Vão-se embora! Afastem-se de mim! — Gritou, enquanto caminhava para trás até à porta e fugia logo em seguida.

Correu até ao carro e conduziu, enquanto pegava no seu telemóvel. Não poderia estar a sonhar, não poderia! Marcou o número do pai e, com o objecto encostado ao ouvido, esperou ele atender, enquanto guiava com pressa. Tinha medo de que elas viessem atrás dela, ou que o profeta viesse atrás dela. O pai atendeu ao segundo toque.

— Amara, o que se passa, querida? — Ele soou preocupado.

— Pai, vai a casa da Telma, vai com polícias, só vai, por favor, agora! — Pediu, com a voz alterada.

— O que estás a falar? O que viste?

— Só vai, pai, não faças perguntas agora.

— Amara, o que se passa?

Nesse momento, o prefeito ouve um estrondo do outro lado, sendo cortada a ligação no segundo seguinte. Olhou para o telemóvel, preocupado. Saiu do seu gabinete, logo em seguida, apressado.

“Ajuda-me!” – Amara ouviu, em forma de sussurro. Era a voz de Vanessa.

“Eu estou contigo, Amara.” – Ouviu o homem vestido de branco, que se identificava como Deus.

“Salva-te!” – Pediram várias vozes femininas.

Sussurros ecoavam de todos os lugares da sua mente, enquanto um fio de sangue corria pela testa, que tinha batido com força no volante do carro, acabado de embater contra uma árvore.

## Capítulo 40

A líder das amigas abriu os olhos aos poucos. Primeiro piscou-os, de seguida, abriu-os completamente, tentando habituar-se à luz das lâmpadas. Estava tudo em silêncio, apenas ouvia-se batimentos cardíacos. Levantou a mão e tocou na testa. Sentiu um curativo. Ouviu passos. Uma bata branca aproximou-se. Ela estremeceu inicialmente, mas depois reconheceu o rosto do doutor Pedro.

— Finalmente acordaste, Amara! — Ele soou com voz aliviada.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, rouca.

— Tiveste um acidente de carro. Bateste com a cabeça no volante e vieste aqui parar. — Apontou o dedo para o lado direito. — Olha quem ali está.

Amara seguiu na direcção do dedo. Vanessa estava sentada numa outra cama de hospital com um curativo enorme na testa. Ainda pôde reparar algo negro que saía do que se encontrava tapado. Estava a formar-se uma nódoa negra gigante. Ela sorriu.

— Estás bem?

— Sim. — Tentou sentar-se, o médico ajudou-a. — Então o que

aconteceu foi real? — Vanessa afirmou com a cabeça. — Mas o que realmente aconteceu? Eu nem sei como definir...

— A Olga e a Telma são meretrizes dos profetas.

Amara ficou levemente pensativa.

— Eu vi a marca de um pentagrama na perna da Olga.

— Sim, identifica bastante o que ela é. — Respirou fundo. — Por isso é que elas fizeram o pacto de sangue. Quando o fizeram, deixaram de ter sintomas.

— Então o sonho que eu tive... Eu estive aqui?

Vanessa fez uma careta.

— Em presença física? Não, mas quis visitar-te no sonho. Na verdade, foi uma premonição. — Fez um estalido com a língua. — Mas, entretanto, acordaste e viste-me de outra forma.

O doutor interveio na conversa.

— Nas notícias soube-se que a Telma e a Olga suicidaram-se. — Fez uma pausa. — Mas sabemos que não foi bem assim.

— Sim, a seita matou-as, porque o plano correu mal. Eles não imaginavam que iriam ter uma fanática por Deus. — Permitiu-se rir levemente.

— Vocês devem ir à gruta juntas. — O médico comentou, olhando de seguida directamente para Amara. — Assim que estiveres melhor.

Amara olhou para Vanessa.

— Mas dissemos que não iríamos.

— Não é para fazerem pactos de sangue. — O doutor referiu. — É para queimarem o esconderijo deles. — Caminhou até uma mesa que tinha quatro gavetas, abriu a primeira da direita com uma chave e tirou uma Bíblia Sagrada. De seguida, aproximou-se das camas. — Levem esta Bíblia e usem o crucifixo da Amara. Antes disso, para entrarem na gruta usem a testa da Vanessa. E uma coisa muito importante: Lembrem-se sempre dele. — Apontou para o céu. As duas seguiram o olhar para o tecto. Sorriam agradecidas para o médico.

## Capítulo 41

Foi dentro de um cesto de roupa suja que Vanessa e Amara se enfiaram para poderem sair do hospital. Vanessa, com uma chave de um carro na mão, apenas reparou se o automóvel preto se encontrava onde o médico lhe tinha dito da última vez. Identificou-o e aproximou-se, com Amara ao lado. O penso ainda revestia a “ferida” na testa da estudante, para não receber atenções do povo, se bem que era já de noite, passava das três da manhã. Assim que entraram dentro do veículo, olharam uma para a outra.

— Estamos mesmo prontas para isto? — Perguntou Amara, sentada no lugar do condutor.

— Temos de nos salvar. — Vanessa sorriu, simpática.

E decidida, Amara colocou as mãos no volante e conduziu até à gruta, que não estava, naquela hora, em silêncio. O líder mostrava-se furioso, mas resignado. Por um lado, sabia que Amara iria fugir, seria difícil conseguir chegar à rapariga, bem religiosa.

— O que fazemos agora, Senhor? — Inquiriu um dos três profetas que estavam no local.



— Agora teremos a nossa última chance. — Sussurrou, amargo.

— E se, por algum motivo, não conseguirmos? — O mesmo profeta falou, com a voz a tremer. Todos os homens vestidos de branco engoliram em seco.

— Iremos embora, como sempre foi.

— Sem a alma?

— Sem a alma. — Repetiu, com voz grave e forte.

Quando as raparigas pararam o carro e saíram de dentro dele, os profetas já se tinham ido embora de dentro da gruta, depois do líder. No entanto, ainda sentiram uma brisa esquisita roçar por entre as suas orelhas. Olharam-se ao sentirem aquela estranheza, mas Amara, bem agarrada à Bíblia, estendeu a mão direita a Vanessa, que a agarrou, indo juntas até perto da pegada. A estudante tirou o penso da testa e ali Amara pôde ver realmente o tamanho enorme da nódoa negra, que já fazia um efeito de pentagrama.

— O que pode acontecer se isso aumentar mais? — Sentiu-se a perguntar, curiosa.

— Torno-me vítima deles. — Respondeu, ao colocar-se de joelhos sobre a pegada, enquanto Amara iluminava o local.

Quando a porta abriu-se, tudo assumiu um ar misterioso. Conseguiram ouvir sussurros de risos que poderiam até ser do centro do pensamento delas, mas não, estavam dentro da gruta. Podiam jurar que seriam de Olga e de Telma, mas não, aqueles não eram os risos delas, Amara nem sequer reconhecia aqueles gargalhares, de todo.

Porém, assim que entraram, viram as duas jovens, com olhares maléficos dirigidos a elas. Amara estendeu o crucifixo, mas elas riram.

— Isso não vai funcionar. — Comentou Olga.

— Estamos mortas. — Acrescentou Telma.

As duas estenderam os braços até a um canto. Vanessa e Amara seguiram com o olhar. Estavam ali as duas jovens, mortas, ainda

cobertas de terra, talvez acabadas de desenterrar de alguma valeta, encostadas a uma pedra grande. As duas “*recém-mortas*” riram-se ao perceberem que colocaram as duas estudantes estupefactas.

— Eu era vossa amiga. — Amara souu magoada.

Telma e Olga pararam de rir, ao sentirem o poder daquelas palavras. Olharam-se.

— Nós não queríamos que tu nos odiasses. — Olga começou, com uma voz que entoava quase um pedido de desculpa.

— Começaste a falar com a Vanessa e percebemos que tudo começou a mudar. — Telma acrescentou, igualmente arrependida.

— Por que fizeram isso? — Amara questionou.

— Nós não fizemos nada, nós só tivemos sorte de não sermos puras. — Olga respondeu, encolhendo os ombros.

— A Irene e a Elma não tiveram a mesma sorte. — Telma esticou o braço para o outro lado que tinha dois corpos. Vanessa conseguiu identificar imediatamente serem das duas jovens. Amara semicerrou os olhos, para conseguir fazê-lo.

Começou-se a ouvir estalidos e sussurros. Olga e Telma desapareceram rapidamente, como se tivessem sido duas bactérias a serem limpas por um aspirador. Sussurraram vindo do lugar onde os seus corpos estavam. Amara estremeceu. Vanessa tocou-lhe no braço, dando-lhe algum conforto. Nesse momento, as duas veem três profetas vestidos de branco. Todos reconhecidos por elas. Ao longe, vestido de negro, estava um homem. Elas só o puderam reconhecer pelo sorriso que, por algum motivo, era o único a estar iluminado. Elas reconheceram aquele sorriso, era o mesmo do pesadelo. Mas, agora, a atenção teria de se voltar para os profetas, que se colocavam em forma de círculo ao redor delas. Vanessa e Amara deram as mãos e Amara abriu a Bíblia numa página já marcada por um marcador amarelo. Amara ditou umas rezas, enquanto os profetas declamavam outras rezas numa outra língua. Tudo ao mesmo tempo. Duas forças

juntas. O mal e o bem. Que tentavam vencer.

A situação pareceu mudar quando Vanessa abriu os olhos e colocou a mão no bolso das calças de Amara, que continuou a rezar, sem reagir. Percebeu imediatamente que a colega tirou o crucifixo de dentro e ergueu-o. Surgiu uma imagem branca, a reluzir, Amara reconheceu o homem. Vanessa abriu a boca em espanto. Os profetas pararam de declamar, ficaram cegos com a luz. Deus sorriu para elas e olhou com tristeza para os profetas.

Onde Está Deus? Ali.

## Capítulo 42

Uma luz invadiu toda a gruta, sussurros foram ouvidos. Quando a luz perdeu intensidade, os profetas já não estavam ali, mas ouviu-se um tiro. O líder levantou uma pistola e dirigiu-se para as raparigas. Elas estacaram, com medo.

— Não me vão escapar, nem que para isso vos use como alimento para o Senhor. — Sussurrou, maléfico.

Deus olhou benevolente para o homem vestido de branco. De seguida, olhou para as jovens.

— Rezem, chamem por mim. — Pediu, calmamente. Elas assentiram. O líder desvalorizou os acenares de cabeça, enquanto continuava a aproximar-se delas e atirava, sem nunca atingi-las. Vanessa já fechava os olhos, com receio de que alguma bala a atingisse, enquanto Amara rezava alto, com força. Balas voavam por entre a luz, mas nunca tocava nas jovens. Os esqueletos brilhavam, dando força às raparigas. Aquele não era o esconderijo, nem o local sagrado da seita, aquele era o túmulo dela, porque as suas vítimas estavam ali. Vítimas de anos e anos, que viam a sua justiça nunca ser feita. Indirectamente,

ajudavam as estudantes a vencerem o mal. Queriam ter o descanso merecido. Até mesmo aquelas que tinham sido retiradas debaixo da terra depois de sepultadas. Era crueldade feita por falsos coachs e falsos religiosos. Quando o líder encostou a arma na testa de Amara, as balas tinham terminado. Gritou.

— Eu irei voltar. — E correu. Praticamente fugiu da gruta. As raparigas fecharam os olhos e desfaleceram, caindo de joelhos no chão, agarradas. A luz desapareceu quando abriram os olhos. Choraram de felicidade.

\*\*\*

A gruta estava em silêncio, sem qualquer vestígio de restos mortais. Amara e Vanessa rodeavam-se em volta de uma fogueira, cansadas, no lado de fora. Criada por paus de madeira e um isqueiro, olhavam para as labaredas e para os esqueletos a serem, finalmente, queimados. As vítimas teriam o valioso descanso. Vanessa respirou fundo.

— Consegui. — Amara sussurrou. As duas sorriram uma para a outra.

— Conseguimos. — Rectificou. Fez uma pausa. — Por momentos achei que iria morrer. Achei que não irias conseguir ajudar-me. Se não tivesses essa coragem, eu provavelmente já não estaria aqui.

— Morrerias?

Vanessa afirmou com a cabeça.

— Mas tu não, Amara. Tu não és pura. — Amara tinha mantido esse segredo para toda a gente, até das suas amigas, mas não de Vanessa. Por esse motivo, é que ela deixou de ter as atenções masculinas. Depois das notícias de que Vanessa sofria de alguma doença sexualmente transmissível.

— Queriam recrutar-me?

— Sim. — Respirou fundo. — Eu juro que pensei que iria morrer, que tu não me irias ajudar. — Na mão, ainda tinha o crucifixo. Esticou o braço, tentando entregar a Amara, que negou com a cabeça.


— Tu precisas de abraçar Deus. O bom Deus. O bom Senhor. — Sorriu.

— Eu vi-o, Amara.

— Eu também. Ele esteve connosco.

— Mas onde é que ele está agora? — Questionou, a olhar para o céu.

— Deus? — Amara também olhou para o céu. — Onde está Deus? — Fez uma breve pausa, a sorrir de alívio e de felicidade. — Deus está em todo o lado.



Amara Correia, jovem estudante de arqueologia e dedicada líder cristã, vê sua vida perfeita transformar-se em um pesadelo após descobrir os restos mortais de uma colega durante uma visita de estudo. Ao se deparar com forças malignas, Amara enfrenta alucinações, ataques de pânico e convulsões, temendo pela sua própria morte.

A jornada espiritual de Amara a leva a questionar intensamente: Onde Está Deus? Em meio ao caos e à escuridão, ela busca respostas, desafiando sua fé e confrontando o desconhecido. Uma narrativa envolvente que explora os limites entre a crença e a dúvida, enquanto Amara enfrenta os terrores sobrenaturais e se esforça para encontrar a divindade perdida em meio ao desconcertante enigma da existência.

